



O ESCÂNDALO DA ITT

DL

dominical

Sindicância aos grupos multinacionais



Os documentos revelados pelo colunista político Jack Anderson (foto ao alto) sobre a intervenção da ITT contra a posse de Allende no Chile levaram o Senado norte-americano a organizar desde já vas-

ta sindicância às empresas multinacionais, que com frequência se sobrepõem à política da Casa Branca e agem no cenário internacional como se fossem um poder independente. (P.2)



LIZA EVOCA JUDY

LEIA HOJE

ISABEL
DA NÓBREGA

URBANO
TAVARES
RODRIGUES

TORQUATO
DA LUZ

CARLOS
PORTO

ARMINDO
BLANCO

Ela é Liza Minelli, a filha da inesquecível Judy Garland. No seu último filme, «Cabaret», o maior sucesso actual nos cinemas norte-americanos, ela evoca a mãe, que desapareceu em condições tão trágicas. O «DL»/Dominical obteve em exclusividade uma entrevista com Liza e publica-a nas páginas centrais, amplamente ilustrada

A
Mosca
PICA HOJE

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



AS EUSEBIAS

Os amigos chamam-lhes «as eusebias»: são as duas filhas do casal Eusébio/Flora, que esta semana o «DL»/Desportos foi conhecer e hoje apresenta aos leitores. O suplemento apresenta também a famosa coluna «De Praça a Praça», de Neves de Sousa, e três entrevistas sobre a crise técnica que o Futebol Clube do Porto atravessa, depois de o seu «team» principal já ter conhecido, esta época, três técnicos. Na foto: Flora e as «eusebias»

“O RECADO” EM DEBATE

PÁGINAS
TRÊSISEIS

SINDICÂNCIA ÀS COMPANHIAS MULTINACIONAIS

WASHINGTON — A Comissão Senatorial de Negócios Estrangeiros decidiu realizar uma grande sindicância sobre a influência das companhias multinacionais gigantes na política externa dos Estados Unidos, começando pela Internacional Telephone and Telegraph Corporation do Chile. Será uma sindicância em «profundidade», num campo inexplorado, como acentuou o presidente da Comissão, William Fulbright. Um dos objectivos principais, segundo o senador Frank Church, será o de examinar «em que medida os interesses das companhias americanas num determinado país, poderiam estar em conflito com os interesses nacionais dos Estados Unidos».

Para começar a comissão solicitou à ITT que lhe submeterse todos os documentos respeitantes às suas operações no Chile entre 1 de Setembro e 1 de Novembro de 1970. Essas datas vão desde a eleição de Salvador Allende, o candidato marxista, até a confirmação de sua eleição à presidência pelo Congresso chileno. Os documentos tornados publicos pelo jornalista Jack Anderson sustentam que a ITT, a CIA e o Departamento de Estado trabalharam para impedir

a subida de Allende ao poder.

Na quinta-feira, a administração Nixon declarava que «rejeitava qualquer ideia de ter impedido» o processo eleitoral no Chile, e a ITT já havia desmentido anteriormente qualquer ingerência.

Os membros da comissão senatorial decidiram, portanto que nenhum depoimento referente à ITT e ao Chile será feito enquanto a Comissão Judiciária do Senado não tiver terminado os depoimentos em relação a Richard Kleindienst e sua nomeação para o posto de procurador-geral. Trata-se dos depoimentos a propósito das acusações segundo as quais certos negócios da ITT, transgredindo a lei anti-«trust», teriam sido realizados através de uma contribuição de pelo menos 200 mil dólares para a



convenção nacional republicana de 1972.

Também não será realizado nenhum depoimento público no processo da ampla sindicância sobre outras companhias multinacionais antes das eleições presidenciais de Novembro, afim de que os reflexos políticos de tal sindicância não venham a prejudicar ninguém.

Se bem que as alegações relativas ao papel da ITT no Chi-

le tenham «precipitado a abertura» desta nova sindicância, indica Fulbright, o assunto será motivo de estudo para um ano ou mais.

O «leader» republicano High Scott precisou aos jornalistas que «as vantagens» ocasionadas pelas companhias multinacionais seriam também examinadas, bem como o auxílio que trazem à balança de pagamentos americana. Em suma, diz Fulbright, «o que é bom e o que é mau».

A sindicância será prolongada, provavelmente, a acontecimentos como o conflito entre a Internacional Petroleum Corporation e o Peru, a respeito das expropriações de 1968; o papel das firmas petrolíferas gigantes americanas no Oriente Médio e em outros locais, e o papel das companhias americanas que têm filiais na Europa Ocidental e em outras regiões.

Mas enquanto o senador Jacob Javits sustenta que se tratará de um trabalho «muito completo e inteligente», numerosos membros da Comissão perguntam, em particular, se o grupo terá tempo e energia para dedicar a uma sindicância de tal envergadura. A Comissão é conhecida pelo seu absentismo, que deverá aumentar em período eleitoral, a que ocupa muitos de seus membros.

Por
MURRYE
MARDER

Exclusivo
«The Washington
Post» / «D. L.»

SETE DIAS NO MUNDO

A crise chilena

O Governo chileno divulgou esta semana mais uma tentativa das direitas para o derrubar, substituindo-o por militares. Foi a segunda vez, desde que Allende obteve a votação popular que lhe abriu o caminho para a presidência, que a direita tentou o golpe. A primeira, como todos estão lembrados, levou ao assassinio do general René Schneider, na altura comandante em chefe das forças armadas do país. E tal como da primeira vez, também este falhanço serve os interesses de Allende. As tentativas de golpe de estado, enquanto goradas, só podem dar mais apoio popular ao Governo e, ao mesmo tempo, fazer com que o centro se sinta coibido de atacar frontalmente a Unidade Popular, pelo menos enquanto esses ataques possam aparecer como convintes de uma extrema direita terrorista e golpista à boa maneira sul-americana. Após o assassinio de Schneider, o Governo de Frei, então nos seus últimos dias, foi forçado a nomear um investigador para o caso que tinha o apoio da Unidade Popular. Agora, a Câmara dos Deputados já nomeou uma comissão especial para investigar os factos revelados pelo jornalista americano Jack Anderson. Anderson escreveu que a monstruosa empresa ITT, coligada com a CIA (John McCone, antigo chefe da CIA, faz parte do conselho de administração da ITT, e confirmou a tentativa), estavam envolvidas numa tentativa de golpe de estado no Chile. De que o Governo do presidente Allende está a passar por uma fase difícil não parece haver grandes dúvidas. Mas a verdade é que este golpe lhe veio dar uma preciosa ajuda para ultrapassar esta fase difícil. Não que os perigos de um golpe de estado estejam definitivamente afastados. Mas os golpes vão-se tornando mais difíceis à medida que as tentativas forem abortando. Quanto mais não seja porque os mais decididos contra-revolucionários vão ficando pelo caminho, que é como quem diz, pela cadeia. A gravidade da situação para o governo popular pode afeirar-se pela sua recusa em ir para um plebiscito, pedindo aos eleitores para aprovarem a sua proposta de revisão constitucional. Essa revisão constitucional, tal como o Governo a propôs e não com as cerceantes emendas que a oposição impôs no Congresso, permitiria, como disse Allende no princípio do seu mandato, «alterar a legalidade burguesa dentro da legalidade burguesa». Mas a verdade é que o Governo não quer o plebiscito para já, ao mesmo tempo que a oposição não se cansa de pedir que ele seja feito. As razões que levam a Unidade Popular a adiar o plebiscito podem ser duas, ou ambas em conjunto. Por um lado, pode haver — é mesmo natural que haja — o risco de perder o plebiscito. Por outro, devido à agitação das direitas no país, uma consulta popular tão decisiva como esta seria, poderia desencadear uma violência difícil de controlar. Sabendo-se como as direitas desejariam aproveitar, e até fomentar, essa violência, e não se sabendo até que ponto o exército permaneceria quieto perante uma tal situação, o Governo não pode arriscar. Esta é mais uma razão para considerar os golpes de estado abortados como um auxílio para o Governo de Allende. As razões são sensivelmente as mesmas. Contudo, Allende não pode manter o país indefinidamente numa situação a que poderíamos chamar de aconstitucional. O plebiscito terá de fazer-se, mais cedo ou mais tarde. E a Unidade Popular não poderá arriscar-se muito a perdê-lo. Nesse sentido, parece claro que a ocupação de terras, fora da programação da reforma agrária, só podem prejudicar a posição face ao eleitorado do regime. Mas a sua represália seria ainda pior.

rece, teria mesmo divulgado a sua intenção de conceder um adiamento ao seu prazo para executar o dirigente da Fiat na Argentina. O episódio vem, de novo, colocar a questão dos raptos políticos. Este pelo menos não tem obtido o apoio popular que Marighella preconizava para todas as acções deste género. Dizia o brasileiro que apenas se devia raptar indivíduos que fossem imediatamente realcionados pelo público com as forças opressivas. Não parece ser esse o caso de Sallustro. Por isso, quando o Governo não cede, o ERP não sabe o que fazer. Matá-lo seria uma medida impopular. Não matar é perder crédito. Coisas que só acontecem e quem nelas se mete...

QUINTA-FEIRA

Outro caso de rapto político termina mal. Foi na Turquia. Os raptados eram três técnicos de radar, dois ingleses e um canadiano. Morreram os três, acompanhados do seu sangrento fim por nove raptadores e um advogado que servia de intermediário entre o Exército Popular da Libertação da Turquia e a polícia. Além das mortes, foi ainda preso um dos dirigentes do EPLT. Poder-se-á talvez perguntar, tecnocráticamente, onde está a rentabilidade?

O Governo do general Banzer, na Bolívia, decidiu expulsar do país 119 soviéticos da embaixada da URSS em La Paz. Entre os que teriam de abandonar o território, que o general conquistou a outro general, contava-se uma perigosa menina de quatro anos e o poeta Yevtuchenko, que, em tempos, andou por lá.

SEXTA-FEIRA

Forças do Vietname do Norte e da Frente de Libertação desencadearam uma ofensiva em grande escala, a sul da zona desmilitarizada que separa os dois Vietnams. Segundo as informações de Saigão, foram evacuadas cinco bases na região. Esta ofensiva coincide com o recrudescimento dos combates nos planaltos centrais no Vietname do Sul e na região da antiga capital imperial de Hué. Poucos dias antes, os guerrilheiros Khmers haviam mostrado o que são capazes e a liberdade com que se movem no Camboja ao efectuarem um violentíssimo ataque a Phnom-Penh. Perante estes factos, aliados a uma precária situação no Laos, onde o Neo Lao Aksat mantém a pressão, os «estrategas» de Washington preocupam-se. E têm de quê. É toda uma política de «vietnamização» que está em causa. Mais do que isso, é uma antevista do que acontecerá após a retirada americana.

SÁBADO

A União Soviética advertiu os opositores alemães ocidentais de que, ou concordavam com os tratados entre o seu país e a URSS e a Polónia, ou não haveria tratados. Moscovo cortou assim as esperanças cristãs-democráticas de rejeitar os tratados para os rever mais tarde, quando regressasse ao poder. A URSS foi perentória dizendo que não haveria revisões dos textos com outro Governo em Bonn. Ao mesmo tempo, os observadores pensam que a situação em Berlim pode vir a deteriorar-se, caso Bonn não ratifique os tratados que reconhecem a derrota da Alemanha e as suas consequências.

Londres, preocupada com a situação na Irlanda do Norte continua a enviar reforços para a província. Não se sabe bem se os militares ingleses e escoceses não se verão obrigados a disparar sobre os protestantes.



A. VILLVERDE CABRAL

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

SEGUNDA-FEIRA

Os extremistas protestantes não aceitaram de ânimo leve a transferência do poder de Belfast para Londres. Duzentos mil trabalhadores protestantes da Irlanda do Norte entraram em greve e quase paralisaram a província. Embora o «leader» deste movimento seja William Craig, um demagogo ao melhor estilo de Ian Paisley, a verdade é que ele é seguido pelos trabalhadores. A questão que imediatamente se pode colocar é a de que ainda se está muito longe daquilo por que Bernadette e outros católicos têm vindo a dizer que estão a lutar: a união de todos os trabalhadores da Irlanda do Norte, independentemente da religião que professam. A manifestação mostra, talvez mais do que a greve, levada a cabo pelos partidários de Craig, evidência disso mesmo. O militarismo de aparência religiosa tem ainda uma importância decisiva no conflito.

TERÇA-FEIRA

As autoridades da Alemanha Oriental abriram as portas, permitindo a entrada de cidadãos de Berlim Ocidental no seu território. Além do facto de este gesto não se realizar há já seis anos, deve registar-se que as visitas podem ser tanto a Berlim Oriental como ao resto do território da RDA, que podem ter um carácter turístico e durar três dias, no caso de visitas familiares. Esta decisão, que a RDA classificou como um «gesto de boa-vontade», foi interpretada como fazendo parte de uma campanha para facilit

tar a ratificação dos acordos germano-soviéticos e germano-polacos pelo Parlamento de Bonn. Como se sabe, a oposição cristã-democrática da Alemanha Ocidental tem lutado pela rejeição dos acordos.

O sínodo cipriota (três bispos) voltou a pedir a arcebispo-presidente Makarios que se demita das suas funções temporais.

QUARTA-FEIRA

Depois de se ter anunciado que Oberdan Sallustro havia sido morto pelos seus raptadores do Exército Revolucionário Popular, veio-se a descobrir que a notícia era falsa. O ERP, pa-

Trofanil sob observação

Por
THOMAS PATRICK
«The Guardian» / «DL»

GENEBRA — Não há razão para se interromper o fabrico de «Imipramina», mais conhecida pelo público pela designação de «Trofanil» — afirmou um informador dos laboratórios suíços Ciba-Geigy.

As investigações empreendidas pelo cientista australiano dr. William McBride forneceram a indicação de que aquele anti-depressivo pode provocar deformidades nos nascituros se a mãe o tomar nos primeiros tempos de gravidez.

Poderia estar-se, pois, perante um novo caso «Talidomida».

«O «Trofanil» só pode ser tomado por indicação médica», afirmou aquele informador, que acrescentou: «A embalagem e a literatura

que acompanha o produto contém todas as advertências necessárias. O «Trofanil» está a ser utilizado em todo o mundo, de há dez anos a esta parte, nos casos depressivos mais agudos. Temos estado em contacto com o dr. McBride e tentamos fazer, dentro em breve, uma declaração pública sobre o assunto.»

«A embalagem contém a advertência de que o produto é contra-indicado para as mulheres grávidas. Antes do lançamento do produto fizemos um elevado número de experiências com animais, a fim de estudarmos os seus

efeitos a curto e longo prazo.»

«Os nossos padrões e normas são os da «American Food and Drugs Agency». Utilizamos sempre tais padrões e normas tendo em vista o mercado americano. Há dez anos que o produto se encontra no mercado e não tem havido reclamações. Mas, ainda assim, estamos a submetê-lo a novas experiências. Não se trata de um produto semelhante ao «Librium» ou ao «Valium». O «Trofanil» só é receitado pelos psiquiatras em casos específicos, particularmente nos estados depressivos mais agudos.»

«Trata-se, portanto de um produto cuja prescrição nunca foi nem deve ser generalizada.»

"O RECADO" EM DEBATE

O caso é que também eu vou falar de o passado e o presente, e de o recado. Oh, muito pouco, muito pouco.

Mas se tanta gente me interpela, me empurra e me pergunta como quem acusa: então? (e julgo ouvir o ribombar de trovões) não gostou? (e entrevejo chamadas condenatórias, ouço mesmo crepitar as labaredas) e outra (pouca) gente gostaria simplesmente de saber a minha opinião, então eu dou-a, mas como «particular». Não sei nada de cinema, sou a anónima por excelência. Represento apenas o limitad e grave espectador.

Gostei muito de **O Recado**. Claro que lhe encontrei «defeitos», mas assim como André Gide dizia que só quando um negro que fosse esbofetado pudesse encrespar-se e reagir como um homem que foi esbofetado, e não como um negro, se poderia provar a ausência de racismo e a igualdade de direitos humanos, sinto, guardadas as devidas distâncias, que observo esses «defeitos» com a mesma naturalidade e ausência de paixão com que os observaria em bons filmes estrangeiros. Ao aperceber-me do facto medi quanto a obra se me impunha.

Teria preferido que a sua escrita fosse menos tradicional. (Manuel de Oliveira pareceu-me, na escrita, mais jovem e moderno. Ele ganha nessa comparação).

Li que Fonseca e Costa olhava o recado «como se o tivesse feito há dez anos». Não tenho a certeza de que se referisse à

ISABEL DA NÓBREGA

A TÍTULO DE ESPECTADORA



QUADRATIM

forma, mas eu dou-lhe esse sentido.

Quanto ao filme em si, satisfiz-me, satisfiz a espectadora que sou. Um dia, a propósito de um excepcional documentário de Fernando Lopes, «Grande Roda», à data em que escrevo, aliás, não conheço ainda nenhuma sua longa metragem), anotado, primeiro o entusiasmo, acrescentei no bloco: o que nos

trama sempre é o enredo. Uma história passada na actualidade, num lugar bem determinado, com pessoas que são parentes umas das outras, conhecidas, amigas, inimigas, ou apaixonadas umas pelas outras, isso é que nos mata, aí é que morremos. Bem, um dia haveremos de crescer. Até lá, pequeninas como grãos de arroz ou bagos de milho em relação à longa metragem, temos de vez em quando provas de que existem os nossos realizadores de cinema, que vão captar, como numa rede de apanhar borboletas, cenas vivas, pessoas vivas, VIDA.

Pois com **O Recado** crescemos. Já crescemos. Nele, um lugar bem determinado. E pessoas verdadeiras com as suas fraquezas, as suas desistências, as suas incoerências, os seus desastres, e as suas vitórias adiadas; a cor e o som e «o tom» a revelarem tanta inteligência, segurança e seriedade.

Curioso: no filme obsoleto de Manuel de Oliveira é o realizador, não o filme, que se impõe! Tão grande realizador que mesmo

quando erra não pode negar-se. Mas creio firmemente que desabou sobre nós todos um equívoco.

Diante da oitava acima entoada pelo coro, qualquer coisa me soou desafinada. Perplexa, de princípio, lembrei-me depois das crianças que quando fechadas no quarto escuro cantavam muito alto para afugentar o medo. Havia ali que afugentar qualquer receio. Ignoro qual.

E sobretudo, ao ler com atenção todas as entrevistas de Manuel de Oliveira, não encontrei nelas desígnios diferentes dos claramente expressos nas suas palavras despretenhiosas. Nunca se refere a uma sátira demolidora, mas à casa tão bonita, tão bonita, com salas tão bonitas que apetecia aproveitar. E a uma história de amor entre três casais e um impar, e tudo sem ironia, sem o mais leve sopro de causticidade.

No único depoimento escrito que li «contra», fala-se de «o rei ir nu».

Eu lembro-me sobretudo do Sr. Jourdain, que fazia prosa sem o saber. («Je fais de la prose? Moi?



O recado de um destino trágico

Moi je fais de la prose?») Perante a magnificência do material com que lhe vestiram a história, lhe interpretaram o sentido, e a desenvoltura com que pegaram nos justos elogios e os engordaram antes de lhes oferecer, vejo muito bem Manuel de Oliveira a sós consigo arregalando os olhos e interrogando, pasmado: «Eu fiz tudo isso? Eu? Foi isso tudo que fiz?» O Sr. Jourdain, esse, até fazia prosa, mas Manuel de Oliveira, não creio que tivesse realizado nem

uma obra prima de humor, nem uma obra prima.

Repárese, todavia, nesta coisa admirável: é preciso que ele seja muito honesto para não ter ainda (já), aproveitado a dizer «sim, sim, foi isso mesmo que me propus, era mesmo essa a minha intenção!» — Aqui é que não há equívoco. Isto chama-se honestidade. Por ela o saúdo com muito respeito. E lhe agradeço. Não há todos os dias oportunidade de saudar com respeito — para lá da admiração.



CURSOS DE LÍNGUAS NA CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES

A conceituada organização de ensino de línguas — Central School of Languages (International House) — abre novamente as inscrições para os cursos de Inglês, francês, alemão e português que decorrerão de Abril a Junho inclusive. O horário para testes e inscrições é das 09.00 às 12.00 e das 17.00 às 20.30 todos os dias úteis na sede em Lisboa na Rua Marquês de Sá da Bandeira, 16.

Enfim, Zé! Fizeste o filme que sonhaste, que já sonhavas em volta naquelas nossas tardes tão escuras e tão frias de Dezembro-63, quando desenhávamos cartas de jogar nas costas dos maços de cigarros e só tu mandavas vir o briol que a malta bebia àquela hora em que o vidro azul, já tão frágil, da esperança se tornava lentamente em alcatrão.

Fizeste, aliás, José Fonseca e Costa, não só um grande filme português — desta vez sim — mas um grande filme universal. E o teu recado, tal como o de Francisco (podes estar descansado) chega à assistência. Ali está o duplo retrato de uma geração, visto do nosso lado, da nossa gente, com o que em nós há de «amável» e de «detestável». Porque Lúcia e Francisco, ainda que

ela se pareça com A e ele com B (com o herói de longos cabelos, negros ou brancos, e de coração infinito), ambos estão em ti, em mim, em nós. E tu o sabes: que lá se encontra, lá o puseste, o que amas e o que detestas. A vontade de mudança, santo e senha da empresa perdida, por ora (lá diz o Maldevivre: «hibernar, deixar crescer a raiva...»), a lucidez, a má-consciência dos acom-

TUDO NA VIDA É MUDANÇA

dados, dos ambivalentes (falar para uns, comer com outros), a trágica falta de perspectivas. O criativo de publicidade (única figura que não pudeste dirigir à altura da tua película, não te ajuda nesse cometimento, era preciso um show de garra), a própria rapariga de boas-famílias e maus livros, e amigos tudo isso, Zé, ainda bem que o disseste, numa escrita cinematográfica quase por completo novo entre nós.

Os teus silêncios, os teus diálogos, os teus planos, certas intenções dadas em **travelling**, só lhes acho paralelo em obras como «A Noite», «O Eclipse», às vezes, pela carga significativa, na «Rapariga de Bube». Antes de mais, o teu filme é demasiado inteligente. Eu sabia que tu eras, és um escritor, não só com a imagem mas com a própria palavra. Provaste-o. E tão sobriamente! Por isso com tanta força! Aquela fogueira, ou para, em que se queima o projecto do futuro colectivo, e, ao mesmo tempo, o passado já rubro, com o seu envólucro de risco e riso, de desejo tão tenso, de ascese na sombra, de prática do sofrimento!...

É verdadeira, Zé (não podia ser de outro modo) a frase que pões na boca de um dos teus «monstros»: que a Lúcia, ao fim e ao cabo, como muitos



O SAL DA TERRA
URBANO TAVARES RODRIGUES

dos que entre nós andam, andaram, pouco tinha a ver com aquela história de vida e morte, de porvir amassado como pão de lágrimas geladas. Não te envio este recado para falar dos intérpretes, mas

é justo dizer a todos os que nos lêem que sem Maria Cabral não terias feito o teu livro. É a tua Monica Vitti, não a percas. Também não seria justo deitar para o olvido os outros: tanto que o filme lhes deve, a eles contigo, a eles na tua concepção do filme, sob a tua direcção de autêntico cineasta! São sobretudo o José Viana, o Paco Nieto, o Beringela, e também o Manuel Crespo, o Polónio, o Luís Rocha, o Sacadura Bretz, o Luís Marian. Todos sim, e tu com eles.

Depois, Zé, há ainda uma coisa: com tudo o que tem de acerbo e cáustico, por vezes de um rigor implacável, o teu filme acaba em nós tais ecos que solta, da represa da nossa intelectual compostura, lágrimas de desespero (serão mesmo de desespero? Sobre que resíduos trágicos e melancólicos choramos? Sobre nós-ontem? Nós- hoje? Sobre o destino que temos e talvez mereçamos? Ou ainda de esperança sobre a réstia de esperança: «tudo na vida é mudança?!») Sim, eu, por mim, confesso que chorei, a contragosto, duramente, de começo, em seguida ainda à espera do absurdo maravilhoso, da palavra da chama que subeste evitar: a repetição, no final, da mesma frase imensa entre dois pequenos «vagamundos»: «Tudo na vida é mudança».

A grande frase da semana foi dita por D. Alice da Graça Lopes Pina, a quem roubaram oito mil contos em jóias: «Apetecia-me gritar, e só não o fiz porque não podia esquecer o meio em que vivo e porque acho que não é atitude para mim, que já passei por piores momentos e sempre mantive calma, ou, pelo menos, aparentemente clama»

Merece este lugar, com nota positiva, DARIO DE BARROS. Não canta bem, não declama bem, e, não obstante, teima em cantar e em declamar. Esta determinação já seria respeitável, mas Dário de Barros, ainda por cima, arranhou um modo de comunicar com o público, que lhe permite, em condições de receptividade aparentemente contrárias, dizer versos de poetas como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, António Gedeão, Manuel Alegre... E assiste-se a este fenómeno ex-

traordinário: o público de um Dário de Barros aplaude um Fernando Pessoa...

Ficar em sétimo lugar em vinte concorrentes, não é mau, não é bom, antes pelo contrário. Houve quem embandeirasse em arco, houve quem lamuriasse sobre a nossa canção subdesenvolvida, mas o melhor de tudo ainda é reconhecer que o Festival da Eurovisão nada tem a ver com a situação real da música ligeira em cada

GALARIM

um dos países participantes... Pergunta-se: estaremos realmente em sétimo lugar? Mas faça-se ao menos uma justiça: CARLOS MENDES portou-se bem. Não calvarizou, não simonou, não tonichou... Para os hábitos do País é obra.

Se o ditado que diz que os espanhóis não gostam de ver bons princípios aos filhos, se transfere para Portugal, não há dúvida que JOSÉ AUGUSTO

tem garantido o seu futuro como seleccionador da equipa portuguesa de futebol. Efectivamente, não era possível principiar pior... Mas, como estamos em veia de ditados, lá vão mais uns tantos: alma até Almeida, há mais marés que marinheiros, o azar não está sempre atrás da porta, quem porfia mata caça... Chegam?

Os aficionados da tauromaquia foram abalados pela notícia da colhida de CHIBANGA, em Torremolinos. Os prognósticos eram graves, mas, entretanto, o toureiro melhorou muito. Duvidamos, porém, que os admiradores de Chibanga saibam onde este foi atingido, a julgar pelo modo como se descreveu o ferimento: ferida contusa, com orifício de entrada na face poster-externa do terço superior da coxa esquerda e orifício de saída a nível superior, com trajectória oblíqua, para cima, para dentro e para a frente, que corta o músculo da «fascia lapa» e alcança a região inguino-crural... Uf! Pobre Chibanga...

Quando toda a gente julgava já que o Benfica ia chegar sem



«Os bonecreiros»: despacho de 1927

derrotas ao fim do campeonato, aparece o Barreirense hipnotizado e ganha-lhe por um a zero... Por causa do seu golo, SERAFIM não tem dormido, tanta é a alegria. Sugere-se,

por isso, que o mesmo hipnotizador o ponha a dormir, enquanto o Barreirense, sempre sob hipnotismo, se prepara para conquistar o campeonato nacional.



José Augusto começou mal

«BALLET» RUSSO EM ESPANHA

Os «Ballets Kirev», de Leninegrado, vêm, pela primeira vez, a Espanha, devendo exibir-se a 6 de Abril em Barcelona e, depois, em Bilbao, Palma de Maiorca e Madrid, segundo notícia o «Noticias de Mosco-

vo». Figuram no programa especialmente preparado para esta «tournée» os bailados «O Lago dos Cisnes», «D. Quixote», o terceiro acto da «suite» «Quebra-Nozes» e as «Danças Polovicianas». A música estará a car-

go de orquestras espanholas, sob a regência dos maestros Victor Fiodorov e Victor Chirokov. Como solistas bailarinos estão no elenco da companhia Valentina Ganibalova e Yuri Soloviov.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971/1972 (3.º TRIMESTRE)

9 DE ABRIL — DOMINGO — às 16 h.

10 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — às 21.45 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: CHRISTA RUPPERT

ABERTURA N.º 3

JOLY BRAGA SANTOS

SUITE DE S. PAULO

GUSTAVE HOLST

CONCERTO PARA VIOLINO

BRAHMS

28 DE ABRIL — SEXTA-FEIRA — às 21.45 h.

30 DE ABRIL — DOMINGO — às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: DOMINGOS TANECO

ABERTURA «CONDESSA CAPRICHOSA»

MARCOS PORTUGAL

CONCERTO PARA TROMPETE

HAYDN

SINFONIA N.º 5

TCHAIKOWSKY

22 DE JUNHO — QUINTA-FEIRA — às 21.45 h.

25 DE JUNHO — DOMINGO — às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: SEQUEIRA COSTA

ABERTURA «A VINGANÇA DA CIGANA»

LEAL MOREIRA

QUINTETO, EM MI b M, K 407

MOZART

CONCERTO N.º 2 PARA PIANO
E ORQUESTRA

BRAHMS

Maestro: DR. IVO CRUZ
Solista: DINORAH LEITÃO

SERENATA «EINE KLEINE NACHT
MUSIK»

MOZART

2.º CONCERTO PARA PIANO
E ORQUESTRA «LISBOA»

IVO CRUZ

SINFONIA DE AMADIS

IVO CRUZ

às 21.45 H. — GRUPO B/MAIORES DE 10 ANOS

às 16 H. — GRUPO A/MAIORES DE 6 ANOS

TAP—TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

pretende admitir

TÉCNICOS DE RÁDIO E ELECTRÓNICA

Com curso industrial de formação de montador electricista, 2.º ciclo liceal ou instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.

Nacionalidade portuguesa
Serviço militar cumprido ou dele isento
Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

Vencimento compatível
13.º mês
Subsídio de férias
Salários diferidos
Regalias sociais
Viagens

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

Os interessados devem dirigir-se até ao dia 15 de Abril próximo à Divisão do Planeamento do Pessoal — Edifício n.º 25, 1.º andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

JOSÉ DE CASTRO NA REVISTA

José de Castro, um dos maiores actores da cena portuguesa, vai encabeçar o elenco da super-revista «Prá Frente, Lisboa!», próximo cartaz do Monumental, em produção de Vasco Morgado. Num intervalo dos ensaios de leitura, fomos encontrar José de Castro com César de Oliveira, um dos autores do poema.

— Como vê o José de Castro esta experiência na revista?

— Fiz uma revista há três anos. Esta agora é a minha segunda experiência com os mesmos autores. O Vasco Morgado convidou-me e eu aceitei. Tudo simples. No actual panorama do teatro português, prefiro fazer uma boa revista com números bem feitos que possam conter uma crítica de interesse. Prefiro isso do que executar um texto clássico de um autor... clássico. Prefiro fazer uma revista a sério a um teatro que, por motivos vários, fique aquém do que se devia fazer. Repito, há certos números de revista que podem valer mais a pena pelo seu sentido crítico.

Há um teatro declamado que não me interessa nada fazer, embora ultimamente não tenha razão de queixa, até porque tenho disposto de esplêndidos textos para representar, como os de um Camus, um Ionesco, um Osborne. Mas neste momento prefiro fazer revista, porque me apetece e estamos numa boa altura de fazer este tipo de teatro. Claro que toda a gente vai dizer que eu vou fazer revista para ganhar mais dinheiro e não nego que esse aspecto seja atraente.

— Como encara a sua adaptação ou integração neste género?

— Quanto a adaptar-me não constitui propriamente um problema, pois já fiz revista, sei como funcionam as coisas mais ou menos, conquanto não possua uma «prática da técnica» porque em 20 anos de teatro é quase nula a minha experiência da cena ligeira. Sou um principiante da revista e desta vez tenho responsabilidades maiores, porque da outra fui actor convidado e agora funciono como cabeça de cartaz ao lado da Florbela Queirós. Como cabeça de cartaz de revista não sei como isto vai resultar, se o público me vai aceitar porque não sou um actor cómico. Em relação à minha integração neste género, acontece que tenho falado com os autores sobre os números e concordamos em não fazer os chamados números declamados à antiga portuguesa. Is-



José de Castro: «Claro, e até se ganha mais».

so não me interessa. Por outro lado sou coerente e tenho a noção exacta de que não posso fazer um estilo de fantasista e cómico. Tem, portanto, havido um ajustamento perfeito entre as minhas características de actor e os textos que os autores me destinam. Seja como for, nesta altura em que vamos dos ensaios, já tenho quadros meus a solo, um dueto, um terceto, enfim o tradicio-

nal de uma revista portuguesa. Dou-me bem com a equipa em geral e tenho o especial prazer de trabalhar com uma actriz com quem nunca trabalhei e que volta à revista, uma actriz pela qual nutro muita consideração e que é a Irene Isidro. Estamos no começo, mas tudo caminha bem.

— Acha que um actor de teatro declamado deve fazer outros géneros mais ligeiros com o

fito de completar a sua formação ou só, puramente, como recurso é obrigado a esse exercício?

— O profissional tem de se socorrer deste ou daquele género de teatro a que não está habituado, porque é profissional, justamente, e porque vive disto. Não é o meu caso agora, mas pode sê-lo um dia. Sabemos como é o teatro aqui, tudo dificuldades. Mas quanto a

mim, esta é uma decisão de profissionalismo. Não tenho o menor escrúpulo, pelo contrário, em fazer revista, e porque haveria de ter, não me dirão?! Em qualquer parte do mundo os grandes actores do teatro declamado fazem comédias musicais, que chamamos aqui de revista. Se eu soubesse cantar bem, também o tentava, como faz o Serge Reggiani, por exemplo. Se falhasse, falhava! Qual o mal? Entre nós há o preconceito de dividir as coisas!

Convencionais e pergaminhos da nossa terra, tudo com casaco e gravata! O actor de teatro declamado fazendo revista é como um poeta que faz letras para canções, desde que não altere a sua qualidade e a sua personalidade, qual a dúvida? Mas também no teatro declamado (e fazendo esse mesmo teatro sério) há quem se altere e altere abusivamente tudo... lá isso é verdade! Fazem muitas vezes o pior dos alvitamentos, ou seja, quase a pior das revistas dentro de teatro declamado...

— Tem algum extraprograma para fazer no decurso das representações da revista?

— No meio disto tudo, ou seja, enquanto estiver a representar «Prá Frente, Lisboa!», tenciono fazer uma peça de Edward Albee, o «Zoo Story». Só quero ver como será possível coordenar esses ensaios com a representação da revista. Tenciono sacrificar o meu descanso semanal para fazer essa peça em tipo café-teatro. Quero levá-la a diversos sítios, no sentido de realizar dinheiro para cobrar os direitos de autor que são escandalosamente caros. É uma peça de hora e meia, para dois personagens, que serão eu e o António Montez. E quero alargar o círculo de divulgação, não só em café-teatro, mas em clubes culturais e desportivos, sociedades de recreio, em qualquer lugar onde seja possível encaixar um banco de jardim e dois projectores. Tem essa vantagem. Quero começar a ensaiar já esta peça e só a quero coordenar com o tempo que vou despendar na montagem da revista. Acho que é um pouco violento todo este esforço, mas dá-me muito prazer e se aguentar (e enquanto aguentar) vou fazendo esta dupla ginástica...

NOVO CASINO ESTORIL



ELAINE DELMAR

VEGETA DA
RÁDIO E DA
TV INGLESA

SEGURA BROTHERS

ORIGINAIS ANTIPODISTAS

VITÓRIA MARIA

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET



“NUEVOS AMIGOS” “OS MOZAMBEAT’S”
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

LYDIA DA GLORIA

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEL 333 96
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

4.º MÊS
Hoje, «matinée» às 16 h. Noite, às 21 h. e às 23 h.
Amanhã, às 21 h. e às 23 h.

o Tartufo

RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTÉMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de «Dorina»

DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 3260 37
VARIEDADES

VASCO MORGADO
APRESENTA

HOJE
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Amanhã: às 21.45 h.

DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.º MÊS

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO Encenação de VARELA SILVA DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 844 756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.

UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
5.º MÊS

Quem tem medo de Virgínia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

50 % de desconto aos estudantes
benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 32 74 23

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR

ORA BOLAS P'RO PAGODE!

com
JOSÉ VIANA — LIGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL

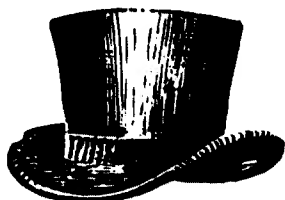
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES

GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
ÀS 16 HORAS
3.ª Feiras, descanso da companhia

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



ARMINDO BLANCO



PUM!

Acho o Alves dos Santos um perfeito cavalheiro e um camarada encantador. Mas tenho a impressão de que alguém está errado — e esse alguém pode ser o próprio Alves dos Santos — sobre o que deve ser um comentário de futebol na TV. O telespectador senta-se na sua poltrona para acompanhar um jogo e só deseja que o locutor vá referindo os nomes dos intervenientes em cada lance, com uma ou outra explicação eventual sobre a natureza das penalidades ou de episódios menos claros. Sem muito espalhato e sem muita cópia de pormenores e adjectivos. Pois o Alves dos Santos faz o contrário: comenta o jogo ininterruptamente, num tom monocórdico que está longe de corresponder ao dinamismo dos acontecimentos que o vídeo reproduz. Entre ver e ouvir, a opção que resta é a de desligar o som e ficar só com a imagem. Se me é permitida uma sugestão, ei-la: o trabalho deveria ser dividido por um narrador e um comentarista. Tal como está é que não deve continuar, sob pena de a TV tornar ainda mais soporíferos certos joguinhos de solteiros e casados como foi o último Portugal-Chipe no Estádio da Luz.

UM CINEMA QUE NÃO É PARA O POVO

O próprio autor confessa: «O Recado» é um filme de exorcismo. Fonseca e Costa tinha os seus fantasmas, as suas obsessões, os seus agravos, uma densa bagagem de influências estéticas. Queria libertar-se e fez um filme.

Com dez anos de atraso, como diz Carlos Albino? Pois é muito possível. Ainda que estas questões sejam bastante subjectivas, para além dos riscos que se corre quando se cede à tentação totalitária do dogmatismo: isto serve para agora, aquilo não serve. Um espectador e crítico como Carlos Albino, que entra aqui apenas como exemplo e sem que a citação implique em animosidade, gostaria de receber e ver divulgados outros recados, porventura menos sibilinos. Houve, no entanto, quem achasse o de Fonseca e Costa perfeitamente adequado aos tempos actuais.

Tenho, em relação a este e aos outros filmes do novo Cinema Português, uma posição que já defini: o importante é fazer coisas, praticar, abrir o jogo, rasgar caminhos. Tem que se começar por onde for possível, com os meios disponíveis, os recados permitidos. Política das cem flores. O resto talvez venha com o tempo.

Arrumada esta questão, reconheço que os filmes de concepção cultural burguesa, no que vai de temporada, ganham por 2 a 0, continuando o povo a ver navios. Não sei, nem o Zavattini sabia, que espécie de filmes se podem fazer para o povo. Não diria, como João Gaspar Simões: façam-me filmes rústicos. Mas sei que «O Passado e o Presente» e «O Recado» são instigantes desafios para as plateias cultivadas do Vox e do Apolo 70 e obras de leitura não gratificante para o Condes de Lisboa, o Rosa Damasceno de Santarém ou o Luisa Todi de Setúbal num domingo à tarde.

Problema idêntico atormentou os corifeus do Cinema Novo do Brasil depois de comprovada a total incomunicabilidade, a um nível mais geral, dos primeiros filmes de Glauber Rocha, Paulo César Saraceni, Arnaldo Jabor e outros. Deve dizer-se que o Cinema Novo brasileiro não tinha a cobertura do mecenato: cada filme era um empreendimento comercial, garantido pelos chamados «papagaios» da banca a juro alto. Um jovem como Júlio Bressane partiu para outro tipo de lance: recebeu uma herança de 600 milhões de cruzeiros velhos, aplicou-os em filmes experimentais. Perdeu os 600 milhões e está com umas latas de filme em casa que jamais chegarão ao consumidor.

Joaquim Pedro de Andrade, com «Macunaima», apontou em outra direcção, misturando a estética do Cinema da Fome com a agressivi-



Maria Cabral

dade burlesca da chanchada. «Macunaima» fez sucesso e representou uma lição: até mesmo as plateias populares se identificaram com o filme e lhe apreenderam os significados menos flagrantemente legíveis.

Os brasileiros voltam-se para as suas raízes mais fundas, para os seus hábitos culturais, preocupam-se cada vez menos com as repercussões em Paris, com os elogios do Marcelle ou dos amigos fixos do Prémio Buñuel. E é aqui que, convenho, estamos efectivamente com alguns anos de atraso. Os próprios Antonioni e Bergman tão citados a propósito de Manuel de Oliveira e Fonseca e Costa já partiram para outras jogadas, continuam mutantes, são cidadãos de um mundo que se transforma todos os dias.

Evidentemente, Manuel de Oliveira e Fonseca e Costa são cidadãos daqui e do nosso tempo português. O fascinante painel de artifícios do primeiro e a ambiguidade deliberada do segundo são uma decorrência lógica, não uma invenção estranha ao meio e aos costumes.

O que sem dúvida se deve discutir, embora reconhecendo sempre a cada artista o direito de exprimir a sua visão pessoal, o seu testemunho histórico, é se restam outros caminhos menos movidos. Para não chegarmos um dia, com o incómodo Ionesco, à conclusão de que há um cinema para o povo que o povo não vai ver e um cinema que não é para o povo e que o povo vai ver.



KUBRICK O CINEASTA 2001

O director cinematográfico Stanley Kubrick está a ser, finalmente, reconhecido como um génio, o que é, apenas, um acto de justiça. O seu retrato aparece na capa de um dos últimos números da revista Newsweek e longos artigos laudatórios estão a ser publicados em praticamente todos os principais órgãos da imprensa. O seu nome já figura entre os dos maiores directores cinematográficos do mundo.

Stanley Kubrick é um cineasta norte-americano (responsável, entre outros filmes, por «Lolita», «Dr. Strangelove», «2001, Odisseia no Espaço») que vive na Inglaterra, e faz filmes independentemente de qualquer sistema, estilo, convenção, conceito e gosto; películas que sempre provocam debates mas jamais uma reacção de enfado; filmes que são classificados como obras de arte e quase sempre provocam um sentimento de angústia — porque Stanley Kubrick é um humanista e seus filmes constituem um dramático brado de alarme.

A sua última película, «A Clockwork Orange», encontra-se em exibição nas telas norte-americanas, mas, por enquanto, em apenas umas poucas cidades; entretanto, já está a causar sensação.

Os críticos de cinema de Nova York, considerados como a platéia cinematográfica mais exigente do país, escolheram, a 28 de Dezembro último, esta película como a melhor do ano, e Stanley Kubrick o melhor director de 1971.

Em 1964, já merecera o troféu da crítica, por seu filme «Dr. Strangelove», uma sátira cruel sobre a possibilidade de um holocausto nuclear. Em 1957, produziu «Paths of Glory», um libelo contra as injustiças militares e ódios raciais, durante a Primeira Guerra Mundial.

Nessas obras, como em «Clockwork Orange», Kubrick empregou a sua técnica de concentração sobre uma situação imoral para ilustrar um ponto moral: a responsabilidade do homem em relação aos seus semelhantes.

Depois de «Dr. Strangelove», Kubrick realizou «2001, Odisseia no Espaço», película que não foi bem recebida pela maioria da crítica especializada. O filme propunha-se a ser uma obra de ficção científica, segundo a concepção generalizada deste género, porém resultou numa acusação mística da tecnologia e um pronunciamento de que é o homem, e não a máquina, que renasce.

Apesar da hostilidade da crítica, «2001» é reconhecido como um dos grandes feitos da cinematografia. Dos 160 minutos de duração do filme, apenas cerca de 30 minutos são ocupados por diálogos, o que o torna uma experiência visual quase perfeita. Embora tenha merecido poucos prémios, conquistou algo mais importante

— conseguiu atrair uma vasta audiência internacional.

Como «2001», «Clockwork Orange» desenvolve-se em vários planos, simultaneamente — social, psicológico, moral e místico. A história desenrola-se em Londres, em uma data futura não determinada. O filme acompanha os passos de Alex, um vagabundo que comede actos de arrebatamento e mutilação, até que é preso e acusado pelo governo em cada uma experiência de condicionamento pavloviano. Conseguiu «reabilitar-se», graças a um tratamento de drogas, e de terapias de comportamento, a que foi submetido, e reintegrou-se na sociedade, como uma pessoa dócil e submissa — um autómato, ao invés de um ser humano.

Paul Zimmerman, em artigo na revista Newsweek, diz que as aventuras de Alex são, de certo modo, as do «Id» freudiano. Alex personifica todos os impulsos anárquicos do ser humano. Privado de seu individualismo, na penitenciaría, e da fantasia de sua vida, durante o programa de condicionamento, deixa de ser um ente humano, no verdadeiro sentido da palavra. A sua ressurreição, no final quando readquire a capacidade de agir segundo os seus instintos, representa um irónico triunfo da psique humana sobre as forças que tentam controlá-la ou reduzi-la.

Kubrick continua enviando a sua mensagem de que o homem deve permanecer livre, em toda linha, até para o mal.

A revista Time classifica o filme de «uma sátira impiedosa e demoníaca no futuro imperfeito... Kubrick converte a história, tal como aconteceu com «Dr. Strangelove», em algo comicamente possível... Se ainda permaneciam dúvidas depois de «2001», «Clockwork Orange» vem confirmar o facto de que Kubrick é o cineasta mais audacioso de nossos dias».

Kubrick recusa-se a comentar seus filmes. Já foi citado como tendo declarado que qualquer discussão directa de um filme só serve para tirar-lhe o mérito.

Inquirido sobre o tema de seu próximo filme, respondeu que será sobre Napoleão, exactamente o que respondeu quando lhe formularam pergunta idêntica após a conclusão de «2001». Eo resultado foi «Clockwork Orange». O que significa que os espectadores nunca sabem o que esperar de Kubrick.

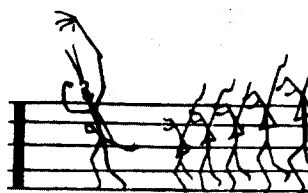


EM DOZE ASSALTOS

Com Álvaro Benamor e Augusto de Figueiredo, sob a direcção de Jorge Listopad, a admirável Carmen Dolores estará a partir do dia 6 na Casa da Comédia a disputar os 12 assaltos da «Dança da Morte», de Strindberg, em versão apaixonante de Friedrich Durrenmatt. Sem metafísica nem psicologia, segundo se adverte num boletim distribuído á imprensa.

A TRIBO

A tribo reuniu-se na Casa da Imprensa e atribuiu os prémios de música ligeira a compositores e autores da tribo. Grita, eufórico, o Letria: Vitória da «resistência»! Estão os «maquis» organizados para destruir de vez, em pugna de vida ou de morte, os Calvários, os Mourões, os Pacos Bandeiras. Para os amigos, tudo, para os inimigos, nada. O mais engraçado, porém, é que, para a chamada «engrenagem», não há diferença: todos gravam para a «engrenagem». E para a «engrenagem» tanto faz vender José Mário Branco como Fernando Tordo. A guerrilha, portanto, é altamente promocional. A esta altura, a Sasseti esfrega as mãos, porque levou quase todos os prémios. E também os levaria se em vez de Fulano tivessem premiado Beltrano.



A MOSCA
PICA

O TELEJORNAL E OS GEITINHOS A PERSONALIDADES IMAGINÁRIAS

Chegou de Edimburgo o cantor Carlos Mendes e o Telejornal da T. V., como é natural, foi recebê-lo ao aeroporto. Simples e natural, Carlos Mendes disse o que tinha a dizer e disse-o bem. O que espantou os telespectadores foi que a câmara tivesse perdido tanto tempo a focar uma senhora que o Fialho não chegou a explicar quem era. Seria do coro? Seria pianista? Seria da organização? Admitimos esta última hipótese porque, a julgar pelo que disse o nosso

representante no festival, a sua equipa de apoio era formada por cerca de quarenta pessoas. De qualquer forma, não se entende que a referida senhora tivesse ocupado durante tanto tempo a atenção do telejornal. O Carlos Mendes é cantor, sabe-se o que estava a fazer e o que vinha de fazer, mas a senhora a que nos referimos — a não ter desempenhado qualquer função no festival — não tinha que aparecer no filme senão como

figurante accidental. Se o telejornal está interessado em promover «personalidades» terá de começar por justificar a sua escolha dizendo-nos que função é que exercem na vida nacional. Julgamos que a escolha desta não tem qualquer justificação a não ser que o telejornal «faça geitos», o que é, para não irmos mais longe, indesculpável e, neste caso, ridículo.

N. L.

RELATÓRIOS, RELATÓRIOS

Todos os anos, quando as flores começam a des-pontar, os passarinhos a chilrear, os riachos a secar, 2s saias das meninas a subir, as esplanadas a aparecer e os namorados a passear, surgem nas páginas dos jornais as contas das grandes empresas, os relatórios das grandes empresas e — para mal dos nossos pecados e desgraça dos que compram os jornais na esperança de encontrarem neles alguma coisa que valha a pena ler — os comentários que os seus vetustos e barrigudos presidentes aproveitam a ocasião para fazer.

De um modo geral, estes importantes e prudentes cavalheiros, discursam durante horas para afirmar ao país que vai tudo bem, que está tudo cada vez melhor, que dentro de alguns anos teremos milionários nacionais (à semelhança dos melhores estrangeiros), que é preciso encarar tudo com optimismo, que estamos a apetrechar-nos para encarar o futuro com toda a confiança, que somos muito apreciados no estrangeiro, etc, etc, etc.

Que está tudo bem para eles, é problema que ninguém põe em causa depois de examinar os relatórios apresentados. As coisas não se limitam, sequer, a estar bem — estão cada vez melhor, a julgar pelo espaço que eles compram na Imprensa para fazerem estas afirmações de optimismo que já fazem parte da vida portuguesa e que nós vamos lendo, a correr para a praça na esperança de lá chegarmos antes dos preços terem subido outra vez como subiram do mês passado para este.

O que é curioso é constatar que este ano os «Relatórios e Falatórios» ocupam mais espaço do que nunca. As coisas, por outras palavras, melhoraram muito desde o ano passado, como nós descobrimos ao chegar à praça e ao verificar que o dinheiro que o ano passado gastávamos para encher a família de peixe, não chega, este ano, senão para os jaquinzinhos do gato.

O MARIA MATOS CONTINUA FECHADO

No decorrer dos últimos anos tem-se desenvolvido um esforço no sentido de abrir mais teatros ao público. O empresário Vasco Morgado transformou o velho cinema no teatro Laura Alves e a Câmara Municipal pegou no S. Luiz e transformou-o no Teatro Municipal. Outros teatros que podem considerar-se integrados neste esforço de renovação teatral são o Villaret, o Vasco Santana e o Maria Matos.

Este último, porém, como que a contradizer este esforço, mantém as suas portas fechadas desde que «os jogos de sociedade» foram, como diz a gente de teatro, «pela caixa do ponto abaixo» revelando que o público português não é tão mau e tão ignorante como se poderia pensar ao ver o êxito de certas peças.

Que há uma nítida vontade de melhorar o nível do espectáculo oferecido ao público parece evidente — o empresário Vasco Morgado, por exemplo, tem neste momento em cena uma peça de mau gosto e de má qualidade (Essa coisa abjecta que dá pelo nome de «Uma cama para toda a gente») uma comédia duvidosa mas não grave («Empresta-me o teu apartamento») e duas peças francamente dignas de estarem em cena numa capital que tanto fala nos seus pergaminhos culturais: «O Tartufo

e «Quem tem medo de Virginia Woolf».

A situação parece estar, como se vê, mais equilibrada do que é costume, tanto mais que as peças em cena no Vasco Santana e no Nacional não são propriamente baixas comédias destinadas a levar o público à bilheteira seja como for.

O que não se entende é que enquanto se transformam cinemas em teatros e companhias permaneçam alojadas em edifícios adaptados e incómodos, continui fechado ao público um teatro construído recentemente «para teatro».

Referimo-nos ao Maria Matos.

Disse-nos há pouco um construtor que aguardava o futuro deste teatro antes de admitir a hipótese de construir um pequeno teatro de bolso em que anda a pensar há uns anos. A sua explicação foi clara: «Se o Estado intervir no assunto e obrigar os proprietários a abrir o teatro ou a cedê-lo seja como for, abandono o meu projecto porque se o Estado quiser ter ou ceder teatros que os construa com o seu dinheiro e não com o meu».

Não podemos deixar de compreender o ponto de vista deste construtor e, por isso mesmo, de compreender que o Estado queira rodear-se de todas as cautelas neste assunto, não vá a emenda ser pior do que o soneto.

O leitor estaria disposto a aplicar o seu capital na construção de um edifício sujeito a administração de outrem e, pior ainda, entregue a pessoas que o leitor não conhece que lhe não oferecem quaisquer garantias?

É evidente que não, tal como não estaria disposto a abrir uma loja susceptível de vir a ser entregue, pelo Estado, a um outro comerciante qualquer ou a aplicar o seu capital numa indústria que estivesse nesse mesmo regime. É necessário compreender que os princípios do capitalismo não se coadunam com a aplicação de capitais em regime de sacrifício e que há indústrias muito mais rentáveis do que a construção de teatros, como os construtores do Maria Matos ficaram a saber recentemente...

Para além de tudo isto, porém, tem de haver maneira de corrigir uma situação que todos consideramos absurda e que tem de haver um processo de reabrir as portas do Maria Matos sem que os construtores potenciais de teatros fiquem assustados. Tudo leva a crer que a construção civil é uma actividade mais do que lucrativa, pelo menos a julgar pelo que os construtores gastam em publicidade...

Não seria justo, por exemplo, condicionar essa actividade, à execução de um certo número de obras de utilidade

geral?

Não seria justo que os construtores dos dormitórios dos arredores fossem obrigados legalmente a construir edifícios de carácter cultural?

Será justo que os construtores de fábricas de viver como os bairros de St. António dos Cavaleiros e as chamadas cidades-satélites, sejam legalmente obrigados a produzir não apenas venenos mas, também, antídotos para os venenos que produzem?

Se um fabricante de laranjas está condicionado por disposições legais a vender um produto saudável, porque não havemos de olhar da mesma forma para as actividades dos construtores civis?

Tudo isto nos parece mais do que lógico, mas o certo é que o problema do Maria Matos continua por resolver e que urge resolvê-lo rapidamente, quanto mais não seja pelo doloroso processo de examinar o que este teatro custou aos seus proprietários, de atribuir um rendimento justo ao capital aplicado e de entregar o teatro a quem esteja disposto a pagar uma renda que corresponda a esse rendimento.

Quando as montanhas se recusam a ir ter com Maomé, Maomé não tem outro remédio senão ir ter com as montanhas...

L. M.

NOVA ALTERAÇÃO

De quando em quando, «A MOSCA» renasce das suas próprias cinzas remodelando a sua estrutura e a sua maneira de ser. Como já tem sido notado, «A MOSCA» não se enquadra no novo «Diário de Lisboa» que tantos esforços tem vindo ultimamente a desenvolver para servir melhor os seus leitores. Para dizer a verdade, «A MOSCA» nunca se integrou fosse no que fosse, mas este facto não altera o comentário que acabamos de fazer e que tem sido feito inúmeras vezes, ultimamente, por leitores e amigos deste suplemento em vias de completar três anos de idade, que se sente francamente cansado de lutas e labutas...

A tenebrosa Guidinha, por exemplo, já não pode com a caneta e diz-se tão francamente farta de redigir que seria injusto mantê-la vinculada a um contrato que a obriga a publicar uma redacção uma vez por semana.

Que fazer de um suplemento que se sente cansado e desintegrado? Acabar com ele ou remodelá-lo, já que parece não haver outra cura para este tipo de doença.

Os nossos leitores que se preparem, portanto, para novidades dentro de pouco tempo.

L. M.

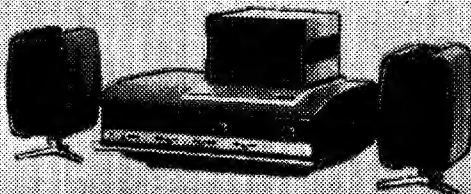
Nós temos um Sonho...

e todos os anos nos aproximamos mais da sua concretização.

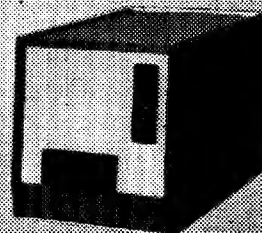
Na National temos um sonho — um sonho que começou há mais de cinquenta anos. Quem o iniciou queria melhorar a vida — a sua e a do seu semelhante. Deste sonho faz parte uma luta contínua, destinada a criar e lançar no mercado produtos destinados não apenas a distrair o homem mas, também, a aumentar o seu conhecimento. Para concretizar este sonho no dia a dia, trabalham para a empresa mais de 60 000 técnicos em todo o mundo e, apesar disso, não nos damos por satisfeitos. Limitamo-nos a saber que nos estamos a aproximar cada vez mais do sonho... do sonho que nos molda a vida.



1 — TV desdobrável de 60 cm diagonal de 3 polegadas; concebido como candeeiro de secretária. Fechado, resume-se a um cilindro; tem como característica o Sincronizador "Panamatic Electro".



2 — Televisor de embeter, com rádio estereofónico de AM/FM. Com elevação automática do módulo da TV mas, uma vez este fechado, converte-se num conjunto estereofónico de AM/FM.



3 — "A TV de instantâneo" com que todos sonham para gravar o seu programa favorito. Carrega-se num botão... e a imagem pretendida aparece em fotografias.

sonipol • uspa • porto

Câmara Municipal de Lisboa

COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Abril de 1967, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Maio de 1972.

Alto de São João: 6390 a 6599 adultos e 9582 a 9603 menores; Prazeres: 196 menores; Ajuda: 4118 a 4211 adultos e 86 e 87 menores; Benfica: 3448 a 3647 adultos e 1645 a 1725 menores; Olivais: 10 112 a 10 154 adultos e 2175 a 2176 menores; Lumiar: 441 a 551 adultos e 1517 a 1527 menores.

Avisam-se os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido à terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

Avisam-se também, os interessados nos compartimentos de jazigos ossários municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento.

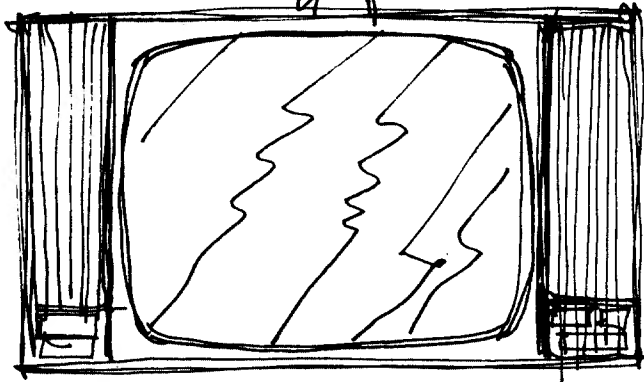
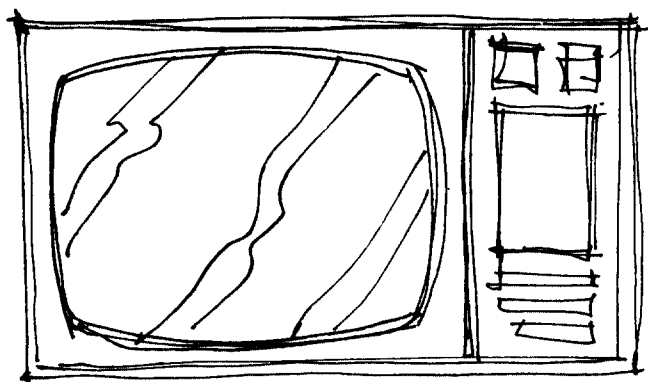


QUE ACONTECEU

Na passada Sexta-Feira Santa, a Radiotevisão Portuguesa — organismo para o qual contribui uma vasta percentagem de contribuintes não católicos e não religiosos — moldou os seus programas de acordo com o espírito da quadra: Nada de filmes, de futilidades, de variedades ou fosse do que fosse susceptível de distrair os espectadores. Como é evidente, «A MOSCA» não critica nem deseja criticar esta atitude da Radiotevisão portuguesa que se filia em antigas e bem experimentadas tradições. O que «A MOSCA» propõe é que, para o ano, este organismo quase público dedique o primeiro canal aos seus ouvintes católicos oferecendo-lhes «A Paixão, segundo S. João» numa interpretação do coro e orquestra Bach de Munique e o segundo canal aos seus ouvintes não católicos e não religiosos proporcionando-lhes um programa não vinculado às ideias religiosas de apenas alguns dos seus espectadores. Mesmo que estes constituam a maioria, o certo é que os outros também existem, que os outros também têm as suas quotas em dia e que os outros também merecem a consideração da Radiotevisão.

Então estas coisas que a gente passa a vida a ouvir sobre os direitos das minorias são só para as minorias alheias?

P. O.



A C. P. INFORMA

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA—ALTO ALENTEJO (Via Casa Branca)

A partir de 9 de Abril de 1972

6-30	7-20	12-50	18-20	22-25	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	6-00	8-45	11-25	17-55	23-25
7-05	8-00	13-30	19-05	23-05	P	Barreiro	C	4-51	8-10	10-42	17-10	22-45
8-12	9-00	14-31	20-05	0-27	C	Vendas Novas	P	3-41	6-55	9-40	16-08	21-43
8-48	9-43	15-14	20-49	1-14	C	Casa Branca	P	3-05	6-02	9-00	15-28	21-03
9-31	10-25	16-00	21-35	2-07	C	Évora	P	0-40	5-10	8-19	14-45	20-20
11-37					C	Reguengos de Monsaraz	P	22-45		7-08	13-30	19-00
12-54					C	Estremoz	P	22-22		6-41	13-25	18-55
12-12					C	Borba	P	22-06		6-20	13-12	18-41
12-18					C	Vila Viçosa	P	22-00		6-10	13-05	18-35

Todas estas circulações se efectuam diariamente.

Entre Lisboa e Estremoz, Borba e Vila Viçosa pode também viajar via Entroncamento, mediante um pequeno aumento de preço.

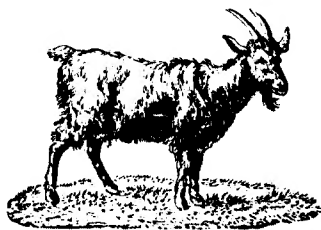
UM LAPSO TENEBROSO

Um dos mais importantes órgãos da nossa Imprensa matutina publicou na Sexta-Feira Santa, na sua ementa da semana, uma receita de «cabrito assado». Não tecemos quaisquer comentários a este facto insólito que mostra até que ponto estão a degenerar os bons costumes que presidiram à manufatura deste reino e que continuam a presidir à sua manutenção. O que pedimos é aos nossos leitores para não seguirem o malfadado conselho do nosso «Times», quanto mais não seja porque a receita encomenda o uso de um único dente de alho para um cabrito inteiro — isto, para não falarmos dos valores mais altos que a questão levanta...

Um dente de alho para um cabrito inteiro e logo na Sexta-Feira Santa...

Ao que isto chegou, Santo Deus!

N. L.



EXCURSÕES C P

CASTELO DE OURÉM — FATIMA — GRUTAS — TOMAR

em 9 de Abril (domingo de Pascoela)

- * De comboio (1.ª classe) e autocarros de grande turismo.
- * Pequeno almoço no comboio e almoço regional.
- * Visita das Grutas.

Preço por pessoa (tudo incluído)

De LISBOA	275\$00
Évora/Beja	385\$00
Faro/Lagos	475\$00

Crianças até 8 anos — 50 por cento de redução
Crianças de 8 a 12 anos 20 por cento de redução

Informações/programas: Estações de Lisboa-Rossio e de Santa Apolónia e Centrais de Lisboa.

Organização: Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

MUTUAL COMPANHIA DE SEGUROS

Reuniu-se na passada quinta-feira, sob a presidência do Sr. Dr. Alexandre Luís de Castro Ferreira Braga, a Assembleia Geral da MUTUAL — COMPANHIA DE SEGUROS para apreciação e votação do Relatório e Contas respeitantes ao exercício do ano de 1971.

A Assembleia aprovou o Relatório e Contas que apresentava um total de Activo e Passivo de Esc. 127.079.294\$03 e um montante de Prémios de Seguros e seus Adicionais de Esc. 71.097.521\$86, tendo havido, em relação ao ano anterior, um aumento da carteira de seguros da ordem dos 14.500 contos.

O Saldo de Balanço foi de Esc. 2.154.307\$53.

Aquela aprovação implicou, ainda, louvores à Administração, Conselho Fiscal e a todos os colaboradores da Companhia.

EXCURSÕES C P

FEIRA DE SEVILHA

Partidas em 15, 18 e 19 de Abril

- * De comboio e autocarros de grande turismo. Com passagem por Madrid.
- * Duração: 6 ou 8 dias.
- * Visitas a Córdoba e a Jerez de la Frontera (famosas Adegas).
- * Hotéis de 2.ª ou 1.ª classe. Para todas as bolsas...

Preços (por pessoa) desde 2.810\$00

Informações e distribuição de programas: Estações de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Centrais de Lisboa.

Organização: Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS



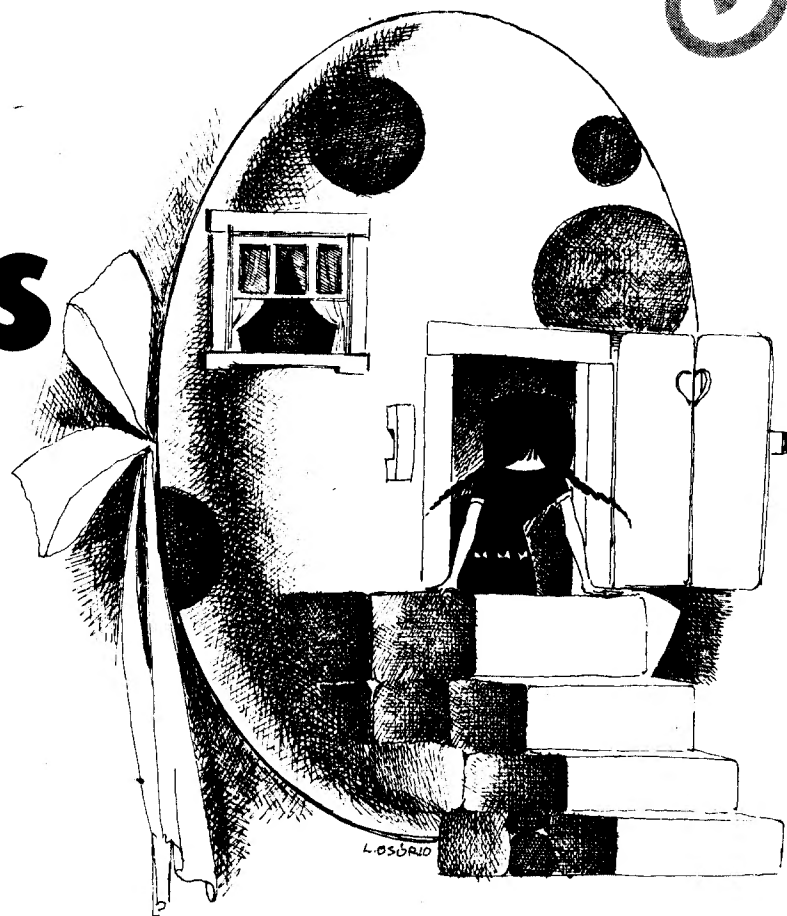
NA OFICINA DA ESTRELA — R. SANTO ANTÓNIO, 31-A TEL. 671091/2
DENTRO DE LISBOA, A MAIOR E A ÚNICA COM LINHA DE REVISÕES

FARA MARCAÇÕES**I**MEDIATAS, RÁPIDAS REP**A**RAÇÕES E**T**AMBÉM REVISÕES

inclusive ocupações grátis A e B — FÉNIX® — assistência oficial

FIAT

Amêndoas duras ovos cozidos e recordações



Todos os anos quando a gente menos espera cai-nos a Páscoa em casa e a gente não tem outro remédio senão comer amendoas duras como burro para ajudar os dentistas a viver e fingir que gosta muito e que está bestialmente contente porque é dia de festa eu cá por mim detesto amendoas e detesto uns bolos que nos mandam da terra com ovos cozidos colados em cima por umas tirinhas de bolo secas como pão de há quinze dias sim porque para esses bolos horríveis cá chegarem a tempo a minha família lá da terra faz os bolos uma data de dias antes da Páscoa e manda-os ao domicílio pelo correio e a minha Mãe recebe-os e guarda-os para a gente os comer no dia de Páscoa ainda me lembro de que no ano passado quando chegaram à mesa vinham cheios de formigas e tão secos que se desfizeram em migalhas ainda por cima são doces e não ligam nada com os ovos cozidos sim porque se ninguém come pastéis de belém com chouriço porque raio é que comem bolos doces com ovos cozidos? não sei o que é que se passa nas outras casas mas na minha a Páscoa é uma chatice de todo o tamanho porque os dias de festa cá em casa são sempre dias das pessoas contarem recordações e como todos os anos têm as mesmas recordações já as sei de cor e salteadas mas tenho de as ouvir sem abrir a boca porque é certo e sabido que se a gente diz a uma pessoa grande que já lhe conhece a recordação ela fica danada e a gente ainda se arrisca a levar uma lamparina para aprender a não ser esperta nunca percebi porque é que as pessoas gostam tanto de recordações mas o que eu acho é que se gostam mesmo deviam guardá-las para elas em vez de contarem todos os anos outra coisa horrível das recordações é que são sempre as mesmas chega ao dia de Páscoa que hoje para mal dos meus pecados e mal a minha Mãe traz o rolo dos ovos cozidos e o abafado para a mesa a minha Avó diz que as coisas já não são o que eram no tempo dela e que no tempo dela é que se tomava a Páscoa a sério o que ela chama tomar a Páscoa a sério é as primas andarem a visitar os primos e os primos andarem a visitar as primas e os tios irem visitar as tias e as tias irem visitar os tios e toda a gente tratar as avós bestialmente bem esta última

recordação não é só da Páscoa não senhor porque no Natal e no dia da Independência e no dia de St.^a Bárbara que são uns dias bestialmente festivos que há cá em casa ela diz sempre que nos tempos dela é que havia respeito pelas festas e que as pessoas tratavam as avós com respeito como se alguém me fizesse acreditar que no dia um de Dezembro os revoltosos tiveram tempo para ir a casa das avós tratá-las com respeito durante uns minutos do Natal nem falo porque toda a gente sabe que o Menino Jesus nasceu numa manjedoura e que os avós dele não lhe ligaram nenhuma e nem sequer foram lá a prova foi que tiveram de mandar vir uns reis barbudos para ninguém ver que os avós não se tinham dado ao cuidado de lá ir enfim cada um tem as recordações que tem mas a verdade é que o mundo era bem melhor sem recordações o que eu acho graça é que estes primos e primas e tios e tias passavam o dia de Páscoa a visitar-se uns aos outros e a comer bolo doce com ovos cozidos e formigas e a partir os dentes a comer as tais amêndoas duras como burro como se isso tivesse alguma graça palavra que nesses tempos que já lá vão as pessoas não tinham nada mesmo nadinha que fazer ainda que o D. Afonso Henriques e o D. Fuas Roupinho comessem amêndoas da Pascoa ainda vá sim porque esses usavam armaduras debaixo do queixo para irem combater e se calhar essas armaduras ajudavam-nos a partir as amêndoas com os dentes mas agora é que não se entende outra coisa que eu descobri foi que se calhar as amêndoas ficam duns anos para os outros digo isto porque a montra cá da nossa «Ideal da Graça» encheu as montras de amêndoas há quatro dias e hoje que a Páscoa acaba ainda continua com elas por vender de maneira que ando cá com uma desconfiança que as amêndoas ficam duns anos para os outros e que é por isso que são tão duras as únicas que se podem comer são umas que eles dizem que têm licor o que é uma grandessíssima mentira o que elas têm é xarope e de má qualidade mas dessas há umas que têm o feitio de meninos pequeninos e para dizer a verdade é um consolo comê-las porque a gente imagina que elas são pessoas chatas dessas que impingem as mesmas recordações à gente todos os anos e come-as com um gozo

danado eu todos os anos na Pascoa faço isso para me vingar deles começo por pensar que estou a comer a Minha Avó depois penso que estou a comer o meu Pai depois penso que estou a comer a minha Professora e quando chego a essa dou uma trincadela na amêndoa que a desfaço todo o pior é que tenho de ficar por aqui por o meu Pai compra umas amêndoas que se chamam «sortido económico» e que têm três amêndoas como ervilhas e quatro como meninos por cada centena das outras o que é que hei-de fazer? sim o que é que eu hei-de fazer se as famílias agora não tratam as festas com respeito e compram sortidos económicos para as festejar em vez de comprarem um sortido decente? outra coisa que eu não entendo é essa dos ovos cozidos porque isso dos ovos cozidos é uma coisa que há em todas as tabernas e em todas as cervejarias mesmo quando não é Páscoa ora porque será que as pessoas chegam à Pascoa e pintam os ovos de cores estúpidas e comem-nos ainda no outro dia vi na montra numa loja um bolo horrível com ovos pintados de amarelo e de cor-de-rosa em cima o que eu quero é saber porque é que pintam os ovos assim quando nenhuma galinha decente se lembraria de pôr um ovo cor-de-rosa ou um ovo azul? do que não há dúvida é de que as pessoas grandes são muito mais estúpidas do que as galinhas e a prova é que vão à pastelaria comprar ovos cozidos pintados de azul por três e por quatro escudos quando podiam ir comprar ovos cozidos sem tinta nenhuma na taberna por dois escudos a única coisa boa da Páscoa é o abafado que o meu primo Engrácio manda lá da terra esse sempre se pode beber e tem menos água do que o abafado da taberna sei isto porque o Costa da taberna cada vez que bebe um abafadito á sucapa deita um copo de água para dentro do pipo o que até é bom para curar o alcoolismo dos bêbados sempre lhes faz menos mal beber abafado com água do que abafado puro o que eu aposto é que se me deixassem dar aos bêbados umas fatias de bolo com ovos cozidos e formigas curava-os todos em três tempos e se me deixassem dar-lhes amêndoas duras destas que há cá em casa e que se calhar foram feitas há quinhentos anos eles nunca mais bebiam.

Guidinha

LAR, DOCE LAR

«Lar», de Davir Storey. Tradução e encenação de Luzia Maria Martins. Electricista: Sigefredo Raposo. Maquinista: Américo Garcia. Ponto: Fernando Bandeira. Intérpretes: Francisco Nicholson, António Montez, Helena Félix, Ana Paula, Amílcar Botica. Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa (Teatro Vasco Santana).

Coexistem três «lares» na peça de David Storey: o lar, a casa propriamente dita, com tudo o que tal comporta: a família, a vida em comum, as relações sociais, a degradação dos sentimentos, a alienação profissional, etc.; o lar como pátria, macrocosmos onde se insere o microcosmos familiar, com as inevitáveis implicações históricas e sociais; e, finalmente, o lar-hospício, o lar-armadilha para os (supostos) irrecuperáveis, onde a solidão e o desespero se implantam tão definitivamente quanto as soluções dos problemas relacionados com a saúde do homem na sua totalidade são (ainda) uma utopia.

A um canto do jardim há uma mesa e duas cadeiras. Para duas mil sombras que por ali vagueiam e que apenas vemos reflectidas nos olhos das personagens da peça, duas cadeiras virtuais (quem quer outras tem de trazê-las da sala de conferências). São cinco as personagens com quem vamos contactar. O espectador é aqui o radiologista que observa o doente à radioscopia: só que em vez dos pulmões, do coração, das vértebras, ficamos a conhecer os sentimentos ou, se preferem, as vivências das personagens. As palavras, os silêncios, os gestos, as atitudes, os risos e as lágrimas são um écran em que se projectam essas vivências.

As personagens estão constantemente em trânsito entre as recordações de um passado real (e detestado): o do quotidiano que ficou lá fora; a presença/ausência de um Mundo (a Pátria como realidade rememorada em nomes históricos) que os expulsou; o canto em que agora estão encurralados como animais que vivem à espera de uma simples variação atmosférica ou obcecados pelo número de cadeiras.

Neste trânsito constante, as personagens revelam, ao mesmo tempo, os vários desdobramentos das suas personalidades: o cada uma delas é uma história que se conta e uma história que se esconde. A peça consiste exactamente na tessitura das duas histórias.

Estas personagens são vistas com uma piedade enorme onde paira a sombra tutelar de Tchekhov. Essa piedade dá à peça um tom discretamente contestatário porque sente-se perante elas e perante as personagens que se adivinham à sua volta, toda uma problemática de reinvidicação não apenas política e social mas mais fundamentalmente de vivências humanas a transformar. O que escrevi noutro lado acerca do espectáculo quando da sua estreia, parece-me manter-se nesta repositio: através da linguagem da palavra e do gesto, Storey caracterizou subtilmente as personagens que, na sua diversificação,

se encontram numa mesma situação de mundo fechado.

A encenação desta peça, por isso, não será mais do que a descoberta da verdade que cada uma das personagens esconde ao mesmo tempo que revela. A participação do espectador faz-se através desse jogo de palavras banais, de silêncios insuportáveis, de gestos vulgares — um jogo de cinzentos, uma música de câmara que repetisse, com ínfimas, quase imperceptíveis variações, as mesmas notas. A encenação inscrever-se-á, pois, nos sinais mínimos marcados no corpo de cada uma das figuras: a posição peculiar de um pé; a maneira de cruzar as pernas; o andar; o gesto de puxar as saias; os olhos que se retraem; um esgar que se repete. Sinais marcados também na gesticulação e na voz: um riso exagerado, uma lágrima repentina. A peça e o espectáculo formam uma só realidade circular em que nada se passa e tudo acontece porque é a vida (ou a morte) que explode, silenciosamente, naqueles seres destruídos. Aqui, o absurdo nada tem a ver com o de Ionesco: trata-se de um absurdo localizado, datado, referenciado. As personagens beckettianas que esperavam Godot foram interrompidas e deixaram de esperar: a sociedade recupera os marginais (nem todos) — e transforma-os nestes seres que estão já na fronteira do nada.

Com Nicholson em vez de Luis Santos e Montez em vez de Joaquim Rosa, a interpretação mantém o nível excepcional da estreia. Haverá certamente diferenças entre os actuais intérpretes e os criadores: não são suficientemente fortes para prejudicar um dos trabalhos mais equilibrados, mais justos não só da companhia dirigida por Luzia Martins como do teatro português recente. Se a encenação consistiu na modulação da linguagem de Storey e da sua conjugação com a linguagem gestual foi ao mesmo tempo a leitura do tempo interior e exterior das personagens e das situações, mantendo os sinais dessa leitura naqueles limites que melhor poderiam expressá-la. O espectáculo é, pois, tanto mais impressionante quanto o que se lê no palco, sendo embora teatro, é contido numa secura que não nega, antes acentua, o patético do texto. Por isso, são estas personagens tão difíceis de interpretar.

Helena Félix e Ana Paula repetem duas interpretações de personagens que parecem gémeas e são, no entanto, tão diferenciadas (e o contrário também é exacto). Senti que o espectáculo me agarrou menos

desta vez na parte final que, na estreia, me parecera quase insuportável. Deve-se isso, creio, a um factor de que os actores substitutos não têm culpa. Tanto Luis Santos como Joaquim Rosa estavam mais próximos pela idade e pela composição física das personagens que interpretavam: por isso esse momento final em que a derrocada mental se identifica com o decência física — as personagens nessa cena revelam o total horror de dois seres marcados pela desesperança mais absoluta — me surgiu com esse sinal de absurdo que marca também as per-



Montez e Nicholson: excelentes

sonagens de Beckett. Estas palavras não devem fazer esquecer o acerto da interpretação de António Montez e Francisco Nicholson sendo justo sublinhar o esforço feito por este actor para largar a pele que ainda o cobria nos espectáculos anteriores.

Amílcar Botica, numa personagem marginalizada entre personagens à margem, repete, talvez ainda com mais força, o trabalho anterior.

teatro de tal forma consegue um excepcional grau de comunicação com o público.

«Lar» obteve os seguintes prémios da Casa da Imprensa: Melhor Encenação, Melhor Conjunto, Melhor Actriz (Helena Félix).

Consome mais leite que gasolina

Além disso andar nele dá alegria. Com o seu ar modesto esconde qualidades notáveis. É todo ele espaço. Cada membro da Família tem as suas razões para gostar dele. Que não são as mesmas, claro. Mas toda a gente está de acordo num ponto: é o único carro que não oferece restrições à família. Nada

no Ami 8 é supérfluo. A docilidade é outra das suas qualidades. As possibilidades do Break são surpreendentes. Seguro, económico, prático, o Ami 8 é um dos responsáveis pela satisfação da família. Faça as contas que o Ami 8 espera-o.



A sua escolha, Berlina ou Break Ami 8.

CITROËN AMI 8

riber
TRIS

Lava duma só vez...

riber

A MAQUINA DE MAIOR CAPACIDADE DO MERCADO

36 PRATOS
24 COPOS
12 CHÁVENAS
12 TALHERES
(COMPLETOS)
TRAVESSEIROS
PANELAS
TACHOS
TODA A LOÇA DE
12 PESSOAS



No filme «Cabaret», grande êxito nos EUA.

LIZA MINNELLI

AS VANTAGENS DE NASCER FAMOSA

Se existisse um «Guia Michelin» dos espectáculos, Liza Minnelli teria seguramente direito a três estrelas: ou seja, só ela justifica qualquer viagem. Para a caracterizar o melhor será atribuir-lhe uma expressão que ela usa constantemente em palco e fora dele: «terrific». Perante tanto talento temos a sensação de que Liza veio ao mundo de microfone na mão.



Liza e o pai, Vincent Minnelli

«Mas, não» — replica ela com um grande sorriso nos lábios — «comecei como toda a gente começa e devo dizer-lhe que no princípio tinha mesmo um medo horrível do público».

— Você nasceu em berço de ouro. Qual foi a sua educação, dado que era filha de uma cantora célebre e de Vincent

Minnelli, o famoso realizador de «Um americano em Paris» e de «Gigi»?

— A nossa vida quotidiana era de certo modo incómoda. O meu pai e a minha mãe tinham ambos um temperamento difícil e por isso as discussões eram frequentes. Para além disso os grandes problemas que nas famílias normais passam praticamente despercebidos ou não chegam mesmo a existir, ganhavam, dada a popularidade de ambos, proporções tremendas. Isso tornou-me a infância um pouco difícil e levou-me por momentos a invejar as outras raparigas da minha idade que tinham uma vida muito mais calma que a minha. Por outro lado o meu pai e a minha mãe apesar da vida atribulada que levavam conseguiram ensinar-me sem grandes dificuldades os princípios elementares da vida: honestidade, consideração pelas outras pessoas e amor ao trabalho.

Trabalho: ora aqui está a palavra-chave. Liza é uma pessoa extremamente laboriosa.

— Liza, quem é você, na realidade?

— Não a filha de X ou de Y que são famosos e sim, eu própria Liza Minnelli, que entre outras coisas sou artista de «music-hall».

— Quando você tinha doze ou treze anos qual era a atitude dos seus pais em relação a si?

Tinham para já plena confiança em mim e nas coisas que eu dizia ou fazia. Sentia-me profundamente orgulhosa por ser filha deles e achava que devia ser digna do nome que me tinham dado, não desejava por nada deste mundo decepcioná-los. Eles viam por essa altura na Califórnia e eu fiz parte dos meus estudos em Nova Iorque. Quando deixei de estudar, eles disseram-me: «Segue o caminho que achares melhor mas fá-lo sempre com consciência». Foi em 1959 que conheci Paris, na companhia de meu pai e de Judy Garland que era então vedeta no Olympia.

Apesar de você ter vivido muito tempo em Paris, ainda não lhe foi passado o certificado da «civilização francesa»?

— Claro que não! Aliás troquei de livre vontade «La Seine» por «la scene». Decidi até regressar a Nova Iorque. Fui convidada para reposição de uma comédia musical na Broadway. No princípio com o mesmo tipo de trabalho eu ganhava muito modestamente: trinta e quatro dólares por semana, ou seja 170 francos. Foram as dificuldades dos primeiros tempos. Eu tinha então apenas dezassete anos.

Depois seguiram-se anos de trabalho intensivo em estúdio: dançar, cantar, fazer comédia! Na verdade eu ignorava, se tinha realmente talento, mas continuava a trabalhar. Não queria de modo algum arranjar trabalho á custa do nome dos meus pais que tinham uma incrível popularidade. Pensei até, por muito estranho que isso



Com Salvador Dali, depois de um «show» em

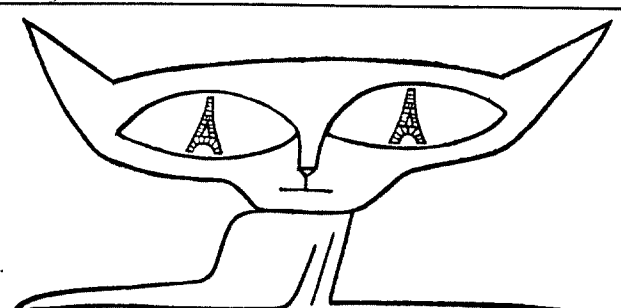


Com Sacha Distel, seu admirador incondi

possa parecer, em mudar de nome. Fui aprendendo aos poucos os segredos do meu ofício.»

— Como você certa-

mente não ignora o seu nome impôs-se rapidamente nos Estados Unidos que é pródigo em grandes estrelas. Quando em 1969



PARIS VISTO POR...

(PARIS VU PAR...)

CLAUDE CHABROL
JEAN-LUC GODARD
ERIC ROHMER
JEAN-DANIEL POLLET
JEAN ROUCH
JEAN DOUCHET

GRUPO D - 18 anos



BREVEMENTE NO

SATÉLITE

LIZA MOSA



m Paris



dicional



Cantando em Paris

mente uma grande vedeta? Duvido sinceramente. Se efectivamente o sou devo-o a um filme que fiz recentemente, e que de resto não era a minha obra de estreia: chamava-se «Pooky». Com o meu trabalho ganhei o prémio para a melhor actriz americana nesse ano. Eu fazia o papel duma estudante liceal estranha e solitária, que via cada uma das figuras através de lentes muito grossas.

— Um pouco como na vida real, não é verdade?

— Não acredito muito nisso. Eu vejo as coisas exactamente como devem ser vistas. Se às vezes aparento outra coisa, nomeadamente nos ensaios é porque gosto que as coisas que faço resultem infalíveis. Sou extremamente exigente com os músicos e com o pessoal técnico.

— E o seu programa na televisão?

— É deliberadamente muito eclético. Canto canções novas e velhas, «rock» e temas românticos franceses. Quero ser tudo menos um botão que só aperta para se ter a música que se quer. D e s s e modo ver-me-ia forçada a suprimir toda a alegria e até a exuberância que existem nas minhas canções. Até porque a exuberância em cena deixa de ser um defeito para passar a ser uma qualidade.

— Como é que você aprende as suas canções?

— Primeiro trato de decorar as palavras e depois trato-as com a minha fantasia, abrangendo desse modo também a música. Os outros cantores são em regra muito parecidos comigo, excepto quando sabem to-

car um instrumento, pois nesse caso a música é abordada de outro modo. Adorava saber tocar piano ou guitarra mas infelizmente agora já não tenho tempo.

Ao contrário das grandes vedetas europeias que geralmente só cantam, você canta e dança admiravelmente, daí o seu sucesso na América.

Nos Estados Unidos é mesmo impossível triunfar doutro modo. Infelizmente os artistas europeus ainda não se convenceram disso mas espero que com o tempo venha a acontecer. Também por isso arranjo muitos contratos para a televisão: gosto muito de fazer televisão.

Gostava de filmar com o seu pai?

— Sim loucamente. Primeiro porque o adoro e porque ele é para mim duma ternura infinita. Em segundo lugar porque é um excepcional director. Neste momento está a filmar no México com Merle Oberon. É possível que acabemos por fazer um trabalho sobre o casal Fitzgerald.»

— Que género de homem é o seu pai?

— É um homem extraordinário.

A PROPOSITO: você considera-se uma mulher livre?

— Sou uma pessoa livre e não aquilo a que geralmente se chama uma mulher livre. Creio que nesse aspecto pertenço à velha geração: acho que a mulher deve ter q u e m l h e d e c a r i n h o. Acho que deve ter o seu marido para a acompa-



Liza recorda Judy

nhar e lhe justificar as faltas. E suponho que ambos devem ter uma liberdade quase completa para fazerem o que enten-

derem. Nesse aspecto o meu marido está plenamente de acordo comigo: por isso somos felizes.



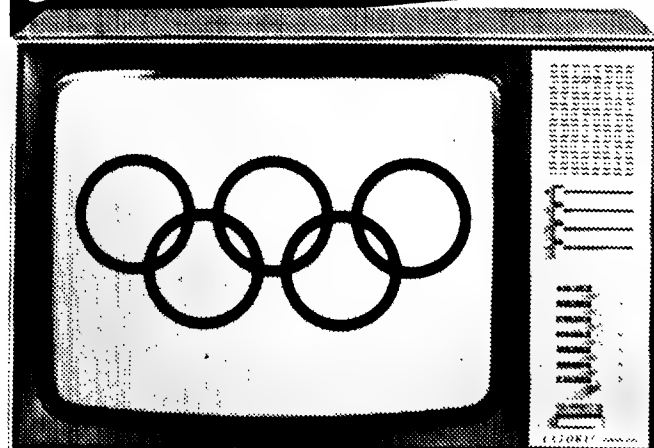
Quando Liza nasceu, Judy Garland ainda não era a mulher irremediavelmente neurótica em que se transformou depois. A vida e o amor sorriam então à ex-menina prodígio que conquistara a glória ao lado de Mickey Rooney, Freddie Bartholomew e outros grandes pequenos astros. Depois começaria a grande crise psíquica.

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

MUNICH 72

JOGOS OLÍMPICOS



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

importado com garantia da procedência



Mais notícias do "MODOSCOPE" o computador que dita a moda

Toda a Inglaterra fala de «Modoscope», computador da moda que o jornal «News of the World» introduziu na Grã-Bretanha, ao que parece com um sucesso tremendo. Já consta nos círculos da moda inglesa que nenhuma mulher que queira ter um toque personalizado na sua maneira de vestir, que goste de vestir bem e o que melhor lhe quadre, se pode dar ao luxo de ignorar o «Modoscope».

De facto, o computador está programado para dar a resposta ideal a quem quer que seja. Basta preencher um questionário e enviá-lo para o «News of the World». O jornal encarregar-se-á do resto, ou seja, enviará para Paris, onde funciona o «computador da moda», o questionário preenchido, e não tardarão as respostas mais adequadas (e individualizadas) para qualquer tipo de mulher. Resta acrescentar que as soluções são o mais completas possíveis, indo até ao ponto de «oferecer» cem (100!) hipóteses diferentes para o vestuário da próxima estação, qualquer delas dentro dos mais modernos padrões e estilos dos «ditadores» das leis de vestir.

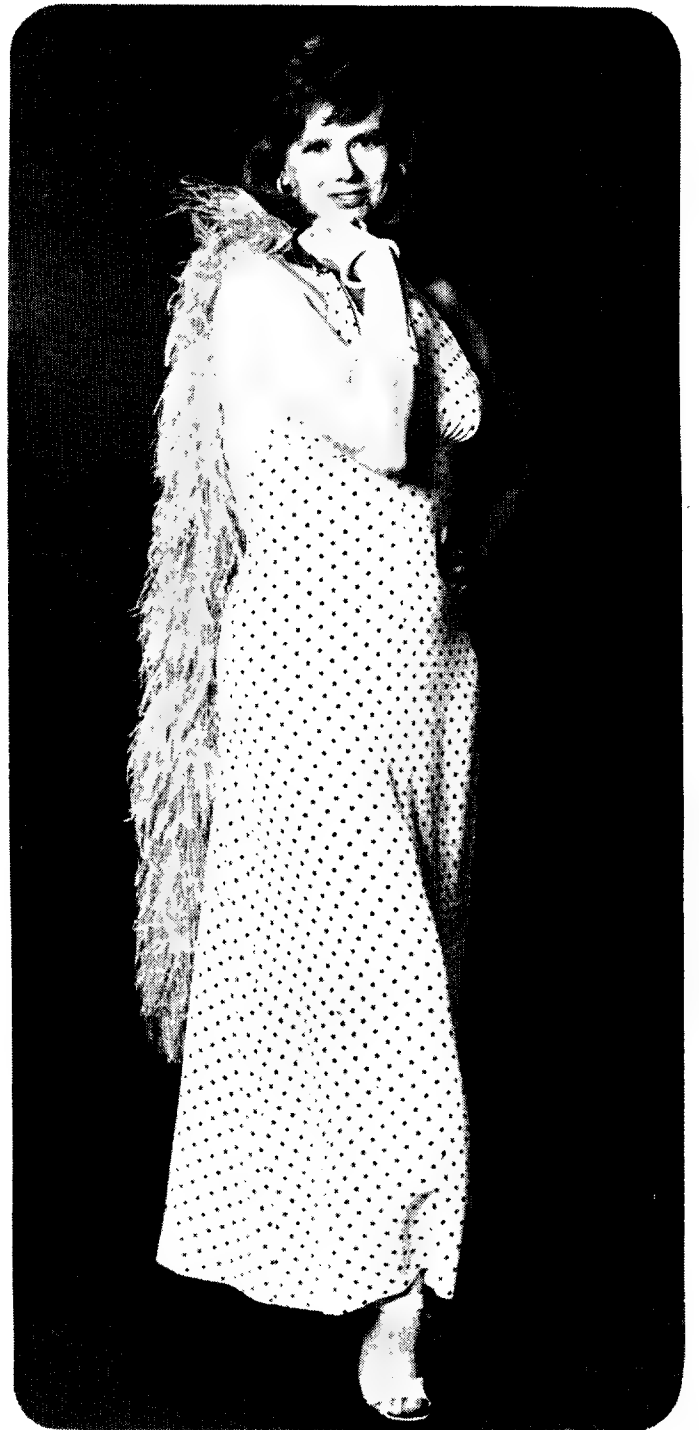
Embora o êxito da iniciativa do jornal londrino seja de se lhe «tirar o chapéu», as suas páginas continuam a deliciar-se longamente ao «Modoscope», convidando as leitoras a aderir ao processo do computador. Para isso o «News of the World» publica o inquérito, bastando às interessadas recortá-lo e preencher com uma cruz o que lhes interessa. Exemplo: «O seu cabelo é - 1) loiro; 2) Castanho; 3) Preto; 4) Ruivo; 5) Grisalho.» A candidata ao «Modoscope» assinalará com uma cruz o seu caso. E assim por diante: cor dos olhos, problemas de silhueta, gostos, medidas, estado civil, etc. O «Modoscope» está preparado para responder a todas as combinações possíveis de respostas.

Entretanto, damos alguns exemplos do que se consegue por intermédio da «máquina da moda». O «News of the World» faz o mesmo, para que não restem dúvidas a ninguém. Parece que a «coisa» funciona mesmo!

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela nossa Agente Maria Rosa Reis, Estrada Marginal 20.



A senhora Carol Gardner é mamã. O seu problema é o alargamento gradual da cintura, que é uma coisa que afflige a grande maioria das pessoas com mais de vinte e cinco anos. A resposta do «Modoscope» levou em consideração o seu dia quase completamente ocupado e as linhas do seu corpo. Foi assim que surgiram o fato de algodão com largas calças «boca de sino» e o vestido comprido para os dias de Verão que também mostramos. Ambas as soluções satisfizeram plenamente «Mamã Carol».



Olive foi quem mais sentiu a diferença entre o que vestia antes da consulta feita ao «computador da moda» e o que passou a vestir depois. Muito conhecida da série de TV «On the Buses», Olive dificilmente era reconhecida depois da receita do «Modoscope», tão grande foi a mudança!



Chamam-lhe «Bambi». Tem de zasseis anos e o «Modoscope» propôs-lhe este delicioso mini-vestido, um desenho jovem e muito alegre, para a Primavera deste ano.

diário

AS VELHAS COISAS

Os pais morreram e os filhos foram levar móveis para a casa da quinta ficar mais confortável. E, claro, deitar fora muitas coisas velhas ou aleijadas, sem concerto, inúteis a quem quer que fosse. Havia um quarto de arrumações cheio delas. Cadeiras partidas e com o fundo reben-tado, que para ali tinham ficado esquecidas, uma

mesa só com dois pés, frascos, garrafas, uma jarra para flores, partida, muitas coisas mais. Junto à casa já havia um monte de destroços condenados ao fogo.

Então surgiu o velho. Era um velho com casa ali perto. «Posso tirar?» perguntou. Claro que podia tirar o que quisesse, mas para quê se nada daquilo

prestava? O velho, porém, olhava, sorria, procurava, encontrava. As maravilhas que ele encontrou! Uma cadeira que ia empalhar e que lhe seria muito útil, só tinha duas, a jarra que era bonita e encostada à parede nem se via que estava quebrada, uns madeiros para fazer uma casota para o cão, as garrafas eram sempre úteis para o azeite,

para o vinho, para o vinagre... O velho curvava-se e tirava sempre coisas úteis, e a mulher, a dois metros de distância, esperava as pequenas e grandes maravilhas que iam sair das suas mãos.

Os que tinham deitado fora filosofaram um pouco sobre o caso. Só isso. Depois, como é normal, pensaram noutra coisa.

EMÍLIA BRAVO

Mulher

CRÔNICA DE PARIS

CHAPÉUS RECTOS OU BALOICANTES?

PARIS — Depois de várias saíons de ensaio por parte dos costureiros, o chapéu volta à moda, com a desenhatura característica da nossa época,

que dá frequentemente os mais sedutores efeitos... às formas masculinas.

Assim, as jaquetas de marinho americano compradas

no **Marché aux Puces** e locais do género envolvem as figuras cantadas das adolescentes, que também apreciavam os gorros de tons vivos e os bonés, antes de experimentarem, por brincadeira, as formas de abas largas que se encontram nas grandes lojas populares a partir de 5 francos. Estes mesmos modelos protegerão do sol os olhos das veranistas de mais de trinta anos, bem como seus cabelos, frequentemente danificados pelo excesso de permanentes, laquês e tinturas.

PAULETTE, a criadora dos chapéus bastante severos da Sra. Pompidou, observou que a volta do interesse pelos chapéus provém, em parte... das perucas. Estas possibilitam às mulheres mudar o volume das suas cabeças e rostos segundo seu humor. Agora, são os chapéus que exigem esta mudança de fisionomia, ao mesmo tempo que completam a elegância de suas roupas.

Como a maioria de seus colegas: GILBERT ORCEL, MARC

Por
NATHALIE
MONT-SERVAN

«Le Monde»/«DL»

modelos da revista **Zizi**, je t'aime do Casino de Paris.

JEAN BARTHET conta, entre suas clientes, com a Imperatriz do Irão, Sophia Loren e Brigitte Bardot, que usa as suas criações em seus últimos filmes. Trabalha bastante também com compradores profissionais da Europa e dos Estados Unidos e, na França, com o pronto-a-vestir das Galerias Lafayette.

JEANNINE MONTEL, a mais jovem das modistas de renome, adora a macieira dos gorros de pele e dos turbantes leves. Seus modelos de Primavera são trabalhados em formas severas de grandes abas em palhas rústicas, de tons tão vivos e alegres que chegam a respirar alegria de viver. Mas as mulheres não aguentarão cabeças volumosas, pelo que se lhes propõe agora os panamá naturais, um pouco masculinizados, sombreados por um pequeno véu de seda preta colocado à volta, de sutil sedução.

OLIVIER, JACQUES PINTURIER e JEAN-CHARLES BROSEAU, entre outros, Paulette apresenta duas colecções, uma pronta a vestir e outra a partir de 150 francos. Seus modelos sob medida, destinados particularmente às mães de noivas e ocasiões de cerimónia, vendem-se por cerca de 450 francos. Faz, também, chapéus e penteados para espetáculos, destacando-se alguns

FÓRMULA 1

As calças não devem desaparecer, pela simples razão de serem tão práticas. No entanto, no verão de 1972, a moda é nitidamente favorável aos vestidos, segundo informa o Instituto Alemão da Moda (DMI), em Munique (República Federal da Alemanha), que com organizações semelhantes noutros países estuda as tendências da moda no nível neutro. Num «Fórmula-V-Europa» o DMI de sonha um modelo de sonho da temporada ao alcance de todas as bolsas: um vestido para as horas vagas, nas férias e nos fins-de-semana, com decote a fato de banho, saia até aos pés, muito adequado para «garden-parties». Líder da nova linha, designada muito bem de «mistura variegada de verão», é a jovem senhora. As mais idosas terão de se limitar a vestidos em estilo **chemisier** ou em estilo **chanel**, evitando os folhos, as mangas em balão e os laços reservados aos «twens».



no século da **precisão**
a **precisão** do século

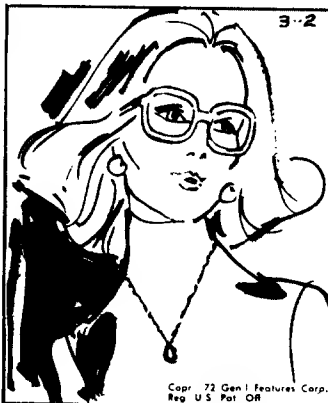


com
HELVETIA
todos chegam a tempo

HORÓSCOPO DA MODA



Um modelo que está destinado a grande sucesso para a época quente deste ano. Note-se que é cingido à garganta, e que deixa as costas totalmente des-tapadas.



Para quem usa óculos, a moda este ano é peremptória: não hesitem em escolher aros de fantasia, embora tendo o cuidado de procurar os desenhos que quadrem melhor ao rosto.



O uso do turbante está, outra vez, na mó-de-cima, especialmente se for em tela estampada, como podemos ver na parte inferior da ilustração. Há ocasiões especiais, para a noite, em que o turbante surte um belo efeito.



Novas cores para pintar as unhas, que deixarão de poder contar, apenas, com os tons habituais de vermelho e branco: verde, azul e amarelo.



STUDIO JEAN BERTHET: feltro turquês em chapéu masculino, aba levantada de um lado, ornado de fita marinho. 45 F nas Galerias Lafayette e nos representantes do costureiro na província.

MONOPRIX: chapéu de palha ornado lateralmente com um buquê de flores. Em branco, marinho, preto e amarelo. 12,50 F.

PAULETTE: mini-touca em jersey vermelho trabalhado em pregas conforme o penteado, enfeitado com um farto buquê de cerejas sobre uma orelha e com um pequeno véu de pois do mesmo tom. 450 F, sob medida, à Avenue Franklin Roosevelt, 63.

«NEW CHIC», linha de Verão da «haute coiffure» francesa, destinada às mulheres desportivas. Corte «bi-plan», para dividir os volumes da nuca, enquanto uma grande franja escovada para a frente emoldura a testa.

EVA

A DETETIVE



Telefone, aparelho de telefonia, bloco de estenografia e pistola de gás, são os requisitos mais importantes de Eva Sippel, de 24 anos, a mais jovem detetive particular na República Federal da Alemanha. Eva pensa que a profissão pode muito bem ser exercida por uma mulher esbelta e jovem. Em muitos casos se atie o assunto a uma mulher, que consegue observar mais «discretamente» do que um homem. Quem vir Eva, pensará numa detetive? Eva Sippel fez uma aprendizagem comercial e trabalhou três anos como voluntária em várias empresas de detetives. Em 1969 decidiu-se a abrir uma firma própria, auxiliada por seu marido, que no Canadá colheu certa experiência como detetive. Três grandes armazéns em Hamburgo firmaram contratos com Eva.

riber
TRIS

Lava duma só vez...

riber

A MÁQUINA DE MAIOR CAPACIDADE DO MERCADO

36 PRATOS
24 COPOS
12 CHÁVENAS
12 TALHERES
(COMPLETOS)
TRAVESSAS
PANELAS
TACHOS
TODA A LOÇA DE
12 PESSOAS



VITAMINA "E"

a panaceia da moda

Afirma-se ser eficaz no tratamento das doenças do esporão dos perus, de um tipo hemolítico de anemia nas crianças de tenra idade e das câibras nocturnas nas pernas. Há quem vá ainda mais longe e diga que faz tudo, desde o evitar as úlceras indolentes até ao manter o coração saudável e combater os efeitos do «smog». Em contrapartida, existe também quem afirme que é completamente inútil.

Trata-se da vitamina E, a mais recente moda no nosso alfabeto de panaceias. Porém, as doenças a que atrás nos referimos não explicam de modo algum o espectacular aumento das vendas que, segundo algumas fontes ligadas à indústria, foi de 500 por cento em comparação com o ano passado.

Há pouco mais de um ano, o livrinho de Linus Pauling levou milhões de pessoas a utilizarem a vitamina C para a cura da vulgar constipação. Mais recentemente, o público tem estado a recorrer à vitamina E como uma fonte de energia ou um elixir.

Algumas farmácias revelaram que os principais compradores da vitamina E são os homens de meia idade, os quais excedem os clientes da mesma idade do sexo feminino na proporção de dois ou três para um. Em contrapartida, as farmácias que abastecem principal-

mente os estudantes e os jovens afirmam que as vendas são praticamente nulas.

Os farmacêuticos interrogados declararam que os clientes invocam as mais variadas razões para a aquisição de vitamina E, tais como os seus efeitos sobre as constipações, vigor muscular, colesterol, artrite, rugas e doenças do coração.

Embora a vitamina E não tenha um campeão tão famoso como o da vitamina C, o Dr. Pauling (distinguido por duas vezes com o Prémio Nobel), conta mesmo assim com muitos defensores que sobre ela escrevem longos tratados. Um deste é Herbert Bailey descrito no seu livro **Vitamina E: chave de um coração saudável** como um veterano repórter médico. Depois de ter sido vítima de um ataque cardíaco, Bailey recebeu a si próprio vitamina E: seiscentos miligramas por dia.

No terceiro dia do trata-

mento com a vitamina E, escreveu Bailey, experimentei melhoras tão sensíveis que disse a minha mulher, «Dios me leve se ficar na cama um minuto mais que seja».

Bailey dedicou o seu livro aquilo que chama a **história ignorada das propriedades curativas desta notável vitamina**. Embora grande parte do livro trate das doenças do coração, o autor recomenda igualmente a vitamina E noutros casos, incluindo a esterilidade e a tensão e o envelhecimento.

Publicado pela primeira vez em 1964, venderam-se 30 mil exemplares. Porém desde a sua reimpressão em forma de brochura, em 1966, foram vendidos entre 700 mil e 800 mil exemplares, a maioria dos quais no decurso dos últimos 18 meses.

A Califórnia regista a mais elevada percentagem de vendas, tanto do livro como da droga, dado que conta entre os seus habitantes um número considerável de pessoas que se preocupam com a saúde, bem como de gente idosa. Na região de Washington, a loucura da vitamina E começou a manifestar-se o Outono passado. Russel Taylor, um dos cola-

boradores da cadeia People's Drug Store, calcula que as vendas quintuplicaram desde então. Outros armazéns disseram que as vendas aumentaram de zero a 300 por cento.

A dose média é de 200 miligramas por dia, mas alguns estabelecimentos revelaram que os homens mais idosos estavam a adquirir cápsulas de 400 miligramas. Um cliente de cabelo grisalho disse: **Costumava tomar um Martini ao chegar a casa. Agora, porém, tomo uma cápsula de 400 miligramas de vitamina E e, 15 minutos depois, sinto-me outro.**

No passado mês de Novembro, a «Medical Letter», publicação sem fins lucrativos destinada aos médicos, que estudam os medicamentos e as terapêuticas, afirmava que **excepto numa rara anemia infantil não estava provado que os suplementos de vitamina E fossem eficazes na prevenção ou tratamento das doenças comuns do homem.**

A reputação da vitamina E como produto afrodisíaco resulta em parte do facto de uma carência ser susceptível de causar problemas no sistema de reprodução. Isto, porém, foi verifi-

cado em experiências laboratoriais com animais e não em seres humanos. A alimentação do ser humano médio contém uma quantidade suficiente de vitamina E.

Lembro-me de que, quando fui para a faculdade de medicina, a vitamina E era considerada uma hormona do sexo, declarou o Dr. David M. Seitzman, urologista de Washington. Mas creio que não existe qualquer prova em apoio dessa teoria. O dr. Seitzman afirma que nem ele nem nenhum dos seus colegas recorria à vitamina E.

dade. Na sua opinião, a vitamina E pode ser útil apenas em casos de infertilidade para a qual não exista qualquer explicação e nos quais não são evidentes quaisquer sintomas fisiológicos.

Nestes casos há sempre algumas soluções empíricas. Por exemplo, o simples facto de uma mulher ser submetida a experiências pode ser suficiente para ela engravidar após seis anos de infertilidade. Nestas condições, quem sabe?

Talvez o simples desejo consiga este resultado. Mas tomar elevadas doses de vitamina E não é a mesma coisa. Efectivamente, é muito possível que isso seja até prejudicial. O dr. Jean Mayer, de Harvard, especializado em nutrição, escreveu no número de Fevereiro da revista «Family Health» que doses exageradas de vitaminas podem revelar-se contraproducentes. A necessidade diária não ultrapassa os 300 miligramas.

A razão pela qual se tomam quantidades mais elevadas, escreve o dr. Meyer, parece resultar de investigações recentes que parecem indicar que os ratos aos quais foram ministradas grandes quantidades de outros produtos semelhantes viveram mais tempo do que se esperava. Embora um número desastrosamente elevado de americanos tenha sistemas de alimentação provavelmente deficientes em vitamina E, isto não é razão suficiente para se recorrer às doses exageradas.



Por outro lado, acrescentou, não faz mal e pode até ser benéfico se uma pessoa se convencer de que a vitamina E pode melhorar a potência sexual.

O efeito da vitamina E foi também assinalado pelo dr. Oscar Dodek, ginecologista de Washington especializada no tratamento da infertili-

O CONTO DE DOMINGO

O ÚLTIMO PASSEIO NO RIO

Continuação da pagina anterior

te via, Mari. Como estás?

— Sim, há muito tempo respondeu Mari.

— Porque não posso eu ir com eles? Voltou à carga Quatromoscas.

— Porque querem beijar-se e tu irias incomodá-los.

— Csaba passou o chá por um coador servindo uma parte numa caneca de cerveja e a outra, depois de um gesto brusco, num copo de mostarda. Ofereceu a caneca a Mari, e a mim, o copo.

— Perece-me um disparate ir passear no barco com este tempo.

— Mari parte amanhã de viagem expliquei, sabe-se lá quando teremos outra ocasião.

— Seja como for, é um disparate. Mari pôde ir viajar sem ter passeado no barco a motor. Não é verdade, Mari?

— Claro, disse Mari, claro que sim.

— Não compreendo por que te metes nisto interveio Quatromoscas. Que vão, se têm assim tanta vontade.

— Tu, cala o bico. Csaba tornou a sentar-se na mesa e pôs-se a fumar.

— Há alguma coisa com o motor? perguntei.

— Não, não há nada disse Csaba com um gesto de desdém. O motor está em perfeito estado, tu é que não. Bebam o chá e vão-se embora.

— Havia um mês que vivia na cabana. Tinha o rosto muito queimado pelo sol, usava um fato de treino azul-claro e sandálias velhas. De vez em quando, era inquietante a sua capacidade para compreender tudo sem que lhe tivesse sido dada qualquer explicação, estabelecendo imediatamente uma opinião unilateral.

— Já não é mau que não os ponhas fora disse Quatromoscas.

— Só me poria a mim deixou cair Mari, olhando para Csaba. Não é, Csaba?

— Nunca tive nada contra ti disse Csaba. Sabes que sempre gostei de ti.

— Então que tens? perguntou Quatromoscas.

— Cala o bico. Csaba estava sentado na mesa, rindo sarcásticamente e balouçando as pernas.

— Também agora jogam o póquer? perguntou Mari.

— Dia e noite respondeu Quatromoscas.

— Já falaste bastante.

— Csaba dobrou o braço em ângulo recto, cerrou o punho e fez-me um sinal com os olhos; assim costumava convidar-me ao jogo. Deixei o copo de mostarda. Assentámos ambos o cotovelo direito na mesa e chocámos as palmas das mãos com o jeito dos jogadores experimentados. Tinha a certeza de que ia ganhar, às

vezes uma pessoa sente essas coisas. O meu pulso era bastante mais débil do que o de Csaba, e eu sabia que ele tentaria baixar-me o braço fazendo-me dobrar o pulso. Mas tinha confiança nos meus músculos do braço e, deste modo, a minha maior virtude consistia em resistir. Csaba, nesta luta do pulso, era mais de impulsos. Nossa conformação física completava-se mutuamente de um modo tão afortunado que nunca se podia prever quem sairia vencedor, o que aliás costumava depender do estado momentâneo de um dos dois. Por esse motivo foi extraordinário o meu rápido triunfo. E também o facto de que ganhei dobrando o grosso pulso de Csaba. Ambos arquejávamos.

— Portou-se muito bem disse Quatromoscas.

— Mari não disse nada.

— Vamos a outra vez e Csaba tornou dobrar o braço.

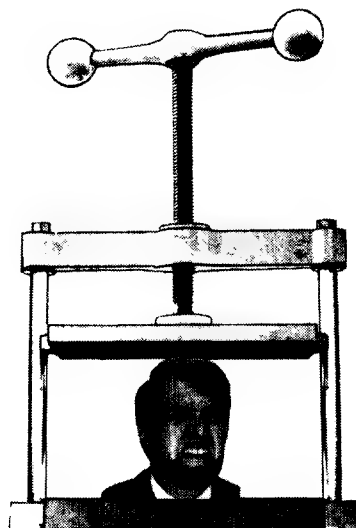
— Não respondi. Por hoje basta.

Estava sentado na cabana de Csaba; lá fora continuava a chover, e, ao olhar pela janela, vi que não havia sinais de escampar. Fumámos outro cigarro.

Finalmente, chegámos à margem do rio. Mari e eu; o vento dava-nos na cara e as gotas de chuva formavam pequenas crateras na água. Então, disse-lhe:

— Trouxe-te em vão, Mari. Não tenho barco a motor.

NÃO DEIXE



QUE LHE FAÇAM ISTO!

VEJA, COMPARE E COMPRE O SEU



ESCORT — CORTINA — CAPRI — TRANSIT
EM

J. Mendes Coelho, Lda.

(O CONCESSIONARIO FORD MAIS ANTIGO DE LISBOA)

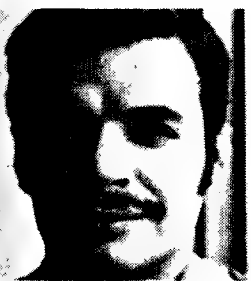
R. Alexandre Herculano, 6-A

R. Gomes Freire, 5-A / 7-C

TELEF. 53 98 01

Crônica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



AH, OS PAPÉIS!

Penso muitas vezes: corre o risco de sufocar sob uma montanha de papéis. Não é uma obsessão, mas temo que venha a sê-lo. Livros, revistas, jornais, cartas, folhetos de propaganda, tudo parece apostado em perseguir-me.

Quando me dirijo a casa, à hora do almoço, dou comigo nisto:

«Não vou poder entrar. A minúscula caixinha do correio foi insuficiente para conter a avalanche de «material» que, como assustadora lava, foi desembocar na minha porta».

Claro que, felizmente, jamais se confirmou tão terrível previsão. Para o que contribui, certamente, a minha antiquíssima (e saudável) preguiça em responder às cartas, cartinhas e cartões com que, para desgraça minha, sou diária (salva-se o domingo, *Deo gratias*) e sistematicamente bombardeado.

Vou guardando tudo, por esta sentimentalona mania de pensar que «um dia, vai ser engraçado ver isto». Um dia, no entanto, é coisa que não haverá — porque não há tempo. E, quando o há (arrancado, sem dúvida, a tanta coisa), é, isso sim, para distrair. Tarefa que, de tantos em tantos meses, sou forçado a cumprir, sob pena de não poder mais movimentar-se dentro de casa.

Foi o que aconteceu uma tarde destas. Durante duas ou três horas, rasguei, queimei, destruí, em suma, centenas de documentos — o que deu para encher uns três baldes de lixo. Mandeí pô-los à porta, como é de boa norma, para que os «almeidas» os recolhessem.

Porém, no dia seguinte, ao sair de casa, reparei que alguém (e não haviam sido aqueles prestantes servidores municipais nem, decerto, a C.I.A.) se encarregara, durante a noite, de esvaziá-los. O que me fez chegar ao jornal com a (filosófica?) ideia de que estamos, aí de nós!, em plena civilização do papel.

AUTODETERMINAÇÃO PARA OS CEGOS

Em Portugal — e até noutros países do mundo, mesmo naquele onde a integração dos cegos na sociedade dos homens válidos e produtivos é já facto consumado ou em vias de o ser — existe ainda uma forte tendência para o paternalismo. Ora, para além das contingências de ordem social, sanitária e económica, que são causa da cegueira e que o progresso vai — pouco a pouco ou rapidamente — vencendo e transformando, existe uma tendência grave de muitas pessoas (inegavelmente bem intencionadas, mas, em boa verdade, desconhecedoras da natureza humana, dos seus mais profundos e subtils mecanismos psicológicos) para se tornarem em donos, ou donas dos cegos, neles destruindo ou traumatizando faculdades preciosas para a livre determinação, que é a forma mais simples e a mais alta de afirmação e valorização do homem.

Ouvimos um cego culto e responsável, Henrique Ribeiro, aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, que trabalha, como telefonista, para pagar o seu curso, na General Motors. Dirigente da Associação Luís Braille durante cinco anos e do Centro de Cultura dos Cegos, fala-nos dos direitos dos cegos (dizer *invisuais* é para ele um eufemismo paternalista) à educação e ao trabalho. Evoca a personalidade e a acção de Branco Rodrigues, pioneiro desta luta pela dignificação e pela independência económica dos cegos.

Em 1889 Branco Rodrigues apelava para os poderes públicos, reclamando a «protecção oficial» para os cegos, que não deveriam mendigar a esmola da caridade particular. Em 1894 Branco Rodrigues conseguia nominalmente o ensino oficial para os cegos, mas na realidade até há cerca de cinco anos era ínfimo o seu acesso à escola. Só muito recentemente o dinheiro do Totobola permitiu alguma assistência efectiva neste campo.

Como e quando surgiram em Portugal as Associações de cegos?

ASSOCIAÇÕES

Em 1927 foi fundada só por cegos a Associação de Beneficência Luís Braille, com o lema «A bem da causa do cego trabalhador»; em 1951 a Liga de Cegos João de Deus; e, em 1959, no Porto, a Associação dos Cegos do Norte de Portugal. Mas é justo dizer que só com o aparecimento da Fundação Martin Sain, em 1959, se tornou possível empregar cegos em trabalhos vários. Dois anos depois foi criado ainda o Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, sob o patrocínio do Instituto de Assistência aos Inválidos.

Henrique Ribeiro acha que não se deve edulco-

desaparece logo que se lhes dê a educação adequada. Não é um problema, é um falso problema.

AS CRIANÇAS

— Acerca das crianças cegas?

— Em 1913 foi fundado em São João do Estoril o Instituto Branco Rodrigues. Há pouco, devido a um donativo do dr. Anastácio Gonçalves, foi comprado um novo edifício, mas nele não há infelizmente hipótese de recreio para crianças. As aulas também não são dadas no corpo do edifício. As crianças cegas têm de atravessar maus caminhos. Enfim, havemos de melhorar...

— Outra pergunta: acha que os cegos andam afastados da resolução dos seus problemas?

— Bom, quanto a isso, se compararmos o que se passa na América, na Alemanha, na Holanda, na Inglaterra, na Itália, nos países nórdicos e nos países socialistas com o que por cá ocorre, teremos de convir em que, de facto, as estruturas portuguesas não se coadunam com a gestão dos interesses dos cegos por ele próprios. Note que, mesmo em Itália, a marcha do progresso nesse domínio não tem sido fácil: ainda não há muito, um grupo de cegos se sentou, em sinal

Reportagem de
URBANO TAVARES
RODRIGUES

de protesto, à porta do parlamento.

PROFILAXIA

— Não lhe parece urgente entre nós a profilaxia da cegueira?

— Evidentemente! A falta de condições higiénicas é responsável por inúmeros casos de cegueira. No Ultramar, o tracoma é muito frequente. E é-o também nas regiões e nas camadas sociais mais pobres do continente. A cegueira é também uma doença de classe. Sim: há que fazer profilaxia. São ainda vinte milhões os cegos no Mundo. Muitos casos, tratados a tempo, seriam curáveis. Quando não o sejam, cabe aos oftalmologistas e aos neurologistas preparar psicologicamente os futuros cegos para a aceitação da doença.

— Quem tem ajudado mais nesse aspecto?

— A Fundação Sain. Há que referir também a acção importante, mas insuficiente, da Gulben-



Henrique Ribeiro

rar ou mascarar a realidade, mas enfrentá-la. Falar em segregação dos cegos é até, no seu entender, impropriedade.

— Essa segregação



D. Gabriela, telefonista de uma empresa de publicidade

JORNAL
Totobola

À VENDA EM TODO O PAÍS



Um cego, perfeitamente senhor dos seus reflexos, atravessa uma rua da cidade

— Como se extinguiu o Centro da Granja em que há pouco falou?

— Morreu à minguada de frequência, segundo creio. De resto, encontram-se com frequência muito fraca o Centro de Reabilitação da Fundação Sain e o Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos.

UMA LEI

— E como se explica essa tão escassa frequência nos centros de reabilitação?

— Arrisco duas hipóteses: excesso de centros de reabilitação de moldes idênticos; e falta de garantia de empregos uma vez terminada a reabilitação.

— E como remediar essa situação?

— Para o primeiro caso, parece-me que deveriam criar-se centros de treino de profissões diversas para os cegos congénitos, embora se deva prosseguir o trabalho louvável que a Fundação Martin Sain tem realizado desde o início da qual somos beneficiários, incluindo os indivíduos que concluíram a 6.ª classe não podendo continuar a serem preparados para a vida dentro dos moldes relacionados com as suas habilitações técnicas e mentais.

— E quanto a garantia de empregos?

— Atrevo-me a alvitar a promulgação de uma lei segundo a qual os indivíduos cegos, em condições idênticas às dos indivíduos com vista, teriam prioridade sobre estes, nos empregos que vão vagando. O Ministério da Saúde e Assis-



Américo Henriques: tocando piano na sala de convívio da Associação Luís Braille

kian, através do trabalho do dr. Sousa Lobo; e ainda a do Lyons Clube, que tem fornecido os óculos.

— Sim. Entendo que devem ser os primeiros a ser ouvidos nas matérias que lhes respeitam. Em toda a parte do Mundo são já os cegos que tratam dos seus problemas. E, em Portugal, há cegos com nível intelectual, todos o sabemos. Poderiam eles próprios dirigir os seus Centros de Reabilitação, os seus Institutos, as suas Revistas. O Ministério da Educação Nacional, a Assistência e a Previdência têm de estudar a fundo toda a reformulação, dos vossos problemas. Mas não quero deixar de prestar homenagem à acção da Fundação Sain, que já empregou cegos em número superior a 300.

— O que é exactamente o Centro de Reabilitação da Fundação Sain?

— Olhe, a Fundação Sain criou o seu centro de reabilitação, com o propósito de reabilitar para a vida os que perderam a vista, mas viu-se forçada, em muitos casos, a aceitar cegos congénitos. A razão? É que ninguém havia tomado, em Portugal, qualquer medida que os favorecesse, embora esteja em estudo uma oficina de orientação profissional, a abrir em Abril próximo, no desaparecido centro da Granja.

— Que se passa, para

voltar às crianças cegas, com as que concluíram a sexta classe?

— Não continuaram os estudos. Esperam simplesmente até aos 18 anos a altura de ingressarem num centro de reabilitação, para depois tentarem arranjar emprego, já que não existem escolas de treino para os adolescentes dos 12 aos 18 anos nem para os cegos congénitos.



Há, felizmente, pessoas sensíveis e com a plena noção dos seus deveres cívicos

tência, no seu decreto de Maio último já deu um passo nesse sentido dando preferência aos indivíduos com deficiência para os lugares que vão vagando. Não podemos ignorar que a promulgação de uma lei desta natureza provocaria controvérsia em diversos sectores da vida nacional e até entre pessoas ligadas mais directamente ao problemas dos ce-

gos. Mas uma lei com este espírito nunca os cegos terão um emprego por direito, e continuarão a esmolá-lo quantas vezes abaixo das suas capacidades intelectuais e profissionais.

Prossegue:

— Posso mesmo adiantar que tal lei é perfeitamente exequível. Existem leis semelhantes nos países da Europa. Até na longínqua Ásia foi posta em vigor uma lei de teor idêntico, após uma reunião realizada em Kuala-Lumpur, de 20 a 30 de Maio de 1963, onde Portugal esteve representado.

TAREFAS

— Que funções podem os cegos desempenhar?

— Até aqui os lugares que têm sido porporcionados aos cegos não passam de actividades fabris, com balanceiros, serras, polainas eléctricas, trabalho em série, embalagens, ou actividades burocráticas como as de telefonista ou dactilógrafo. Temos assim, de um lado, os cegos que por qualquer motivo não atingiram o 2.º ciclo Liceal canalizados para as fábricas do outro, os que, com o 5.º ano Liceal, às vezes até com habilitações universitárias, foram orientados para as actividades burocráticas referidas. Para não fugir à regra, há três ou quatro cegos que de-

sempenham actividades mais ou menos de harmonia com as suas aptidões como professores, bibliotecários, etc.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

10.º CONCERTO (REVELAÇÃO)

AMANHÃ ÀS 16 H. ÚLTIMA AUDIÇÃO

Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Maestro

Manuel Ivo Cruz

CANÇÕES ESTÁTICAS

(1.ª audição mundial)

CÂNDIDO LIMA

CONCERTO

EM FÁ MAIOR

HAYDN

Pianista

Alda Maria Cabral

CONCERTO

PARA 4 VIOLINOS

VIVALDI

• Anibal Castanho Lima

• Fernando Calasans

Duarte

• António Vilaça Lé

• Floriana de Oliveira

SINFONIA

DO NOVO MUNDO

DVORAK

Maestro

Manuel Peres Newtón

Bilhetes desde 12\$50

FESTIVAL DE ÓPERA NA INGLATERRA

GLYNDEBOURNE, Inglaterra — O Festival de Glyndebourne inicia-se no dia 21 de Maio com a reposição em cena da ópera de Strauss «Ariadne Auf Naxos». Gloria Lane, Irmgard Stadler e Maurice Maievsky são os principais intérpretes. A orquestra é dirigida pelo maestro Myer Fredman. No dia 25 de Maio será cantada pela primeira vez no Festival de Glyndebourne a ópera de Verdi «Il Ritorno D'Ulisse in Patria». Janet Baker, John Wakefield, Anne Howells, Richard Lewis, Clifford Grant e Benjamin Luxon formam o elenco. A orquestra terá a direcção de John Pritchard. «Die Entführung Aus Dem Serail» é a única ópera de Mozart cantada no Festival, este ano. Cantam-na Sylvia Geszty, Horts Laubenthal, Danielle Pierriers e Kimo Lappalainen. Durante todo o Festival há uma única orquestra — a Filarmónica de Londres.

SRS. CAPITALISTAS

**COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO
NAS MELHORES CONDIÇÕES!**

**A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA
A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas
de propriedades, ao juro da Lei.**

**Trata de toda a documentação, registos, etc.,
e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta
toda a assistência até total reembolso do capital
emprestado.**

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000\$00

LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Eq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6
PORTO—R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6



PAPEL MODERNO

**PARA REVESTIMENTO DE PAREDES.
NOVOS PADRÕES — NOVAS CORES.
COLECÇÃO 1972/73**

**Pessoal Técnico especializado
para assentamento**

O X I D E X

Av. João Crisóstomo, 10-B — Telef. 53 23 83

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA — RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

**OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os
momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão
reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXIS-
TÊNCIA!...**

**E AINDA muitas outras informações de grande inter-
resse acerca de si próprio e do seu Destino...**

**Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19
horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do
Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA**

PARA O PERÍODO DE 2 A 8 DE ABRIL



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR — Os astros anunciam contrariedades e mal-entendidos no seu sector amoroso. Na sua vida doméstica assim como nos casos puramente de amor, proceda com correcção e tenha em conta que os gracejos lhe podem causar dissabores. Igualmente, não se precipite em assuntos que digam respeito à sua residência.

DINHEIRO — Os ganhos não corresponderão ao esforço despendido. Não faça nem contraia empréstimos. Por outro lado, os astros advertem que só com um espírito de larga visão, atitudes tolerantes e absolutamente honestas poderá superar as dificuldades com que talvez venha a defrontar-se.

PROFISSÃO — Não se meta em grandes empreendimentos, nem procure dar um grande incremento à sua vida profissional, pois a altura não é propícia para isso. Aliás, deverá retrair-se um pouco.

SAUDE — Também no que respeita à saúde se encontra sob influências adversas. Tenha cuidado, pois corre o perigo de acidentes repentinos, bruscos.

PEDRAS PRECIOSAS — Rubi e ametista; Cores: Encarnado e roxo; Flores: Violeta e rainunco.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR — Durante a semana em curso os astros realizarão tudo o que se refira a amores e casos particularmente íntimos da sua vida. Estes exercerão ainda influências sobre as suas actividades sociais e domésticas. Maior encanto e magnetismo aumentarão a sua popularidade.

DINHEIRO — A semana é excelente para as finanças, mercê dos esforços de outrem. Não faça gastos supérfluos. Procure ir fazendo tudo com os próprios recursos, sem contar com a colaboração seja de quem for.

PROFISSÃO — Terá toda a vantagem em mostrar-se sociável para com as pessoas que, no domínio da sua actividade profissional, conhece neste período, dado que os astros favorecem as suas pretensões em ordem a conseguir melhorar a sua situação.

SAUDE — Neste capítulo, apenas haverá a registar um ligeiro nervosismo, sem consequências de maior.

PEDRAS PRECIOSAS — Safira azul, ágata e esmeralda; Cores: Todos os tons de azul e verde; Flores: Lilás e orquídea.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR — Os seus problemas familiares e sentimentais giram mais em redor de assuntos materiais do que propriamente espirituais e afectivos. De qualquer modo, haverá boa compreensão e harmonia.

DINHEIRO — Qualquer «demar-
che» importante no intuito de alcançar resultados financeiros apreciáveis terá êxito. Confie nos que vos quiserem ajudar.

PROFISSÃO — Profício ao bom desenvolvimento profissional. De andamento aos assuntos já iniciados e que tenham estado pendentes, porque a altura é oportuna. Evidencie-se e avance sem receio.

SAUDE — A boa disposição durante esta semana será a nota mais saliente e salutar a registar.

PEDRAS PRECIOSAS — Esmeralda e berilo; Cores: Matizes do azul e do cinzento; Flores: Jasmim, narciso e margarida.

horóscopo

pelelo
astrologo
HORUS



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR — Uma circunstância fortuita exercerá, neste período, influências desfavoráveis sobre o seu estado de espírito. Procure, por isso, enfrentar com serenidade as contrariedades que se lhe depararem, quer no ambiente familiar quer junto da pessoa amada.

DINHEIRO — A atmosfera neste capítulo diminui de densidade, começando a deixar ver uma certa claridade nos seus negócios. Com cuidado, tudo caminhará no sentido da estabilidade.

PROFISSÃO — A actividade que exercer não alcançará um rendimento por aí além. Os seus desejos serão contrariados e as probabilidades de progredir dentro do seu trabalho serão mínimas.

SAUDE — Período incerto quanto à saúde. A falta de ânimo e o pessimismo que demonstrará durante este espaço de tempo, pode conduzir-vos ao desfalco. Procure reagir a essa depressão, descansando e divertindo-se.

PEDRAS PRECIOSAS — Esmeralda, ágata e rubi; Cores: Azul, branco e cor de prata; Flores: Rosa, miosotis e açucena.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR — A previsão sentimental para esta semana, comporta inimizades e desilusões no amor. Não estará seguro dos seus próprios sentimentos e suspeitará da sinceridade dos outros.

DINHEIRO — Seja sensato nas despesas. Se necessitar auxílio financeiro, não hesite em pedi-lo. Há indícios de pessoas influentes se interessarem pela sua sorte, contribuindo para a sua prosperidade.

PROFISSÃO — Dedique-se com entusiasmo ao trabalho, e procure desenvolver os casos que presente-mente tenha a seu cargo, mesmo que para isso tenha de introduzir algumas alterações no sistema preconizado anteriormente. A situação tende a evoluir favoravelmente.

SAUDE — Os cuidados que deverá ter durante esta semana, são especialmente, com o aparelho digestivo e a vesícula.

PEDRAS PRECIOSAS — Brilhante, rubi e topázio; Cores: Verde claro, dourado e alaranjado; Flores: Gardénia e malmequer.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR — O aspecto é harmonioso, sobretudo à medida que a semana for progredindo os seus problemas amorosos ou familiares irão mais ao encontro dos seus desejos.

DINHEIRO — Período favorável a dinheiros, contudo, evite as despesas desnecessárias, pois este aspecto tende a diminuir no final da semana, o que era lucrativo talvez se torne prejudicial.

PROFISSÃO — A sua vida profissional em geral, o trabalho, as relações com subordinados ou superiores, decorrerá num ambiente favorável e muito propício a poder alcançar uma certa elevação na sua posição. Ponha em prática os seus planos, pois tirará o máximo proveito deles. As viagens que realizar terão êxito.

SAUDE — Dentro das suas actuais condições físicas, a saúde decorrerá sem novidade.

PEDRAS PRECIOSAS — Granada, jaspé e turquesa; Cores: Todos os matizes de azul e vermelho; Flores: Narciso e margarida.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR — Semana desfavorável aos seus interesses de ordem sentimental. Possibilidades de amouros e irritação por discordância de ideias e também pelo desinteresse demonstrado ao ser amado. Reprima a impulsividade e não cometa actos ousados.

DINHEIRO — Prognósticos pouco satisfatórios, ao contrário do que espereis a semana não vos trará compensações de dinheiro. Não confie em promessas e haja só pelo seguro.

PROFISSÃO — Nas suas ocupações de carácter permanente atravessa um período de alterações, mal-entendidos enfim, de aborrecimentos. Adopte uma linha de conduta calma, procure cumprir com o seu dever e seja diplomata nas relações com todos.

SAUDE — Os prognósticos astrais deixam antever aspectos contrários à saúde. Tente reagir contra o seu espírito mal humorado.

PEDRAS PRECIOSAS — Diamante, lápis-lazuli e esmeralda; Cores: Verde claro e azul-celeste; Flores: Rosa, jasmim, violeta e lírio.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR — A vida amorosa durante esta semana será um pouco mais convidativa. Colabore nos propósitos da pessoa amada e gozará as delícias de um bom entendimento e da harmonia. No ambiente familiar as coisas correm num clima mais propício.

DINHEIRO — Das empresas a que se lançar tirará bons frutos com resultados à vista. Animado desta boa influência, não dê apesar disso grandes largaz na aplicação do seu dinheiro.

PROFISSÃO — Tem durante este espaço de tempo uma ocasião excelente para realizar os seus empreendimentos mais caros. A sua estrela brilha, saiba aproveitar este ensejo que os astros lhe conferem.

SAUDE — Sob o aspecto físico as influências deste período, são-lhe igualmente, bastante propícias ao seu estado de saúde.

PEDRAS PRECIOSAS — Água-marinha, ágata e topázio; Cores: Vermelho e seus matizes, azul-marinho e creme; Flores: Dália, rainunco e rosa.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR — A semana que se apresenta será ditosa. Reinará uma atmosfera sábia no ambiente familiar. Também no círculo das suas amizades e junto da pessoa amada, gozará deste bom aspecto.

DINHEIRO — Está em presença de um período feliz para tratar de aumentar os seus bens e, consequentemente, a melhorar a sua situação económica. Não deixe escapar esta oportunidade, pois nem sempre tem a sorte ao seu alcance.

PROFISSÃO — Todos os seus assuntos profissionais incluindo os negócios se os tiver, serão efectivos num ritmo vagaroso, mas seguro. As viagens que tiver necessidade de efectuar em missão profissional permitem-lhe obter resultados satisfatórios, contudo, um dissabor espreita-vos.

SAUDE — Nada de anormal há a recear. Contudo, não se exponha a correntes de ar e agasalhe-se convenientemente.

PEDRAS PRECIOSAS — Topázio, granada e turquesa; Cores: Azul, verde e matizes do vermelho; Flores: Rosa, jasmim e violeta.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR — A sua vida amorosa e as relações no círculo das suas amizades deverão decorrer num ambiente calmo. Entretanto, convém agir com discrição ante certas pessoas da sua convivência.

DINHEIRO — Fracos proventos, eis o que lhe reserva o período semanal. Não haverá razão para tristezas, se não dispender grandes quantias, nem fizer despesas que não sejam absolutamente imperiosas.

PROFISSÃO — Boa ocasião para dar início aos novos empreendimentos, quer estes se relacionem com a sua actividade profissional normal quer em ocupações extras. Tome uma direcção de maior amplitude e conseguirá benefícios.

SAUDE — Qualquer acontecimento fora do vulgar pode, nesta ocasião, causar-lhe perturbações nervosas.

PEDRAS PRECIOSAS — Onix, turquesa e granada; Cores: Marrom, vermelho e verde esmeralda; Flores: Jasmim e violeta.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR — As perspectivas sentimentais para a semana que agora se inicia são boas. Tempo benéfico aos acordos e conquistas amorosas. O clima nas suas relações de amizade é de franca melhoria. No ambiente familiar tudo se conjugará sob um aspecto ameno e compreensivo.

DINHEIRO — Aproximam-se boas oportunidades, no entanto, não dê largas aos seus desejos. Cuidado com as solicitações de dinheiro que possam surgir neste momento.

PROFISSÃO — Está em face de um bom aspecto para dar desenvolvimento aos seus negócios, outros empreendimentos, etc. O essencial é não descurar os seus interesses e dedicar-se com afino ao trabalho.

SAUDE — O seu estado de saúde durante este período dependerá muito da sua disposição.

PEDRAS PRECIOSAS — Safira celeste, ametista e água-marinha; Cores: Grenat, azul e verde escuro; Flores: Tulipa, açafraão e dália.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR — A semana é auspiciosa à vida afectiva. É oportuno pôr em prática os seus empreendimentos relacionados com a vida do lar e tratar dos seus problemas sentimentais. Das amizades retirará muita alegria e prazer.

DINHEIRO — Possibilidades de surgirem interesses monetários com que não contava. Gaste simplesmente por questão de necessidade e não por uma satisfação de capricho.

PROFISSÃO — No domínio profissional pode introduzir quaisquer modificações que achar convenientes, mas sem abandonar o lugar que presentemente desempenha. O período favorece qualquer empreendimento mesmo que sejam coisas de vulto.

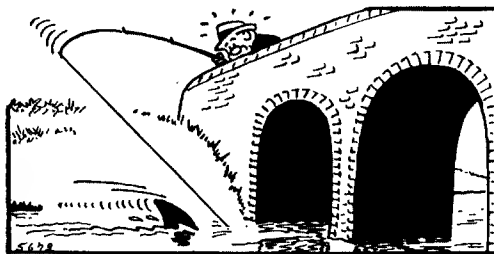
SAUDE — As suas condições físicas durante o presente período são boas e desfrutará de boa disposição. Altura favorável para fazer depuração no organismo.

PEDRAS PRECIOSAS — Ametista e ágata; Cores: Azul, verde e seus matizes; Flores: Jasmim e amor-perfeito.

SACHA & OLIVIA



«Paris in Piccadilly» é o título de um grande «show» musical que Londres vai ver agora e de que são principais figuras o francês Sacha Diestel e a inglesinha Olivia Newton-John, anunciada como revelação do cançonetismo romântico. Os dois aparecem aqui nesta foto primaveril, que pretende expressar a alegria de viver. Para quem pode, evidentemente. («Sun/DL».)



CAROL DAY - Emergency!

by David Wright



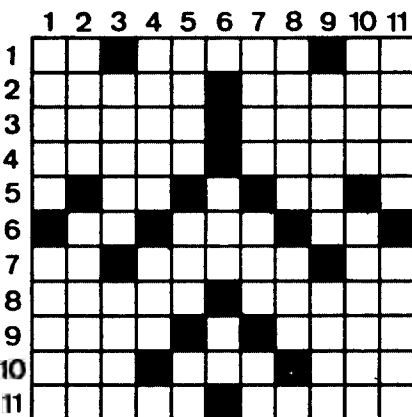
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 051

HORIZONTAIS:

- 1 Utensílio doméstico. Nenhuma vez. Abreviatura de Polícia Militar.
- 2 Assistir. Freguesia do concelho de Torres Novas.
- 3 Atira. Encolizias.
- 4 Tiras de fígado temperadas e fritas. Apelido.
- 5 O mais. Artigo definido. Nota musical.
- 6 Rio de Itália. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Abreviatura de Santíssimo.
- 7 Deus dos pastores. Espécie de borboleta do género doritis, que habita as regiões montanhosas. Prefixo que designa afastamento.
- 8 Alçado. Guarneceira de asas.
- 9 Esmago. Rezas.
- 10 Fruto da azeit. Diapasão. Mitologia.
- 11 Rede de arrastar. Sorte.



VERTICAIS:

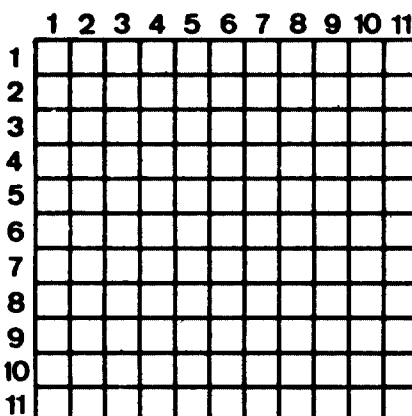
- 1 Rogou. Safar.
- 2 Campeões. Pacífica.
- 3 Brasa. Filerias.
- 4 Pátrio. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- 5 Larvas das feridas dos animais. Timão do arado ou da charrua. Basta.
- 6 Princípio. Preposição e artigo definido.
- 7 Filtram. Olé. Miniare.
- 8 Juntar. Sufixo que designa abundância.
- 9 Modos. Classe de tropa.
- 10 Antigo funcionário dependente do meirinho, em Moçambique. Curais.
- 11 Multidão. Cheiro.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6209

HORIZONTAIS:

- 1 Arrancam os pêlos a.
- 2 Oscila. Ave trepadora.
- 3 Grande cão de fila. Dois mil e duzentos em romano.
- 4 Pêlos de certos animais. Bígona de aço sem hastes. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! oh!
- 5 Preposição latina que designa movimento. Cidade da Suécia. Estrépio de desmoroamento.
- 6 O mesmo que anual. Origem.
- 7 Nome de mulher. Prendo.
- 8 Equipa. Instrumento para atirar setas.
- 9 O mesmo que ion. Calote (pop). Pronome relativo.
- 10 Região alpestre dividida entre a Áustria e a Itália e que pertenceu inteiramente aos Estados Austríacos. Terceiro estômago das aves.
- 11 Fruto de uma árvore ananás do México. Restos mortais.



VERTICAIS:

- 1 Agita. Uma das grandes Antilhas.
- 2 Esmagada. Carril, calha de ferro.
- 3 Braços de mar. Cativa.
- 4 Gavinha. Cidade de Itália. Grande ribeira da Ásia Russa.
- 5 Utensílio doméstico. Derruba (fig). Partido.
- 6 Forma apocópica e proclítica de vale. Bário (s. q.).
- 7 Nota musical. Suco ou seiva de certas palmeiras, do qual se prepara uma bebida alcoólica. Espádua.
- 8 Armaria. Creme. Ósmio (s. q.).
- 9 Ramagens. Golpes.
- 10 Abrangera. Insensibilidade.
- 11 Possessão portuguesa na Ásia. Aves semelhantes às pombas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 050

HORIZONTAIS:

- 1 Cama. CHÃO.
- 2 Aba. Lua. Ari.
- 3 Me. Cimos. Ar.
- 4 PISADO: ERVA.
- 5 Amarar. Ruas.
- 6 Amar. Irás.
- 7 Or. Omar.
- 8 Ossa. Corada.
- 9 Só. Opala. Am.
- 10 NÃO Asa. Dia.
- 11 Amou. Vaso.

VERTICAIS:

- 1 Campa. Rosna.
- 2 Abeira. Soam.
- 3 Má. Samos. Oó.
- 4 Camarão.
- 5 Lidar. Pá.
- 6 Rumor. Ocaso.
- 7 Ao. Imola.
- 8 Serrara.
- 9 Há. Ruara. DÁ.
- 10 Aravas. Dáis.
- 11 Oiras. Mamão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6208

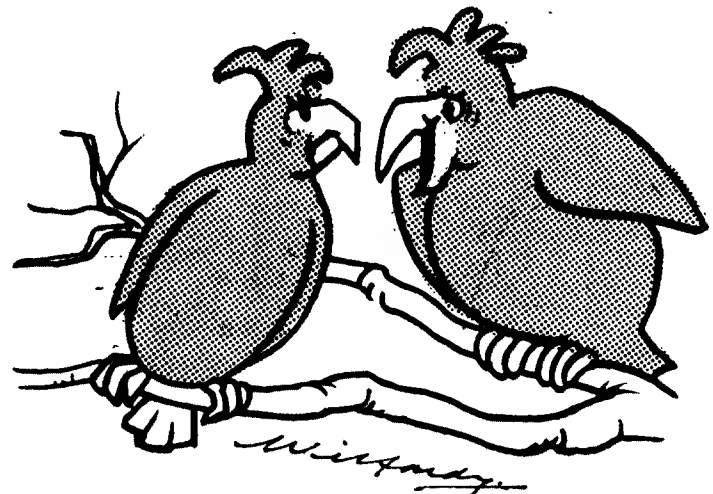
HORIZONTAIS:

- 1 Saale. Alvor.
- 2 Atoas. Páira.
- 3 Ias. Pua. Sem.
- 4 Mr. Berra. Ia.
- 5 Caretas.
- 6 Pera. Amar.
- 7 Pór. Ror. Faz.
- 8 Arca. Gema.
- 9 Soara. Ardor.
- 10 SS. Troça. Sc.
- 11 Aarau. Assoa.

VERTICAIS:

- 1 Saima. Passa.
- 2 Atar. Porosa.
- 3 Aos. Cerca.
- 4 La. Bar. Arta.
- 5 Esperar. Aru.
- 6 Ure. Ou.
- 7 Apartar. Aca.
- 8 Lã. Aam. Grãs.
- 9 Vis. Safed.
- 10 Orei. Ramoso.
- 11 Ramal. Zarca.

PROVÉRBO: CHÃO PISADO, ERVA NÃO DÁ



— Dizem para aí que vamos desaparecer como espécie animal. Achas que poderíamos fazer alguma coisa para o evitar?



— Não queria desapontar-te, mas na verdade não sou um príncipe transformado em rã.

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DAS PRINCIPAIS LIGAÇÕES LISBOA-SINES

A partir de 9 de Abril de 1972

7-35	11-20	17-35	P	Lisboa (Terreiro do Paço)	C	11-45	23-40
8-15	12-00	18-15	P	Barreiro	C	11-10	22-55
8-42	12-30	18-44	P	Setúbal	C	10-37	22-22
9-40	13-24	19-37	C	Alcácer do Sal	P	9-42	21-27
10-02	13-48	19-59	C	Grândola	P	9-20	21-05
10-33	14-17	20-28	C	Ermidas-Sado	P	8-47	20-31
11-44	15-47	21-09	C	Santiago do Cacém	P	8-05	19-21
12-12	16-15	21-25	C	Sines	P	7-45	18-35

Todas estas circulações se efectuam diariamente.

POR 1940\$00 A CP PROPORCIONA-LHE UMA VIAGEM PELA EUROPA

Se tem menos de 21 anos de idade, adquira, em qualquer estação da CP, o cartão

INTER-RAIL-72

comemorativo do cinquentenário da União Internacional dos Caminhos-de-Ferro.

O cartão INTER-RAIL-72 faculta-lhe viagens gratuitas, em número ilimitado, nos Caminhos-de-Ferro Nacionais dos seguintes países:

Espanha, França, Inglaterra, Suíça, Luxemburgo, Alemanha Ocidental e Oriental, Áustria, Polónia, Suécia, Finlândia, Bélgica, Dinamarca, Itália, Holanda, Noruega, Grécia, Jugoslávia, Hungria e Irlanda, e 50% de redução nas linhas férreas portuguesas (CP e Sociedades «Estoril»).

Além disso concede-lhe apreciáveis descontos nos serviços de numerosas empresas de transportes ferroviários, rodoviários, marítimos, lacustres e fluviais.

O cartão INTER-RAIL-72 é válido por 1 mês e vende-se até Novembro de 1972.

Se devolver o seu cartão até 1 mês depois de expirada a sua validade, tem direito ao reembolso de 96\$00.

Para mais informações, dirija-se às Secções de Informações ou a qualquer estação da CP onde poderá consultar o X Complemento à TCV, que regula a emissão e condições de utilização deste cartão.

A C. P. INFORMA:

LEILÃO

Em 10 de Abril e dias seguintes, a partir das 10 horas, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Snrs. consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirar-se, até ao dia 10 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas. Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Lago dos Caminhos-de-Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos.

MARIA VITÓRIA

HOJE 2 SESSÕES ÀS 20.45 e 23 HORAS (GRUPO D. 18 ANOS)



IVONE SILVA

EM PLENO ÊXITO A REVISTA POPULAR

«PRONTO A DESPIR!»

com SALVADOR, IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, VITOR MENDES, ANGELA RIBEIRO, CARLOS QUEIROZ, LUIS DE MASCARENHAS, a colaboração de MARIEMA e a atracção internacional BEBÉ PALMER

4.ª FEIRA DESCANSO DA COMPANHIA

televisão

HOJE

1º Programa(22.00)

Variedades «Voo 027»

2º Programa (22.00)

Hóquei em Patins

Transmissão directa do jogo entre Holanda-Itália a contar para o Torneio Internacional de Lisboa.

SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa	
10.55	Abertura
11.00	Eurovisão, Missa de Páscoa e Bênção Urbi et Orbi. Transmissão directa da Praça de S. Pedro em Roma.
12.20	Dia do Senhor, Pelo Rev. Padre Dr. Francisco Videira Pires
12.45	Audiotório Musical
13.30	Telejornal-1ª edição
13.40	Tarde de cinema «Zé Comeia»
15.05	Hóquei em Patins, Transmissão directa do encontro Alemanha-Espanha
16.00	Reportagem do Exterior
18.30	Hóquei em Patins, Transmissão do encontro Portugal-Holanda
19.30	Telejornal-2ª edição
19.45	TV infantil, Coordenação de Maria do Sameiro Souto
20.10	Série Comédia, «Os Mausões de Chicago».
20.35	TV 7
21.30	Telejornal-3ª Edição
22.00	Variedades «Voo 027»
23.00	Hóquei em Patins-Portugal-Espanha
00.00	Telejornal-últimas notícias
00.01	Meditação e fecho.

2º PROGRAMA

20.30	Abertura e do lá si
21.00	Série de Comédia
21.30	Telejornal-3ª edição
22.00	Hóquei em Patins, Holanda-Itália do Torneio Internacional de Lisboa
23.00	50 anos de História
00.00	Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa	
12.45	Abertura e desenhos animados
13.00	Feminino singular
13.15	Filme de série «Uma mãe para Eddie»
13.45	Telejornal-1ª Edição
14.00	Um dia com...
14.25	Logo à noite
2º Período	
19.00	Abertura e TV Educativa
19.25	«Os Poucetofes»
19.30	Telejornal-2ª Edição
19.45	Cartaz TV
20.00	Porta aberta
20.30	Povo que canta
21.00	Série de aventuras «Na Terra do Arco Iris»
21.30	Telejornal-3ª Edição
22.00	Concurso «O Jogo do Galo»
22.40	Civilização «Romance e Realidade»
23.25	Telejornal-últimas notícias
23.35	Meditação e fecho.
2º Programa	
20.30	Abertura e Um dia com...
21.00	Filme de série «Uma mãe para Eddie»
21.30	Telejornal-3ª Edição
22.00	Noite de cinema «A Quinta» (Le Farrebique)
23.30	Fecho.

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado; o vento era fraco do Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
PENHAS DOUR.	8º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	15º
FARO	19º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Régua

Máxima 21º

PENHAS DA Saúde

Mínima 1,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,6º

Atmosfera 15º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.03	3,6 m
18.18	3,7 m

Dia 3

6.24	3,5 m
18.49	3,5 m

Dia 4

7.08	3,3 m	0.32	1,2 m
19.25	3,4 m	12.46	1,3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco de vários rumos.

AMANHÃ

Nascer às 7.20

Ocaso às 19.02

Dia 6 Dia 13 Dia 20 Dia 28



urgência

Emergência	115	Jud. cívica	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intox. cações	76 1176
C. v. p.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226



J. PIMENTA, S.A.R.L.

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS

Desde 180 contos

LISBOA
(Diversos locais)
AMADORAL
(Junto ao Jardim Parque)
REBOLEIRA
PAÇO DE ARCOS
(B' Com Joaquim Matias)
CASCAIS
COIMBRA
PORTO
LUANDA

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

rádio

EMISSORA 1.º Programa

15.30	Tarde desportiva. Rádio desporto. Futebol, relato e informações dos jogos da 5.ª eliminatória da Taça de Portugal
18.30	Música sem palavras
19.10	Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros
20.00	Diário Sonoro
20.20	Éxitos em parada
21.00	Rádio desporto
21.30	Variedades no estúdio
22.00	Teatro das comédias: «Jogo de Adão e Eva», mistério do século XII, numa adaptação de Leopoldo de Araújo
22.35	Música portuguesa
23.05	Sol e toiros
23.30	De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00	De um dia para o outro — (cont.)
00.30	Diário sonoro
00.45	De um dia para o outro — (cont.)
02.00	Fecho

2.º Programa

15.30	Onda musical
18.00	Concerto de domingo (1.ª parte)
18.37	Intervalo. Sonata em mi maior, para flauta, cravo e viola de gamba (J.S. Bach)
18.49	Concerto de domingo — 2.ª PARTE
19.25	Quarteto n.º 19, em dó maior, K. 465 (Mozart)
20.00	Diário sonoro
20.20	O conjunto «Mozart» em Viena, dir. por Willi Boskowsky
20.30	As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais

3.º Programa

21.00	Recital de violino e piano, por Michel Chauveton e Gerard Frémey — Obras de Beethoven e Bela Bartók
21.30	Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
22.52	Um solo de viola por André Segovia
23.00	Emissão em línguas estrangeiras
01.15	Fecho

Emissão em MF 2

15.30	Perspectivas da música para quinteto de cordas no século XVIII — Obras de Boccherini e Michael Haydn
16.30	1.º Acto da Ópera «O Barbaio de Sevilha» (Rossini)
18.00	Junção

Programa estereofónico — MF 2

21.00	Música ligeira variada
22.00	Missa em dó menor, K. 427 (Mozart)
23.00	Fantasia em dó maior, OP. 17 (Schumann)
23.30	Quarteto em fá sustenido menor, OP. 121 (Max Reger), pelo Quarteto Drolc
00.10	Música de bailado: — Petrusca (Stravinsky)
00.45	A violinista Janine Andrade
01.00	Fecho

RÁDIO CLUBE

15.55	Tarde desportiva
18.00	Chave do Totobola

4.º Programa

18.02	Projeção
18.32	Meia hora depois
19.02	Revista desportiva
20.07	Seleção para o seu jantar
20.30	De 7 em 7 dias
20.45	A Estrela da Noite
21.32	Impacto
22.30	Quando o telefone toca
23.05	Mensagens bíblicas
23.19	Grande Roda
0.02	«P.B.X.»
2.00	A noite é nossa
6.00	Diário rural
7.00	Talismã

Modulação de frequência

16.04	Pêndulo
17.57	O nosso programa
18.00	Chave do Totobola
19.04	Vértice
21.02	Boa noite em FM
22.02	Programa à Gô-Gô
0.02	Em órbita-dois
1.02	Banda sonora
2.00	Perspectiva
3.00	Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.30	Onda desportiva
17.00	Música ao volante
17.45	Automobilismo
18.05	Boa viagem
18.30	Terço e missa
20.00	Zona verde — espaço ocupado pela família
20.35	Variedades
20.58	Meditando
21.00	Suplemento especial
22.00	Quando o telefone toca
22.30	«Um Americano em Paris»
23.00	A 23.ª Hora
24.00	TEMPO ZIP

■ LISBOA ■

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721).

ALCANTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (tel. 866126).

ALMIRANTE REIS
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (tel. 843571).

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515).

ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760558); Libia, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Ceita, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621); Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235).

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479).

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324).

AREIRO
Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE
Morais Sarmiento, Rua de Santa Marta, 16-A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490).

AVENIDAS NOVAS
Lungenil, Av. da República, 55 (Tel. 721232); Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672).

BAIRRO ACTORES
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269).

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 823446 - 370685).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172).

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenil, Rua A. 182 (Tel. 651840).

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350).

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (tel. 638132).

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); Benfíluz, Estrada de Benfíluz, 444 (Tel. 782606).

CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE
Findor, R. D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949); Linaide, R. Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955).

CASTELO
Santa Luzia, R. da Saudade, 2-A (Tel. 869831).

CHIADO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 323446).

CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238).

■ ENTRECAMPOS ■

Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658).

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo de D. Estefânia, 4 (Tel. 54808); Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593).

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maria, 64-C (Tel. 702226).

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955).

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361).

GRILLO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470).

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132).

LAPA
Aib, R. da Santana, 156 (Tel. 663562); E. Silva, Filhos, R. S. João da Mata, 74 (Tel. 661010).

LUMIAR
Patuleia, Rua do Lumiar, 120 (Tel. 790332); Douro, Av. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (Tel. 382470).

MOURARIA
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (Tel. 860464).

OLIVAIS
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 310581).

PEDROÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280).

PENHA DE FRANÇA
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361); Zema, R. General Justiano Padrel, 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

SANTA MARTA
Morais Sarmiento, Rua de Santa Marta, 16 A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, R. do Viriato, 29-A (Tis. 48966-553601).

SETE RIOS
Canto, Estrada das Laranjeiras 202-B (Tel. 780641).

SOCORRO
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (Tel. 860464).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, R. do Viriato, 29-A (Tis. 48966-553601).

SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueira (Tel. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

■ CASCAIS ■

Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214).

■ LINHA DE SINTRA ■

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabell, R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote D (Tel. 9710231).

VENDA NOVA
Girassol.

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181).

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456).

SINTRA
Marras, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980055).

■ OUTRA BANDA ■

ALCOCHETE
Gameiro, R. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS
Guamã, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224141).

BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (tel. 2760182); MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 230035).

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueira (Tel. 22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

cinemas

cinemas

cinemas

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21.45 (Grupo B-10 anos) 11.ª semana
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos. Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30-21.45
Grupo B (10 anos) 3.ª Semana
TRINITA - COW-BOY INSOLENT
Lente com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00-21.45 (Grupo C-14 anos) 4.ª semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de ouro de Hollywood

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
7.ª semana
NAO DESEJAS O DELICADO DINHO DO 5.º

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-18.15-21.45 (Grupo A-6 anos) 3.ª semana
AGUA AZUL, MORTE BRANCA em Technicolor. Um documentário vivo e autêntico! A caça ao terrível lubarão branco.

AVIZ (Tel. 47173)
15.15-18.15-21.30 (Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
O Western do ano. TRINITA - COW-BOY INSOLENT com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope.

LIDO
15.30 (Grupo A - 6 anos)
«CHITTY CHITTY BANG BANG» um espectáculo em 70 mm
ÉCRAN-GIGANTE

EUROPA (Tel. 661016)
15.15-21.30 (Grupo A-6 anos) 2.ª Semana
«A PATA DOS OVOS DE OURO», uma obra de Walt Disney em technicolor, com Dean Jones.

APOLLO 70 (T. 763319)
15.00-18.15-21.30
8.ª semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira

CONDES (Tel. 322523)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos) colorido
«O SALTO DO ANJO» com Jean Yanne e Senta Berger.

EDEN (Tel. 320768)
15.00-18.15-21.30 (Grupo B-10 anos)
«PEDRO O PESCADOR» com Howard Krel e Herberlon Lom

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00 (Grupo B - 10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo C - 14 anos)
«O RECADO» com Maria Cabral e José Viana.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00-18.15-21.30 (Grupo A - 6 anos)
«O LADRÃO DE BAGDAD» com Sabu, June Duprez e Conrad Seidl

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45 (Grupo B - 10 anos)
«55 DIAS EM PEQUIM» com Charlton Heston, Ava Gardner e David Niven.

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21.00 (Grupo D-18 anos)
«A FILHA DE RYAN» com Robert Mitchum, Trevor Howard, John Mills, Christopher Jones e Sarah Mills

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
14.30-16.45-19.00-21.45
Grupo D (18 anos) (Technicolor) 8.ª Semana «VEJO TUDO NÚ» com Nino Manfredi e Sylvia Koscina.

POLITEAMA (Tel. 326305)
21.45 (Grupo D-18 anos)
6.ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO». As 15.00 e 18.00 (M. 6 anos) Matinés infantis

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30-21.30 (Grupo D - 18 anos)
«DUAS GERAÇÕES» com James Mason e Susan George

LYZ (Tel. 48560)
15.00-21.00 (Grupo B-10 anos)
«Poderoso! Espectacular! Único na História do cinema «AS SANDÁLIAS DO PESCADOR» com Anthony Quinn, Oskar Werner, David Jansen, Vittorio De Sica, Leo McKen Sir John Gielgud, Barbara Jehord e Rosemarie Dexter.

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 15.30 - 18.45 - 21.45 (Grupo D - 18 anos)
10.ª semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot, Grande prêmio do Cinema Frances Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG Faça 3 coisas num só sítio

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00 (Grupo B-10 anos)
O melhor filme de todos os tempos «BEN-HUR» (11 Oscars da Academia) com Charlton Heston, Jack Hawkins, Haya Harareet Stephen Boyd. Hoje às 18.30 (6 anos) «A GRANDE FAMÍLIA»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15-21.30 (Grupo D-18 anos)
«O GOLPE» com Jean-Paul Belmondo e Omar Sharif
QUINZENAS DO BOM CINEMA Amanhã às 18.30-adultos Elizabeth Taylor Richard Taylor Richard Burton Joanna Shimkus em «CHOQUE»

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15-21.30 (Grupo D-18 anos)
espectacular filme com Sidney Poitier em «A ORGANIZAÇÃO

CASINO ESTORIL (Tel. 264946)
18.30-21.30 (Grupo B (M. 10 anos os NOIVOS DA REVOLUÇÃO c/ Jean Paul Belmondo, Mareene Jobert

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gavota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pro pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (M. 18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«A ESPADA NORMANDA»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Catedrático»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Os Novos da Revolução»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«Goodbye, Mr. Chips»

MAYER
21.00 (14 anos)
«West Side Story»

PARIS
21.30 (10 anos)
«Goodbye, Mr. Chips»

ARCO IRIS
21.45 (10 anos)
«Encrenca dupla»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Os Sobrinhos do Zorro»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

DEIRAS
Oeiras Cine
21. (14 anos)
«Aeroporto»

CARCAVELOS

Vitória Cine
21.30 (10 anos)
«Darling Lily»

FAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«Lindas encrenchas as garotas»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (10 anos)
«Os noivos da revolução»

ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Ódio velho»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«The french connection» (Os



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO:
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2º, 4º
TELEF. 654531/23-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Rogério Vidigal

O namoro dos anos trinta

A vila fica no Alentejo, perto do sítio onde nasci. Hoje, as pessoas abandalharam-se, questionam por tudo e por nada, arranjam sarilhos, sobrelevam os problemas pessoais. De importante, na história da vila, o facto de ter sido no concelho a primeira freguesia a ter energia eléctrica. Nesse ponto, todos são unânimes.

Quero voltar aos velhos tempos, lá na época longínqua dos alvares da República, quando os homens se colocaram ao lado dos revoltosos do 5 de Outubro. Depois, manteve-se a tradição e sempre os homens simpatizaram com o regime que desde o início apoiaram. Na terra, sempre os monárquicos e os sem filiação (que também os há), foram apontados a dedo.

Este caso situa-se aí pelos anos trinta. Não posso precisar: quem mo contou não desceu a datas. Deve, no entanto, ter sido na altura em que o médico recém-formado foi, de Lisboa, revolucionar toda a medicina até então praticada na zona, ou quando começou a florescer a fortuna dum dos homens da terra, feita na guerra de 1914-18.

No início da Rua do Pomarinho, ainda hoje existe o edifício que toda a gente diz da Cooperativa. Já não existe tal como organização, agora toda a gente compra o detergente na mercearia, e se reúne na taberna, ou em frente dos televisores.

Quando a Cooperativa funcionava em pleno, tinha uma função específica na terra. Então, um jovem, quando amava alguém, dirigia-se à jovem, falava-lhe com o coração, dizia-lhe de toda a paixão que punha a ferro e fogo o seu órgão vital, ao que ela respondia que não, e era o fim, ou que sim, que fosse falar com o pai. Era uma oficialização, digamos. Foi desse modo que o António foi à presença do chefe do clã Zorro, após ter falado com a Zulmira, dona do seu amor. Em presença do Zorro, homem de ares austeros, o António soube apenas dizer: — Senhor Zorro, já falei com a sua filha Zulmira, está tudo certo entre a gente, eu vinha só pedir-lhe licença para falar com ela.

— Olha lá, respondeu o Zorro, tu já és sócio?

— Não, senhor Zorro, ainda não sou.

— Então rapaz, faz-te um homem. Depois de seres sócio terás a tua autorização para falares com a minha filha.

Não devia dizer que algum tempo mais tarde, o sócio número tal duma sociedade cooperativa, numa vila do Alentejo, lá pelos anos trinta, casou com a jovem Zulmira, provavelmente hoje uma velhota da idade da minha mãe. Que se lembra, se for viva da Cooperativa.

Run, BUNNY, run



Londres sempre a dar que falar. Desta vez trata-se da realização da corrida de empregados (e empregadas) de mesa, que se realiza anualmente nos Battersea Park Festival Gardens. Na foto, uma fase dos «treinos», vendo-se, da esquerda para direita, a «bunny» Claudine, a «pet» Marianne, a «bunny» Nichole e a «pet» Gillian, do «Play Boy Club». A coisa parece que não é tão fácil como se julga, segundo podemos observar pela atapalhação das quatro moças. Mas tudo é pretexto para uns momentos de boa disposição («SUN»/«DL»)

A egípcia



A famosa criadora de modas londrina Simone Mirman apresentou a sua colecção para a Primavera de 1972, destacando-se este modelo de influência nitidamente egípcia (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

APARELHO DE BOLSO LIMPARÁ O SANGUE

Um aparelho simples e compacto que não chega a ser maior que um rádio transistorizado de bolso, poderá ter aplicações revolucionárias dentro da medicina e toxicologia. A invenção é do professor Bolger Hydén, de Gotemburgo, que teve no dr. Victor Hasselblad, famoso criador das câmaras fotográficas Hasselblad, um colaborador preciso para os trabalhadores de execução técnica.

Presentemente, o dispositivo está em experiências para ver qual o grau de eficiência na limpeza do sangue envenenado, assim como no caso da rejeição de órgãos transplantados e no tratamento de certos tipos de cancer.

O aparelho de que existem apenas vinte protótipos, compõe-se de 10 ou mais placas, separadas umas das outras por um espaço de 0,7 mm. Funciona com baterias e é colocado no antebraço do paciente, fazendo-se a ligação de dois pequenos tubos de plástico, um deles a uma veia e o outro a uma artéria. Com a sua própria pressão, o sangue do paciente entra por um lado e sai pelo outro e dentro do aparelho passa a ter contacto com a substância indicada para seu tratamento: enzimas, anticorpos, etc. No entanto, as substâncias nunca chegam a entrar no corpo do paciente, evitando-se assim que sobrevenham efeitos colaterais.

O dispositivo inclui um micro-espectrometro que regista o grau de hemólise do sangue do paciente, assim qualquer eventual alteração na pressão. Acredita-se, também, que o mesmo aparelho sirva ainda para retirar do sangue barbitúricos, mercúrio ou chumbo e, dessa forma, aplicar-se contra a toxicologia. Outra aplicação seria a de extrair anticorpos do sangue, o que levaria à sua utilização em transplantes, para evitar a rejeição do órgão pelo corpo humano. Poderiam ser usados, também, anticorpos para extrair antígenos.

Espera-se que o novo aparelho sirva inclusive para a limpeza do cancer no sangue. No tratamento convencional, injectam-se enzimas directamente, na corrente sanguínea, mas naquele caso as enzimas ficariam «coladas» nas placas e toda a corrente sanguínea passaria por elas. Portanto, julga-se que o sistema seria sem dúvida melhor.

O professor Hydén começou a trabalhar no novo aparelho há cinco anos, justamente quando conseguiu descobrir um novo método de fixar enzimas a substâncias duras como, por exemplo, o vidro.

LISBOA À NOITE

A Gerência deste Restaurante Típico apresenta votos de Páscoa Feliz a todos os seus Clientes.
HOJE, aberto excepcionalmente, com o programa habitual.
R. Gáveas, 69 — Tel.: 368557 — Grupo D/18 anos

A KAVERNA

Deseja aos seus Ex.ºs Clientes, uma Páscoa Feliz.
HOJE, como habitualmente, FADOS e FOLCLORE.
T.º Fiéis Deus, 34 — Tel. 35593 — Grupo D/18 anos

CRUZEIRO

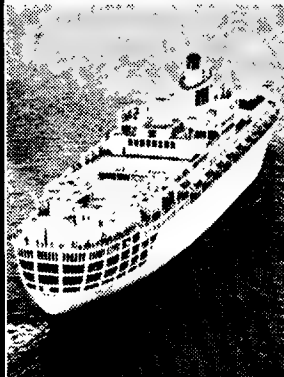
AO MEDITERRÂNEO

5 Países
1 só Hotel

PAQUETE
ORIANA

42.000 Toneladas

De 23 de Agosto a 6 de Setembro de 1972



Visitando:

ESPAÑA * GRÉCIA
TURQUIA * JUGOSLÁVIA
ITÁLIA E GIBRALTAR

Preços desde 12.970\$00
(De Lisboa a Lisboa)

RESERVE JÁ! DESCONTOS ESPECIAIS!

ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM A

EUROPEA
A maior e mais poderosa companhia marítima do mundo.

Reservas e Informações

Europeta
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235 — LISBOA — Tel. 52 81 21



O QUE FAZ PERDER O PORTO?

Feliciano, técnico portista só com derrotas
(PAG. OITO)

RUI

«Nas Antas, estamos num banco de réus»

PAVÃO

«Mudámos diversas vezes de orientador»

OLIVEIRA

«Temos acanhamento perante os portistas»

ESTE HOMEM GANHOU AO BENFICA



Já referido numa reportagem em «DL-Desportos», esteve na base da sensacional vitória do Barreirense sobre o Benfica, na mais recente jornada do campeonato nacional de futebol. O seu nome não consta no quadro de «responsáveis» pelo clube do campo «D. Manuel de Mello», mas a verdade é que a sua acção junto dos jogadores barreirenses foi fundamental para o retumbante êxito que ninguém ainda conseguira, esta temporada, em terreno metropolitano. Quem é? O que faz? Como apareceu no Barreirense? Na segunda página deste suplemento apresentamos ao leitor António Manuel Conde de Araújo Brito, comandante da Marinha. E falamos de psicologia, hipnotismo e relaxação. Abordamos um tema de flagrante actualidade: a interferência do sub-consciente e dos estados anímicos nos feitos desportivos, desde o simples torneio de bairro aos Jogos Olímpicos. Explicamos como a acção psicológica pode interferir, em aspecto preponderante, na actuação de um profissional do Desporto. E, pela boca do homem que ajudou a derrotar o Benfica, explicamos a diferença que existe entre um hipnotizador e um preparador mental. Não perca de lêr.

DL
DESSPORTOS

ELECTRÓNICO NA SELECCÃO

NACIONAL

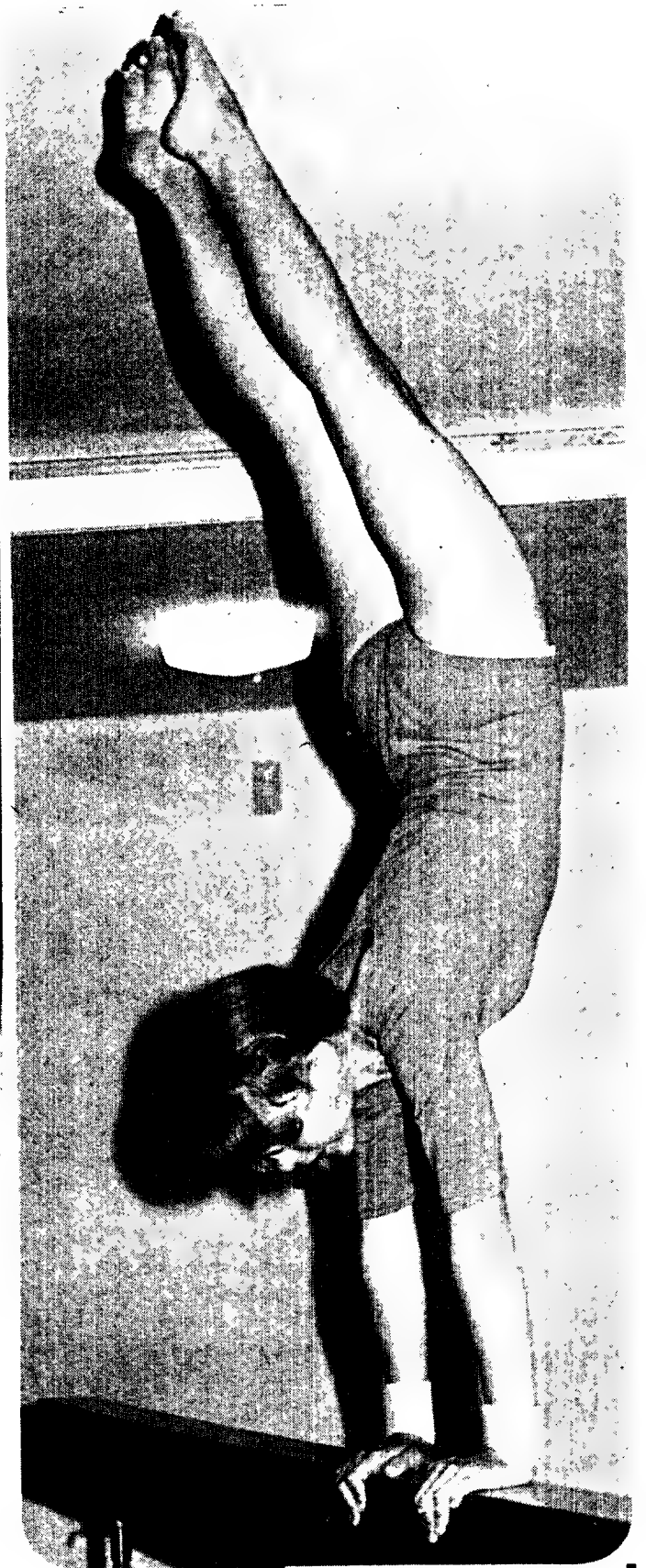
Pela primeira vez na sua vida o defesa setubalense Rebelo alinhou durante noventa minutos pela selecção nacional. Foi contra Chipre, na noite em que os pupilos de José Augusto foram apupados pelos heróicos resistentes que tiveram coragem para presenciar até ao fim, no Estádio da Luz ou através da TV um dos mais inspidos e incolores espectáculos de futebol até hoje vistos em rectângulos futebolísticos do nosso país. Mas esse acontecimento é marginal da história que contamos na página sete de «DL-Desportos»: a carreira, as confidências e os sonhos do antigo extremo-esquerdo que chegou à camisola das quinas no posto de «back» direito. Rebelo, que tem a cabeça no lugar, pretende (no final da sua presença no futebol profissional) dedicar-se à electrónica, montar um negócio em que entrem pilhas, acumuladores e fios, pensar em tudo menos na bola. Fala dessa esperança e aproveita para dizer como Fernando Vaz e José Maria Pedroto estão ligados à estrela, no «onze de todos nós», de mais um vitoriano.



Rebelo: da electrónica ao futebol

PRAÇA-A-PRAÇA
Neves de Sousa
(nas centrais)

**Bonito
título
não
se
ganha
ao
acaso**



As meninas das classes de ginástica do Ginásio de Lourenço Marques vieram de Moçambique para deslumbrarem e conquistarem títulos e aplausos. Dirigidas pelo professor Rolando Costa, as juvenis e juniores ginastas tomaram para si a parte de leão dos campeonatos nacionais e foram ainda ao sa-rau do Ginásio Clube Português mostrar os seus talentos. Dulce Gouveia (foto) esteve em particular evidência. Nas centrais, as campeãs explicam a fórmula do triunfo.



SENSAÇÃO

ESTE HOMEM GANHOU (?) AO BENFICA

A ideia de um clube português ganhar este ano ao Benfica, começava a entrar nos domínios do impossível. Domingo após domingo, os campeões nacionais iam deitando por terra todas as esperanças, mantendo-se garbosamente na situação de invencíveis.

Até que, domingo passado, surgiu o Barreirense no caminho dos «encarnados». Julgava-se que, uma vez mais, os pupilos de Hagan soubessem (e pudessem) ultrapassar o obstáculo. Mas assim não aconteceu: e, pela primeira vez na história deste campeonato, o «leader» marcou passo na tabela pontual.

Há muito mérito no esforço desenvolvido por Carlos Silva

e seus rapazes — autênticos operários do futebol. Mas, a responsabilidade maior desse triunfo cabe a um «ilustre desconhecido», que não figura no quadro de colaboradores regulares da turma barreirense: chama-se António Manuel Conde de Araújo Brito, é comandante da Marinha e prepara psicologicamente os jogadores da camisola listada encarnada e branca.

Esta é a história ainda não contada da sua acção: a história da «sua» vitória sobre o Benfica.

Hoje em dia, muito mais do que no passado, a acção psicológica é exercida sobre todos nós desta ou daquela maneira, com este ou aquele fim e com

um conhecimento maior ou menor da nossa parte. Repare-se na propaganda comercial, por exemplo. Como a qualquer outro indivíduo que desempenhe uma actividade profissional, deve ser posta à disposição do jogador de futebol uma determinada orientação psicológica, que lhe possibilite combater as deficiências inerentes à sua profissão. Dado que este tipo de actividade provoca no seu profissional uma série de conflitos de carácter muito particular, e que também afecta de uma forma muito importante a massa dos seus adeptos, afigura-se-me que a acção de um psicólogo junto de cada uma das equipas da I.ª Divisão, pelo menos, seria indispensável. Talvez que, se es-

tas medidas fossem tomadas, muitos dos acontecimentos desagradáveis que ocorrem durante os jogos (quer no campo, quer nas bancadas), fossem eliminados. Mas, deixemos este assunto e falemos de relaxação».

(Comandante Araújo Brito: a juventude casada com a alegria de viver, a palavra escorrendo, rica de pormenores, da mente desejosa de se fazer compreender. Acção psicológica junto dos jogadores de futebol: importante, pelo que nos expôs. Mas antes «relaxação»: por conveniência de vocabulário. Pois bem: fundamentalmente, o que é isso de relaxação e quais as suas vantagens?)

«Relaxação, é um meio pelo qual se procura combater alguns dos males da nossa época, tais como «stress», «surmenage», angústia e depressão. Não pretende a relaxação efectuar curas, mas, principalmente, evitar que aqueles incidentes ocorram. A relaxação é, acima de tudo, um modo de comportamento do indivíduo perante a vida. Utilizando várias técnicas, que na sua maior parte derivam do «Hata-Loga», procura a relaxação estabelecer um equilíbrio psicossomático que é obtido por uma determinada atitude mental, pela relaxação muscular e por uma actividade respiratória determinada. De vantagens facilmente verificáveis, pois teremos a capacidade de obter um verdadeiro repouso em curto espaço de tempo, uma maior concentração da atenção na actividade desenvolvida e a possibilidade de uma maior exploração do rendimento muscular. A título de exemplo, posso lembrar a actividade desenvolvida pelos praticantes de atletismo, antes de efectuarem uma prova. Estou a recordar-me dos últimos campeonatos europeus em pista coberta (que vimos via TV): todos assistimos à preparação a que se sujeitavam os atletas em exercícios de descontração que precedia cada prova».

(Pois. Então, vamos pôr as cartas na mesa: estará todo o futebolista preparado para receber essa doutrina?).

«Não vejo que exista qualquer diferença importante entre a preparação de um jogador de futebol ou a de qualquer outro indivíduo (independentemente do seu sector de actividade profissional) desde que o esforço físico seja igualmente solicitado. Efectivamente, a principal preparação a efectuar será a de explicação do que se propõe e do que se pretende. Depois, cabe a capacidade de compreensão de cada um o estar ou não preparado».

(Domingo passado, o Barreirense andou nas bocas da fama pela sua vitória sobre o Benfica. Temos pois, que concluir de que o seu trabalho, junto da turma barreirense, foi útil. Pergun-

ta-se ao comandante Araújo Brito: como aconteceu a sua presença junto do Barreirense?)

«Ao falar com um dos directores daquele clube, que é meu amigo pessoal, soube que havia problemas quanto aos resultados obtidos nos jogos. Perguntei-lhe, então, se estavam a ser utilizadas técnicas de relaxação com os jogadores. Ao responder-me que não, prontifiquei-me a fazer uma experiência: o que mereceu a aceitação dos responsáveis pela secção de futebol».

(A simples menção da frase «orientação psicológica», fez-nos lembrar Bella Gutmann: um psicólogo que sabia jogar com os seus comandados quando era necessário. Pois bem: o que se passa nos clubes portugueses, quanto à presença — ou não — de psicólogos ou de técnicas de relaxação?)

«Quanto à acção de um psicólogo é-me impossível responder, por desconhecer o que se passa junto de cada uma das equipas portuguesas. No entanto, dada a utilização de tantos técnicos estrangeiros nos nossos clubes, é absolutamente natural que esses técnicos sejam igualmente psicólogos ou que solicitem a acção de um psicólogo devidamente especializado. Se isso não acontece, uma coisa posso afirmar: é lamentável. Quanto às técnicas de relaxação, estou em crer que haverá mais casos, não sendo portanto o Barreirense o único a segui-las. Bem vê: no INEF já são ensinadas, salvo erro, pelo menos três técnicas de autogénese».

(Comandante Araújo Brito: por isto e muito mais um entusiasta pela relaxação. Quando, onde e porque nasceu esse entusiasmo?)

«Foi há anos, quando no liceu comecei a estudar Filosofia. A psicologia interessou-me profundamente e, em consequência, tudo o que com ela estivesse relacionado. Assim, tive contacto com o «Hata-Loga» e outras técnicas. Mais interessado fiquei na sua aplicação prática, o que realizei com bons resultados. Como não esmoreceu o meu gosto por estes assuntos, continuei a estudar e a aplicar os meus conhecimentos: quando alguém deles necessitava. Hoje, como na minha profissão é possível, a par a passo, pôr em execução os ensinamentos colhidos, o estímulo mantém-se e o estudo continua».

(Há quem confunda «relaxação» com «hipnotismo». Convém aqui, e agora, fazer a distinção).

«Muito haveria a falar sobre esse assunto, mas em outra ocasião. Por isso, tentarei fazer uma síntese, tanto quanto possível clara: pode obter-se indução hipnótica através de uma relaxação deficiente, principalmente nas pessoas que não tiveram conhecimento prévio do

que é a hipnose, quer executem ou façam executar relaxação. No entanto, hipnose não é relaxação: nem vice-versa. Na hipnose, o que se pretende é uma inibição quase total das divisões do cortex cerebral, mais profundamente do que no sono natural, de forma a que uma área restrita que funciona como «ponto vigilante» sirva de ligação com a percepção da voz do hipnotizador ou do estímulo indutor. Acima de tudo, o que se pretende é que seja criado um estado de sugestibilidade tal, que um determinado estímulo seja aceite pelo indivíduo hipnotizado. Ao contrário, a relaxação tem por fim fazer com que um indivíduo, através da sua actividade mental desinibida, se preocupe com uma oxigenação maior através de uma respiração melhor: e com um controlo tanto quanto possível em repouso, para melhor os utilizar quando necessário».

Que tem feito o comandante Araújo Brito com os jogadores do Barreirense e quais os resultados — para além da vitória sobre o Benfica?)

«A minha acção limitou-se a dois contactos com os jogadores. Na primeira vez, depois de uma prévia explicação, fez-se um exercício de relaxação. A experiência efectuou-se em condições consideradas desfavoráveis, mas que, pessoalmente, interessavam: para avaliar a capacidade de adaptação dos jogadores a um estranho que viera falar de um assunto desconhecido da maioria. Esse estranho (que era eu) propunha que, depois de um treino, se efectuasse uma experiência nos balneários, em atitude desconfortável. Da segunda vez, o contacto limitou-se a uma conversa em que foi uma vez mais explicado o que se pretendia, como se fazia e as diferenças entre a relaxação e o hipnotismo, o magnetismo e a psicologia. A aceitação por parte dos jogadores, pessoalmente, considero-a boa, já que se mostraram interessados e colaboraram activamente. No entanto, julgo que devem ser eles a emitir opinião. De qualquer forma, devo acrescentar que o treinador Carlos Silva (que desde o início se mostrou não só interessado mas conhecedor do assunto) teve o cuidado de me transmitir que os seus jogadores tinham manifestado interesse em prosseguir com aquela actividade. Quanto à aceitação por parte da direcção do clube, muito embora julgasse encontrar aí a maior reacção, foi com muito agrado (e algum espanto) que verifiquei que o sector do futebol me proporcionava um apoio e uma compreensão excepcionais. Quanto aos resultados, ainda é muito cedo para se formular opinião».

(Quer dizer: esta vitória sobre o Benfica, ainda não estava nos planos...)

OFERTA JOVICA

UM EXCEPCIONAL LIVRO COM RECEITAS DE COZINHA, A TODOS OS NOSSOS CLIENTES

SENSACIONAL

TELEVISORES (com os 2) desde 2.990\$00
(programas)

OFERTA DA ANTENA

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA > 4.750\$00

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA > 5.500\$00

FOGÕES C/ FORNO > 990\$00

ESQUENTADORES > 1.350\$00

Aquecimento eléctrico e a gás, frigoríficos, aspiradores e todos os aparelhos electrodomésticos DESDE 100\$00 MENSAIS

SEM ENTRADA
FIADOR

E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA | Largo de D. Estefânia, 12-D — Telefone 4 88 56
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 5 29 70
Avenida Duque de Avila, 58 — Telefone 5 48 92

VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 97 57 90
CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 28 13 95

Exclusivo

Flora, mulher de Eusébio:

"NÃO SINTO CIÚMES DAS MULHERES QUE ANDAM ATRÁS DO MEU MARIDO"

A mais nova (Sandra) é penteada pela mãe (Flora), a mais velha (Carla) faz caretas para o fotógrafo e diz que não gosta nada que lhe tirem fotografias. Ela é a mulher de Eusébio Ferreira da Silva, as meninas são «princezinhas» do «rei» do futebol português. Com elas a nossa conversa, sem Eusébio (porque o motivo não era ele) mas com aqueles que mais de perto o acompanham nas suas poucas horas longe da profissão.

FLORA: A RAÍNHA

Flora está impecável: já desapareceu da sua face aquele ar tímido que a acompanhava quando ((em 1965) veio para Lisboa, já casada com Eusébio. Agora é uma mulher perfeitamente segura de si, que sabe o que quer e o que significa estar casada com o «maioral» do futebol europeu.

«Conheci Eusébio quando ele jogava à bola nas ruas de

Lourenço Marques. Nessa altura, os rapazes da minha rua iam jogar contra os vizinhos do outro quarteirão: e eu ia fazer «claque». Aí vi o meu marido pela primeira vez e fiquei logo sua amiga. Depois, em 1963, vim a Lisboa com a classe de ginástica da Associação Africana e voltei a encontrar-me com ele: fomos ao cinema, e não saímos mais porque eu não podia».

Flora recorda tudo isto com um sorriso nos lábios, enquanto olha enternecida para as duas filhas que se sentam ao seu colo. Depois continua:

«Nas férias desse ano, o Eusébio foi a Moçambique repousar e voltei a encontrar-me com ele várias vezes. Já quando eu tinha vindo da Metrópole ele me tinha escrito diversas vezes e o seu interesse em casar-se comigo era cada vez maior. Nesse ano tive de lhe dizer que era ainda cedo para nos casarmos pois, nem tinha enxoval, nem possibilidades financeiras e achava que não estava preparada para casar. Eusébio ficou triste, mas depois viria a dar-me razão.»

Flora que era estudante e doméstica agora é doméstica:

«Comecei a praticar desporto quando tinha 12 anos e a ginástica era o que mais me entusiasmava: porque tinha um primo na família que era professor e me incentivava. Para além disso, estudei durante muitos anos e depois comecei a trabalhar. Nessa altura, a minha vida era igual à de tantas outras raparigas da minha idade: não fazia nada de especial, até porque não tinha possibilidades de fazer uma vida muito regalada. Quando casei, larguei a ginástica: e naturalmente, também deixei de trabalhar. Enquanto não tive filhos senti-me muito só e chegavam a



«Esperei dois anos até que nascesse a Carla: a solidão foi muito grande»

Flora pega num chocolate e dá a Carla. Sandra (três anos de idade) não quer ficar a ver a irmã a comer e pede também. Flora faz o jeito. E diz: «Gostam imenso de comer chocolates ou bombons e mastigar «chiclets», e sempre que o Eusébio vai lá fora traz imensas goloseimas para elas.

Que educação dá Flora às suas filhas?

«Pretendo oferecer-lhes tudo o que nunca pude ter na sua idade: como são muito miúdas não podem ir para a escola e vão para o infante da «Dese». A mais pequenina não falava nada, ainda há pouco tempo: agora já lá vai dizendo alguma coisa: Esse contacto com outras crianças é muito importante, pois em casa não têm possibilidades de correr de um lado para o outro nem de se desenvolverem. Todas as semanas vão ao cinema e ao teatro pois, especialmente, a Carla adora ver teatro e ler livros com bonecos. Julgo que lhes estou a dar melhor educação possível para que elas possam vir a ser umas senhoras.

Carla escuta atentamente e depois diz-nos ao ouvido:

«Sou muito amiga do Rui Hilário e gosto muito de brincar com ele. É o meu maior amigo e gosto muito de estar com o Rui. (Rui Hilário é filho do futebolista Hilário).

SER MULHER DE UMA «ESTRELA»

«Se quisermos ter muitos problemas eles aparecem: mas se os pusermos de lado eles não existem. Nunca tive quaisquer aborrecimentos pelo facto do Eusébio ser «vedeta» e to da a gente tentar descobrir histórias... e mais conversas. Não dou atenção ao que dizem lá fora, pois só vendo é que acredito: as principais dificuldades com que tenho lutado derivam do facto de Eusébio estar muito tempo ausente de casa e fazer muita falta a tudo o que diz respeito às miúdas e a mim própria. Não sinto ciúmes de haver mulheres que andem

atrás do meu marido e sempre que o vejo com alguma rapariga não fico nada preocupada, pois parto do princípio de que é uma amiga. Não me posso precipitar com essas coisas e se alguma vez eu souber que se passa algo de complicado terei de pensar duas vezes antes de agir. Mas nunca isso sucederá, fiquem certos!

Muito segura de tudo o que vai dizendo, Flora não deixa a mínima dúvida sobre o que diz: afirma, sem qualquer relutância que é uma mulher feliz.

PARA ALÉM DO FUTEBOL

A família Silva Ferreira não pensa só no futebol e, para além da representação da «Saab» que Eusébio tem em exclusivo para Portugal, já comprou um andar «não são tantos como para aí se diz», explica Flora) pensa na vida em termos concretos.

«Leio e oiço muita música, tal como o Eusébio: que gosta muito de ouvir «jazz», mas não tem muito tempo para ler. Gosto de Steinbeck, Jorge Amado e Alberto Moravia e, sempre que tenho tempo, sento-me no sofá com as miúdas e ponho a tocar música do meu agrado: não só «jazz», mas «pop» e fado. Quando não tinha filhos (e passaram dois anos até vir o primeiro) a solidão era o meu primeiro inimigo. Agora faço uma vida igual à de qualquer outra mulher: vou às compras, ao cabeleireiro, passeio com as miúdas e saio com o meu marido sempre que ele pode. O dinheiro que eu gasto não é exorbitante, pois tanto eu como o Eusébio combinamos as despesas que podemos fazer e ficamos por aí: custe o que custar. Não temos, nem podemos aspirar a fazer, despesas desnecessárias».

Flora: o seu mundo. As filhas e Eusébio. Neste círculo apaixonante do futebol, ela é sem dúvida uma lufada de ar fresco nas confusões, nas lutas, nos enganos e nas discussões. Mulher de «rei» é «rainha» no seu lugar.



Carla quer ser jogadora de futebol: possa ou não possa



Sandra ainda não fala muito



Sandra é a carinha chapada de Eusébio e Carla não larga bola nem boneca

Flora está tranquila. Quando lhe perguntámos se o casamento com Eusébio foi consequência da sua fama, não gosta e adianta logo:

«Isso não tem a mínima razão de ser, inclusivamente, o interesse foi durante a maior parte do tempo do Eusébio, que queria casar comigo e era capaz de fazer tudo para que isso acontecesse. Só quando estive mais tempo a seu lado é que me apercebi que os meus sentimentos eram idênticos aos seus. Quando o conheci, não fazia a mínima ideia se viria ser famoso ou não: e só me casei com ele porque achei que o devia fazer e tudo se conjugava para que isso acontecesse».

haver momentos em que ficava muito triste por não ter nada para fazer».

AS PRINCEZINHAS

Carla tem quatro anos e já sabe ler. Muito preocupada (cada vez que o fotógrafo lhe pedia para se por direita para a «pose») disse muito timidamente: «Quando for grande quero ser jogadora de futebol» mas as mulheres não jogam à bola — comentámos: «Mas eu quero ser jogadora!» Pegou na bola, levantou o pé e zás: deu um chute que deixaria muito satisfeito o pai. Então voltou-se para Flora e pediu: «A mãe disse que se eu me portasse bem me dava um prémio, dê lá!



Alegria de viver, em dois jovens rostos. São as filhas de Eusébio na hora do recreio

1 - O nosso amigo Tostão, famoso craque do Cruzeiro de Belo Horizonte e da selecção do Brasil, ao regressar do Oriente ao Rio com o seu clube (onde disputou 18 encontros, ganhando 13, empatando 4 e perdendo 1), confirmou à imprensa escrita e falada tudo o que asseverara lá fora: «Enquanto Yustrich treinar o Cruzeiro não vestirei a camisola desta agremiação. Por isso faço um apelo aos seus dirigentes para que cedam o meu passe». Claro, o «bolo» está formado. Tipicamente à brasileira, como os seus «sururus». Comenta-se que o clube «mineiro» cederá Tostão por 15 mil contos. Todavia, na época passada, o Feyenoord ofereceu 20 mil contos pelo excelente pontade-lança: e, de Belo Horizonte, nem ao menos um «muito obrigado» chegou à agremiação de mister Happel...

2 - No instante em que o dirigente da Portuguesa de Desportos, Constantino Eva (o homem que descobriu José Maria,

LIVRE E DIRECTO

a colaboração de CAGICA



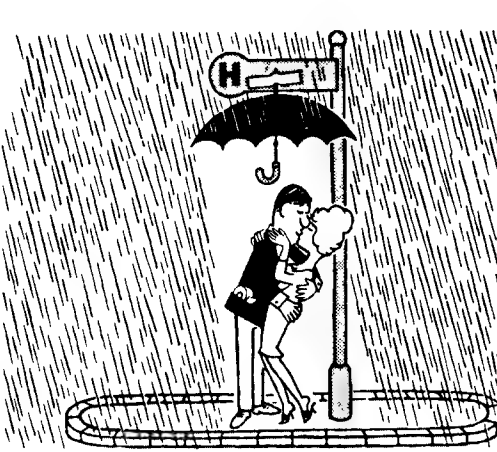
Leivinha, Márinho, Ratinho e Piau para a «lusa» do Canindé e para a selecção do Brasil), regressa a São Paulo, após um ano de estada entre nós, eis que chega a Lisboa o jovem «speaker» bandeirante Dráusio António, enviado da Rádio Marconi de São Paulo e do famoso locutor desportivo da TV Record, Raul Tabaja, com a finalidade de transmitir para o Brasil, os jogos do Campeonato Nacional de Futebol até ao seu final. E, com ele, o convite para

que este cronista fizesse os comentários respectivos: o que tem acontecido desde o jogo entre o Benfica e o Vitória de Setúbal.

3 - Artur Jorge é um dos mais categorizados, correctos e cultos jogadores de futebol que conhecemos. Dizia-nos há anos atrás, o dr. Almeida e Costa, então director da Académica de Coimbra: «Artur Jorge é um intelectual, não vai vingar no futebol profissional». Recordámos este episódio ao jogador

quando, em Agosto passado, viajavamos de autocarro entre Genova e Bergamo, ao que o n.º 9 benfiquista replicou: «Não sei porquê. Devo dizer-lhe que me adaptei perfeitamente ao futebol e ambiente vivido dentro do meu novo clube, uma organização onde os homens são tratados como tal e me sinto perfeitamente à vontade». No dia seguinte o Benfica jogou contra o Atlanta e venceu por 4-2. A crítica enalteceu Artur Jorge e considerou-o dos jogadores mais inteligentes que vira em acção naquele estádio. Na ida para o aeroporto de Milão voltámos a contactar com o «leader» dos marcadores nacionais, que nos confidenciou: «Assim que conclua o meu curso pretendo dedicar-me à actividade de Relações Públicas, uma ciência que está agora em moda e para a qual me julgo possuidor de aptidões ideais para o seu conveniente desempenho».

Inteiramente de acordo.



tesa**cola**bora consigo
fitas adesivas



de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA

Cinco pedras no charco

Chicote com a ponta de aço golpeou Juca, o sereno. Na escória da valeta ficaram as esperanças de uma boa estreia da selecção idealizada pelo jovem José Augusto. Envolvido na noite, como num cobertor felpudo, restou o voto de um vituoso debute de Scopelli á frente do futebol «azul». Com esqueleto de papel, o Porto de Feliciano baqueia e entrega todas as armas a um Sporting renovado e eufórico. Sem esconder a cara, o preparador inglês do Benfica retorna a penates com o sonho da invencibilidade enterrado na terra.

Uma semana fértil em jogos emocionais.

Mas, dissecado ponto por ponto, onde está o crime de Juca? ter dispensado para outras paragens os melhores valores do «plantel» académico? Não poder retardar por mais tempo (jovens que tinham atingido a idade para o serviço militar? Ser culpado de não ter havido tacto no recrutamento de novos valores?

Nada disso: o horrendo, o nefando, o tremendo crime de Juca, foi acreditar que tinha por si uma direcção inteira e uma equipa total. Foi não procurar, ainda que com outra sorte de prejuízos, afastar do «team» os paus-de-arara que se socorrem de prestigioso emblema da Académica para sacar uns escudos e arrastarem o dia-a-dia na conversa mole de estudos que nunca dão um passo em frente. Ou terminam no «canudo» de doutor caído do céu como benesses inesperada.

Esse o crime de Juca: o facto que lhe apontou a porta da rua e um adeus sem lágrimas.

«Papadopolos» passa a Constantino: assim começou o triste espectáculo que a Televisão (no altruísta dever de contribuir para a educação do Povo) retribuiu com 300 contos. Espectáculo que uns milhares de pessoas suportaram como se estivessem na primeira fila do circo romano, polgar em baixo, antecipadamente preparados para a derrota dos gladiadores estrangeiros e, de um instante para o outro, obrigados a aceitarem como boas as suas razões. Pequenas, mas honestas.

Perdido o «show», que resta na peneira da balança? A oportunidade quase ímpar de experimentar contra o rés-do-chão da Europa futebolística uma legião de jovens, capaz de estar presente em Munique? Exibir padrão de jogo estruturado e definido perante um opositor atento, venerando e obrigado? Mostrar que a honra de envergar a mais bonita camisola do país não pode ser fardo que se cumpre por dilantantismo?

Longe disso: no prato erguido resta a palidez amorfa de uma vitória contra excursionista «team» de bairro. Defronte de um grupo de esforçados rapazes (eles, sim) que envolveram poucas forças num feixe de nervos e não quiseram, sem discussão, aceitar o confronto com os senhores feudais de vasto império e larga fama.

Aí, o crime da selecção: dar a volta á rua só para cumprir o horário da entrada no escritório. E receber o ordenado.

Aos 64 anos de idade, estará Scopelli em condição física e mental para garantir aos

Belenenses que cumprirá até ao fim um contrato de prestação de serviços por quatro temporadas? E será Peres Bandeira o estilo-ideal de treinador para um clube que não tem vedetas e parece pouco disposto a adquirir-las em outros meridianos?

Não se pode colocar o ferreço na dupla, lá porque ela tombou em Faro (logo no primeiro passo) mas perante um adversário que nem sopa nem deixa para o alheio o direito de vencer no terreno que domina. Mas talvez tenha havido precipitação «azul» ao recrutar um técnico e só depois firmar contrato com o seu supervisor.

Na hora da descarga de responsabilidades, cada um encontrará um dia argumentos para alijar o peso dos seus ombros.

Que é feito do Porto de lustrique e Bela Gutman? Que é feito do Porto que nem sequer tinha no «plantel» uma indesmentível «estrela» como é Flávio? Que é feito do Porto que enchia as bancadas e trazia atrás de si «o homem da bandeira» e milhares de outros de coração risonho? Que é feito do Porto da minha meninice?

O retrato de Alvalade foi espelho das sucessivas «déclats» intramuros, dos múltiplos desaires que tornaram incompatíveis patrões e empregados. Enquanto que os grandes clubes do Sul têm de competir pela posse dos melhores futebolistas cá dos burgos, ao Porto basta franquear as portas das Antas para receber, em cada dia, uma mão cheia de aspirantes à profissão que é miragem.

Onde estão, ao lado de Oliveira e Pavão, esses garotos de ontem? Por onde se quedam, num longo e desesperante estílar, as vocações juniores e juvenis do Futebol Clube do Porto? Perdida a luta pelas hegemonias classificativas, quem lhe dá a oportunidade que Nené e Jordão tiveram no Benfica?

Antes de deitar fora, com uma periodicidade que conflagra, cada técnico que recruta, não valeria mais ao grémio das Antas ensaiar no primeiro laboratório as fórmulas de que dispõe?

O mérito da jornada barreirense contra o super-Benfica pode e deve ser destacado. Mas, sem o esmagador exagero com que chegou a ser apontado em letra de forma. Porque, custe o que custar aos **mais geniais dos génios**, não há homem que possa vangloriar-se de não ter conhecido, ao menos num momento da sua vida, o sabor acre e duro da derrota, da frustração, do desaire. E o Benfica, máquina de jogar futebol colocada no alto mercado internacional para render o máximo possível no menor espaço de tempo, pode estar a um passo de romper pelas costuras.

Porque, amigos, não é impunemente que se suportam mil lutas e mil esforços em cada passagem de segundo, em cada volta dos ponteiros.

Quem está por aí que seja capaz de corresponder a todas as solicitações que deseja cumprir?

No fim de contas, o aviso foi optimo. No dosear de energias, no equilíbrio entre as possibilidades e as realidades, deve fixar-se o rumo. E, se não há gerais invencíveis, também não consta na história que algum homem tenha conseguido sair intangível de toda uma vida.

Texto de **DANIEL REIS**
Fotos de
ANTÓNIO CAPELA



ELEGÂNCIA E JU

São nove atletas do Ginásio de Lourenço Marques e encontram-se actualmente em Lisboa: a competir e a ganhar. Quatro pertencem à categoria de juvenis, duas são seniores, uma júnior e duas ainda não têm idade para entrar em competições mas, em apresentações públicas para que foram convidadas, disseram já (claramente) que irão muito longe na modalidade desportiva que escolheram.

Arrebataram os títulos individuais, de todas as categorias, com excepção da «Trave Olímpica» — juvenis, que fugiu para Benguela. Logo, é uma equipa de verdadeiras campeãs: logo, não vieram fazer turismo. Chegaram, venceram e regressam: elas, satisfeitas com os resultados os mentores do clube bastante tristes, porque em matéria de apoios, não receberam o que legitimamente aguardavam.

É que a estadia da caravana de ginastas (mais o director José Alberto Patrício e o técnico Rolando Costa) ficou ao clube pela linda quantia de 200 contos e para essas duas centenas de notas de mil até agora não veio nenhuma das entidades desportivas provinciais. O técnico Rolando Costa esclarece melhor este ponto, que nos parece de fulcral importância, tanto pelos sacrifícios que acarretou para o clube, como pelo facto de elucidar suficientemente certos aspectos da nossa política desportiva. Claramente se vê pelas suas afirmações até que ponto o desporto é considerado entre nós como direito do povo ou luxo e devaneio de minorias, como nos bons tempos de Pierre Coubertin.

Nem o Conselho Provincial de Educação Física, nem a Associação Provincial de Desportos ou a Distrital contribuíram para a deslocação. Já o ano passado trouxemos uma atleta aos campeonatos nacionais e, então como agora, foi o clube (única) que lhe custeou a viagem. Lá promes-

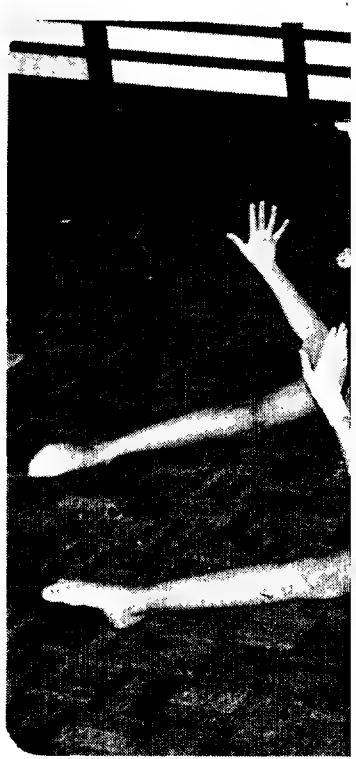
sas não faltaram, mas concretizações ainda não as vimos. Valeram-nos as ajudas de firmas comerciais e industriais da cidade, sem as quais não teríamos vindo. Além disso, os pais das ginastas pagaram seis contos do seu bolso e, neste momento, estamos na expectativa de receber um subsídio de entidades extra-desportivas, como sejam a Câmara Municipal de Lourenço Marques e o Governador do Distrito. Mas é uma expectativa...

Isto, o que se passou em relação às pessoas e entidades que na cidade do Índico mais directamente se relacionam com o Desporto e de quem se aguardava um sinal positivo. Em Lisboa, porém, o Ginásio de Lourenço Marques parece ter encontrado outra receptividade. Assim no-lo garante o treinador do clube:

O Ministro do Ultramar concedeu-nos um subsídio para pagar a despesa da estadia em Lisboa e, além disso, ofereceu-nos um passeio pelo Norte do País, em que visitámos a Serra da Estrela (as pequenas deslumbraram-se com a neve) e o Porto.

O CLUBE E O TÉCNICO

Mas esqueçamos (por ora) estes problemas, resolvidos com maior ou menor sacrifício por parte dos directores do clube, do técnico e dos próprios pais das miúdas, para conhecermos alguns pormenores mais acerca do modo como se construiu o belíssimo edifício desportivo que é o



Ginásio de Lourenço Marques. Para tanto socorramo-nos, mais uma vez, das informações de Rolando Costa:

O clube dedica-se também ao Judo e ao Karate, mas é na Ginástica que está a nossa grande força. Neste momento, temos 400 ginastas inscritas e, destas, 80 praticam regularmente Ginástica Desportiva e participam em competições. A secção de Ginástica Desportiva foi criada apenas há dois anos, com a minha entrada para o clube e, se neste pouco tempo as moças atingiram o nível que está à vista, calcule-se o que poderão fazer com mais anos de prática intensa e dedicada. Há ginastas que treinam quatro horas diárias, o que só é possível com extraordinária dedicação e grande entusiasmo. As vitórias agora conseguidas irão constituir como que um incentivo





Três sorrisos de vitória para Ana Maria Gonçalves, Maria da Graça Veiga e Ana Paula Pinto. As duas últimas não têm idade de competição mas são «estrelas» prontas a brilhar

Túbio (de 18 anos, campeã em Seniores «B», que vai à Alemanha frequentar um estágio de aperfeiçoamento até ao dia 9). Há, depois, a Maria José Costa da Silva, (16 anos prontos a arrebatarem o título de juniores) e mais quatro miúdas, todas concorrentes aos campeonatos nacionais de juvenis.

São Ana Catarina Patrício (que venceu o campeonato individual da categoria),

comitiva e director do clube José Alberto Patrício) que além de campeã nacional individual (com a soma de 35,55 pontos) se classificou em primeiro lugar nas paralelas assimétricas e em movimentos livres (com 9,50 em cada qual). Fez, ainda, um segundo lugar no saltos de cavalo e foi a grande figura dos Nacionais de Juvenis. Está já convocada para o Portugal-África do Sul a realizar nos próximos dias 15 e 16. Conta ela:

Nasci em Lourenço Marques no dia 8 de Setembro de 1959. Só pratico ginástica desportiva há dois anos, mas já levava mais seis de «Educativa». Treino cerca de quatro horas por dia e, por causa dos estudos tenho de me levantar às seis da manhã. As aulas ocupam-me desde as sete e meia (estou no terceiro ano do Liceu) até ao meio dia. De tarde estudo: e, entre as cinco e as nove, vou para o ginásio. Aos fins de semana vou para a piscina e também uma vez por outra ao Cinema. Sei nadar, mas nunca me tentou entrar em provas pois canso-me muito depressa. Além disso, o meu pai sempre me ajudou e fica muito satisfeito com as boas classificações na ginástica. Como eu também gosto, as quatro horas de treino por dia acabam por ser um prazer, mais do que um sacrifício.

Ao ouvir dizer isto com tal simplicidade, em especial o facto de treinar quatro horas diariamente sem constituir um sacrifício, pode-se compreender um pouco a sua estirpe de campeã. Como a Ana quer, mais tarde, tirar o curso do INEF (para ensinar a outras miúdas o que já sabe e o que ainda vai aprender é caso para dizer que muito há a esperar dela. Para já, é campeã nacional de juvenis e ficou a informação dada pelo seu treinador que em paralelas assimétricas já obteve, em Lourenço Marques, a bela pontuação de 9,80. Elucidativo acerca do que pode o trabalho conjugado com as qualidades pessoais cedo desenvolvidas.

Por fim, e para que melhor se compreendam certas queixas atrás expostas, refira-se que o Sport Benguela e Benfica, que também se deslocou ao Continente para disputar os campeonatos nacionais de juvenis (com seis ginastas) teve a viagem e a estadia completamente custeadas pelo Conselho Provincial de Educação Física de Angola.



Embora nada tenha a ver com a mais famosa nadadora portuguesa, esta mocinha moçambicana de sorriso inteligente e treze anos de sadia juvenildade, chama-se também Dulce Gouveia. Frequenta o segundo ano do Liceu, pratica ginástica há dois anos (média diária de três horas) e é filha de comerciantes. Foi primeira classificada no «salto de cavalo» (8,60 pontos) situando-se na segunda posição na «trave Olímpica» e na classificação geral: com um total de 35,20 pontos



Um «mortal» de Ana Patrício

JUVENTUDE



Lourenço-marquinas treinando para manter a forma

para trabalharmos cada vez mais e melhor.

Rolando Costa foi atleta do Ginásio Clube Português, frequentou diversos cursos de Ginástica Desportiva e, por mais estranho que pareça (atendendo aos frutos pedagógicos que agora nos apresentou) nem é treinador profissional. A sua actividade principal é de técnico de contas e só a partir das 17 horas pensa na ginástica e entra nas salas do clube laurentino. Sobre o brilho das suas pupilas, afirma:

Apesar das boas médias obtidas as pequenas podem fazer melhor. Algumas é a primeira vez que actua fora de Moçambique e estão a sentir-se bastante do frio. De qualquer modo, já previa o desfecho dos campeonatos nacionais, pois estive cá em Dezembro, em viagem particular, e logo me apercebi do nível dos clu-

bes metropolitanos. As colectividades de maiores responsabilidades só agora estão a fazer um trabalho de base, que talvez produza resultados daqui a dois ou três anos. Antes, não. Em Moçambique, se bem que de há dois anos para cá o Ginásio ganhe todas as provas, há mais luta, pois a Associação Africana, o Clube Ferroviário, o Indo-Português e o Sporting da Beira também têm bons ginastas.

AS PROTAGONISTAS

Numa afirmação clara do seu potencial humano, o Ginásio de Lourenço Marques fez deslocar à Metrópole atletas de todas as categorias.

Começando pelas mais velhas, temos Maria Eurydia Correia (campeã nacional de Seniores «A», de 23 anos de idade e de profissão química-analista) e Cynthia

Dulce Gouveia (segunda classificada na «geral»), Maria Alexandra Costa e Silva (segunda em paralelas e livres) e Ana Maria Gonçalves (terceira nas paralelas). Todas elas estudam, pelo que a ginástica é apenas um complemento ao dia a dia, embora lhe dediquem todo o seu entusiasmo de adolescentes.

Com elas deslocaram-se Ana Paula Pinto (de doze anos) e Maria da Graça Veiga, (dez) que não competiram mas que fazem já pequenas «maravilhas» em alguns aparelhos. No festival do Ginásio Clube, a Ana Paula ficou em 6.º lugar, à frente de todas as metropolitanas...

De todas, a que regressa com maior braçada de títulos e que mais promete em relação ao futuro é Ana Patrício (filha do chefe da

COLECTIVIDADES POPULARES

CLUBE DE FUTEBOL DE SASSOEIROS: o arranque de uma povoação

Por
ALEXANDRE PAIS

«Prezados consórcios: Tendo esta Direcção assumido as responsabilidades inerentes à sua eleição, vem por este meio tentar que..... continue ou passe a frequentar a sede da colectividade e que contribua com novos associados, dando-nos, deste modo, ânimo para os grandes empreendimentos que temos em vista nos terrenos pertencentes ao clube».

Assim reza a circular n.º 1, de 1972, do Clube de Futebol de Sassoeiros, fundado vai para vinte e seis anos. Projectos, todos temos: e sonhar só resulta em quem tiver um dormir tranquilo. Mas ter em vista «grandes empreendimentos» é caixa alta para minorias privilegiadas.

«Temos um projecto de um pavilhão gimnodesportivo para ser aprovado há cinco anos. A Câmara Municipal de Cascais já deu a sua concordância, concedendo-nos até licenças gratuitas. Da parte da Direcção-Geral de Desportos, do Turismo e da Inspecção dos Espectáculos, é que só nos têm levantado obstáculos. Agora, dizem que nos falta um traçado de águas, uma memória descritiva e não sei quê

mais. Não há meio dos projectos saírem de lá».

Deste privilégio nos dá conta o presidente do clube (Alfredo da Silva, inspector de vendas) que se integra numa equipa de dirigentes dinâmicos, a tal dos projectos em bom:

«Em actividade, continua a secção de ciclismo que entra em competições destinadas a amadores populares e da qual já saíram grandes nomes do desporto velocipedico, tais como Manuel Correia, Norberto Timóteo e Américo Silva. A este último até lhe matámos a fome. Podia ser alguém mas não teve juízo...»

Na sala dos troféus estava, entre outras, a camisola com que o ex-benfiquista venceu uma «Volta ao Estado de S. Paulo». (Nós vimos-la, Américo, e recordámos num breve segundo aquela memorável perseguição a Joaquim Agostinho numa etapa da «Volta a Portugal» em que o grande corredor «leonino», depois de uma fuga de muitos quilómetros, se viu apanhado por um pequeno grupo que tu comandavas. Pusete-lhe o Mendes ao lado, lembrestes-te? O mesmo Mendes que é, agora, o melhor depois de Agostinho. O mesmo Agostinho



Alfredo da Silva, o presidente: «Não se podem desperdiçar 3 535 metros quadrados de terreno»

que percorre de bicicleta as estradas da mesma França onde tu comes o pão que o diabo amassou).

Retornemos a Sassoeiros, onde o mourejar é feito de promessas:

«Estamos a retomar a prática do futebol e a criarmos secções de ténis de mesa e atletismo. Vamos, também, continuar com o tiro, modalidade onde já fomos grandes: só éramos batidos pelo Sporting. No entanto, a nossa grande preocupação neste aspecto é a ginástica infantil, com a qual queremos arrancar o mais breve possível, mesmo aqui na

nossa sede. Pensamos comprar um colchão, um piloto e tentar fazer um espalhar. Para já precisávamos de um monitor, que nos comesse a orientar».

Cabe aqui um parêntese para dizer que o Clube de Futebol de Sassoeiros se encontra instalado, desde 21 de Abril do ano passado, no edifício da antiga escola primária cedida a título provisório pela Câmara de Cascais. A sede anterior funcionava numa casa alugada por 800\$00. Nas obras que o clube efectuou na escola velha, que se encontrava praticamente em ruínas, consumiram-se algumas dezenas de contos. Isso não impede a tesouraria de apresentar o saldo positivo de 56 milhares de escudos, cujo destino está (aliás) traçado:

«Se dentro de dois ou três meses o problema do pavilhão não estiver resolvido vamos fazer um ringue de patinagem. Com umas tabelas de basquete e uns patins pomos em movimento toda esta rapaziada que vê aqui. Não podemos continuar a desperdiçar 3 535 metros quadrados de terreno. É que nem subsídios podemos pedir sem os projectos estarem aprovados....»

Realmente, a sede do «Sassoeiros» regista uma fre-

quência pouco vulgar em agremiações congêneres. Juventude então vê-se por todo o lado: no ténis de mesa, nos «matraquilhos», nas damas, no bilhar e até em reuniões norteadas pela necessidade de estruturar actividades futuras. E nestas a parte cultural não está esquecida: prevê-se a constituição de um grupo cénico com um palco móvel já estudado. Aos sábados realizam-se sessões de cinema e, futuramente pensa-se numa programação seleccionada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Os bailes dominicais destinam-se aos sócios (sem aumento de encargos para estes) pelo que o clube adquiriu a aparelhagem necessária. E como estamos de movimento associativo?

«As cotas vão de três a vinte

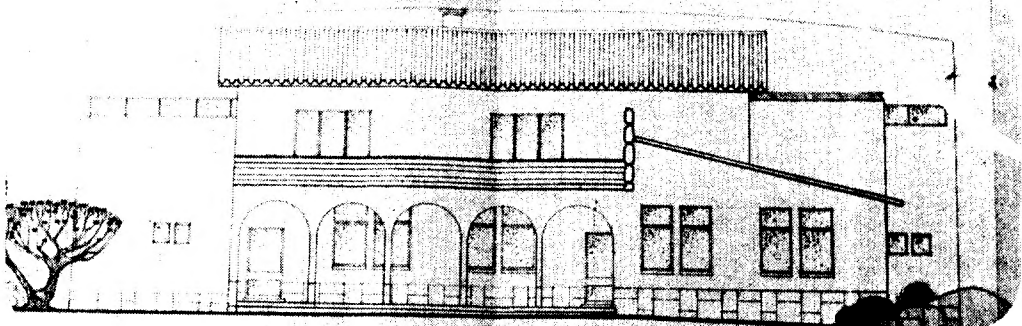
escudos: mas a média é bastante baixa. Temos cerca de seiscientos associados e a tendência é para subir. Além da cotização e da sala de jogos não temos qualquer outra fonte de receita. Da Câmara de Cascais não recebemos nada».

Certo. Sempre dão a sede. E porque não a título definitivo? Esperemos que o pavilhão gimnodesportivo comece, quanto antes, a ser construído. Que raio, então por causa dum papelada privam-se (durante cinco anos) dezenas, centenas de jovens, toda uma região, da prática do tal desporto que se pretende fomentar?

Prezados consórcios e amigos: vamos ajudar o Alfredo, o Paulo, o Henrique, o Dário, o Jaime e os Vitores? São eles os homens da grande arrancada de Sassoeiros.



Aqui se acerta o recomeço do futebol



Terreno para o pavilhão já há. Para quando a aprovação do projecto?

Correias—Mangueiras—Colas

GOOD YEAR

MELHOR QUALIDADE

Distribuidores:

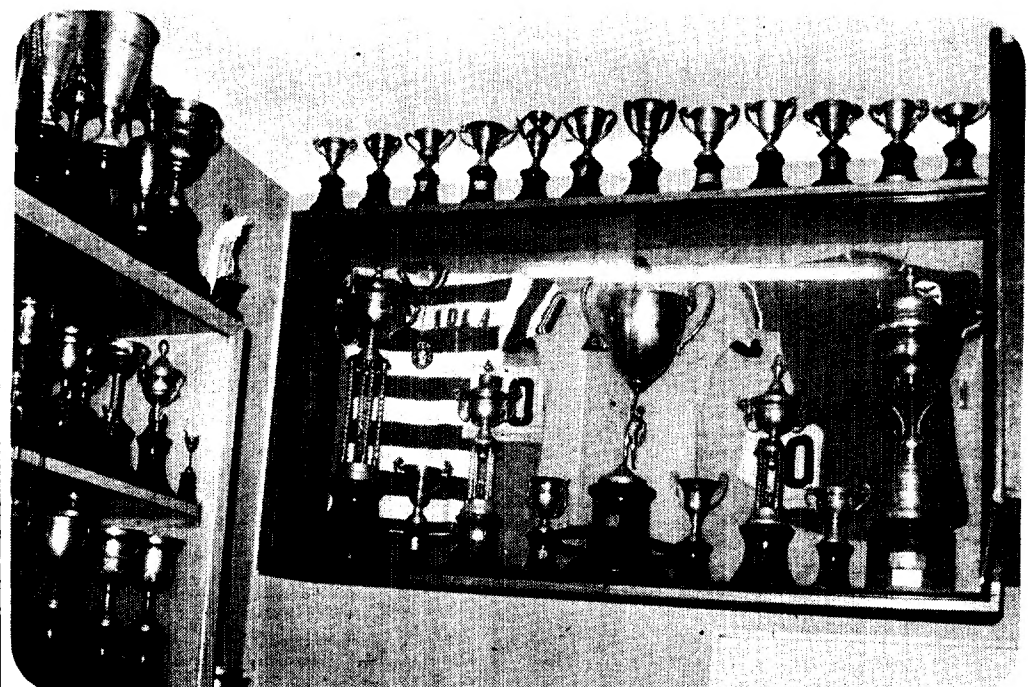
CANELAS & FIGUEIREDO, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 46 — Telef. 32 50 58 — LISBOA-2

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO



Troféus: símbolos de ontem, presentes na arrancada

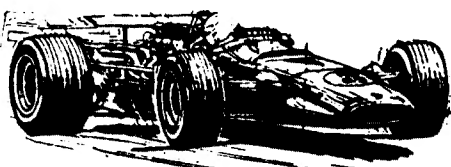
CRONOGRÁFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA



EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

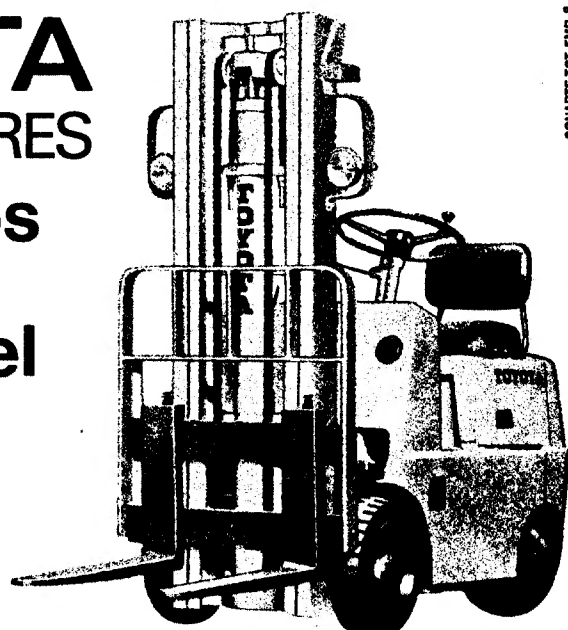


ANTICHOC - RESISTENTE 100% IMPERMEÁVEL

TOYOTA
EMPILHADORES

eléctricos
a gás
e a diesel

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA—
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88



TOYOTA uma força nova para a indústria

FIGURA

Electrónico Rebelo cidadão tranquilo

Na equipa do Vitória de Setúbal, que pratica o mais bonito futebol do país, Rebelo é figura muito influente. Num conjunto que joga sem extremo-direito, mas que ocupa racionalmente todas as zonas do terreno, Rebelo é o dono e senhor de todo o sector direito. Numa equipa de jogadores honestos e profissionais (dos mais sérios), Rebelo é modelo de ponderação, calma e sensatez. Numa cidade pacata e tranquila, Rebelo é pessoa considerada, por ser tranquilo, calmo também, bom conversador e, acima de tudo, despretensioso como o mais vulgar dos cidadãos. Agora está em foco. Pela carreira da sua equipa, pela sua excelente forma técnica e porque alinhou, pela primeira vez, noventa minutos seguidos com a camisola da selecção «A».

«Nasci em Setúbal, no dia 12 de Outubro de 1947 e o meu nome completo é Francisco Moreira da Silva Rebelo. Estudei na Escola Comercial e Industrial até ao terceiro ano, mas depois desisti, pois não gostava dos livros. Só me dava prazer assistir às aulas práticas e por isso preferi empregar-me, primeiro trabalhei numa fábrica de montagem de automóveis, depois dediquei-me à electricidade e à electrónica e ainda cheguei a ter um bom lugar na profissão. Entretanto o futebol impôs-se a tudo o mais e desde 1967 que sou profissional do Vitória. Já lá jogava desde 1961, nos juvenis, sendo meu treinador o sr. Valério. Dois anos depois passei aos juniores. Foram meus treinadores nessa altura, Emídio Graça e Polido. Em 1967, com Fernando Vaz a comandar a equipa, ascendi aos seniores. Durante dois anos, jo-

guei quatro ou cinco partidas na primeira categoria. Com a vinda de Pedroto para Setúbal e com os problemas levantados à volta da renovação do contrato do Conceição, subi à equipa



Contra Chipre o primeiro jogo inteiro pela selecção

principal, onde tenho jogado com uma certa regularidade».

PONTA-ESQUERDA

«Comecei por jogar a

avancado e, nos juniores, Polido fixou-me a ponta-esquerda. Depois houve necessidade de jogar a defesa esquerdo e eu fiz o lugar, tendo cumprido. Assim andei vários anos, até que passei para o lado direito, quando fomos em digressão à Venezuela e era preciso um lateral direito, pois Conceição não assinou e ficou cá. Da Venezuela fomos a Angola, o treinador Pedroto animou-me, insistiu comigo e nunca mais deixei de jogar a defesa direito. Actualmente até é o lugar de que mais gosto, pois como ainda não tenho o vício de atacar e como no Vitória não há praticamente, extremo-direito, tenho uma certa liberdade para me adiantar no terreno. O pior é quando defronto o Dinis, pois tem uma passada tão larga e corre tanto que a gente não se pode descuidar. Se nos adiantamos um milímetro mais, já só se vê o Dinis a correr nas nossas costas, a toda a velocidade. De resto, julgo que tanto posso jogar num lado como no outro, embora reconheça que a rotina me deu um certo a vontade na direita. Se o treinador entender que é necessário, não tenho problemas em voltar ao antigo posto».

INTERNACIONAL

«As minhas maiores alegrias como futebolista foram as internacionalizações. Joguei três vezes na selecção de juniores (com estreia na Jugoslávia, em 1966), uma nas «Esperanças» (contra a Dinamarca) e três na selecção «A». (Conta a Bélgica, em Bruxelas) e perante a Dinamarca, (no Porto), mas só actuei parte do desafio. Agora, contra o Chipre, é que fiz todo o jogo. A

melhor exibição da minha carreira foi contra o Split, da Jugoslávia, quando ganhámos (2-0) em Setúbal. Profissionalmente já me será difícil ir mais longe, pois tive bons treinadores e já não devo evoluir mais. Não é que eu saiba tudo, mas sinto-me realizado futebolisticamente e as minhas faculdades estão aproveitadas até ao infimo promenor. Só poderei melhorar, sim, as minhas condições de remuneração profissional, mas para isso teria de jogar num dos grandes clubes. Para já tudo vai normalmente e estou a jogar bem, satisfeito com o meu clube e com um ano de contrato para

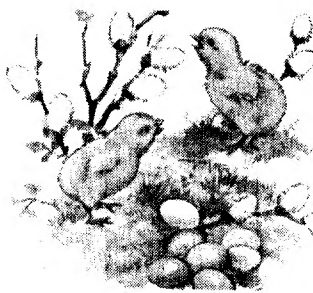
cumprir. Sair daqui só em muito boas condições.»

SANDRO MIGUEL

«De há sete meses para cá sou pai de um rapaz, de nome Sandro Miguel e quero que ele tire um curso superior, o que eu não fiz e podia ter feito. Claro que se quiser jogar a bola que jogue, mas deve estudar. Nunca tive grande queda para os estudos. O meu futuro ficará ligado à profissão que aprendi antes de ser profissional de futebol. Se tiver sorte (isto é: se vier ainda a receber alguns bons dinheiros no futebol) talvez monte um negócio, uma casa

de artigos eléctricos ou uma oficina como a que o Jaime Graça tem em Setúbal. Se as coisas não me correrem de modo a ganhar o dinheiro necessário, serei apenas técnico de electricidade e electrónica, trabalharei por conta própria ou para outro patrão. O certo é que não receio o futuro, estou apto a começar a trabalhar agora mesmo, se for necessário. Treinador é que eu nunca serei. É uma vida muito difícil, tem de ensinar e compreender jogadores que nem sempre colaboram muito bem e está sempre sujeito a apanhar pontapés aqui e acolá se as coisas não correm bem.

SURDOS



CASA SONOTONE

DESEJAMOS PASCOA FELIZ A TODOS OS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS; E A TODA A IMPRENSA QUE CONNOSCO COLABORA

É uma tristeza não ouvir bem! Aproveitem esta altura da Páscoa para aferecerem aos seus familiares um aparelho auditivo, a fim de serem felizes voltando à alegria de viver. Os exames são gratuitos. Temos o que há de melhor para corrigir a surdez: Aparelhos de bolso, atrás da orelha, óculos via aérea e óssea, pilhas de todas as voltagens. Assistência permanente. Esperamos a sua visita em Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/l. — Porto, Praça da Batalha, -92, 1.º. — Luanda, R. Ant.º Enes, 42, 2.º. Apartamento 26.

O futebol de amanhã

Era um desses jogos nacionais de relativa importância, onde nem sequer chegam a registar-se, normalmente, ataques cardíacos. Duas equipas de craveira média (já não recordo os nomes nem as cores) defrontam-se lá em baixo, sob um sol escaldante de princípio de Verão. Havia meia hora da segunda parte que estavam naquilo. Ao que ouvia dizer à minha volta aos «entendidos da bancada», o desafio tornara-se, devido ao cansaço dos jogadores, acumulado ao longo de toda uma jornada, um jogo de entretém. O que interessava, fundamentalmente, era não perder. Daí que a grande e penosa força das equipas se concentrasse na defesa, o que aliás me parecia inútil, perante a quase ausência de ataque. Mais do que confronto, era uma conversa informal entre amigos e até parecia existir convívio entre os dois grupos sob a forma de um pacto tácito de não agressão.

Por isso - e porque o público que enchia o estádio pagava, sem esperança de reembolso, o respectivo bilhete, o jogo tornara-se, por assim dizer, escandaloso. Esta era, pelo menos, a opinião da malta que se sentava na fila atrás de mim, e cujo entusiasmo se tornava muito mais espectacular do que o que se passava lá em baixo sobre o relvado.

Não sei se chegariam a ser onze jovens. Tinham um aspecto asseado - sem, contudo, darem a impressão de ser alunos internos de um colégio. Havia neles qualquer coisa de singular. Durante a primeira parte, prestavam a maior atenção ao desafio num quase religioso silêncio.

Os comentários que, raramente, se ouviam, assumiam para mim, se tivesse a preocupação de os fixar uma função didáctica, pois incidiam sobre pormenores de ordem técnica que me passavam completamente despercebidos.

A excitação só veio depois dos primeiros minutos da segunda parte, quando se tornou notório que as equipas não passariam dali. O escândalo da coisa fez subir o sangue à cabeça dos jovens. A partir de então, o seu vocabulário tornou-se muito menos técnico. «Na cama é que se descansa», «um balde de água nos queixos», «isso é pachorra de boi» - era o que de somenos importância se podia ouvir. Nunca cheguei a perceber se as exclamações dos moços traduziam um es-

Por REGINA LOURO

cape para a revolta contra a «ostensiva preguiça» dos jogadores, perante a «passividade insolente» do árbitro, ou se pretendiam ir mais longe, como um incitamento à luta, um apelo ao ataque sem tréguas compensado por uma defesa cerrada, uma achega para o aquecimento da partida. Se esta era a intenção posso dizer que foi completamente baldada.

Escandalosamente indiferentes à fúria dos rapazes, os homens do «chuto» lá continuavam naquela apatia de fazer perder a paciência a um santo, quanto mais a um espectador de futebol. Diz-se, até, que os jogadores adversários trocavam entre si ostensivos sorrisos de cada vez que se cruzavam, como se estivessem ali para gozar o Zé pagante.

Verdade ou não (era assunto para uma investigação mais cuidada por parte de quem de direito) o certo é que os rapazes de aspecto limpo perderam, quase ao fim do jogo, as estribeiras. Atropelando quem quer que se encontrasse à sua frente, provocando os mais veementest protestos por parte da assistência circundante, os rapazes abandonaram, solenemente a bancada.

Cheguei a pensar que iriam lá em baixo, enfrentar a força da polícia para invadir o campo e dar uma lição aos «engraçadinhos». Confesso que comeci, também, eu, a ficar excitado com a situação. Mas não havia motivo para tanto: o jogo prosseguiu normal e molemente até que o árbitro assinalou o fim e os polícias, ao que penso, não se viram os braços com qualquer manifestação particular de jovens.

Soubes, depois, que aquele grupo de malta, que talvez não chegasse aos onze mas andava lá perto, saiu do estádio para nesse mesmo dia deliberar a constituição de uma equipa de juniores, cuja finalidade é, não propriamente a competição, mas mostrar aos profissionais como é que se joga. Ao que me contaram a iniciativa foi avante e os jovens já tiveram oportunidade de se exibirem em alguns desafios de juniores lá do bairro. Já ouvi dizer (a testemunha ocular insuspeita) que estes jovens representam o futebol de amanhã.

Se esta previsão tem alguma viabilidade de concretização desconheço; porque em matéria de futebol, confesso, a única coisa que sei, e incontestavelmente, é que a bola é redonda.

tanta loiça!



riber lava-a toda!

A máquina super automática-bio, de maior capacidade do mercado.

Modelos para 8 e 12 pessoas (incluindo tachos)

Equipadas com rodas e descalcificador



SABEL

Rua D. Estefânea, 98 - LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO

EM EXPOSIÇÃO:

EXCLUSIVOS ELÉCTRICOS, LDA.
Avenida Almirante Reis, 12-A

RAIO DA LUZ, LDA.
Rua da Prata, 143

MUNDO ELÉCTRICO, LDA.
Rua Conde Redondo, 1-A

REI DA VOZ, LDA.
Estrada de Benfica, 725-C

INQUÉRITO

QUE FAZ PERDER O PORTO?

Por
ORLANDO DIAS AGUDO

Que se passa com a equipa de futebol do F.C. do Porto? Relegada para um plano muito secundário, por força dos maus resultados que a têm assaltado (moricote nos jogos disputados em casa), nem as «chicotadas psicológicas» a conseguem fazer passar do plano negativo que desde o início da temporada a marcaram.

F.C. do Porto: um «dossier» já volumoso (e algo misterioso) que teima em permanecer fechado, inviolável.

Sobre o tema proposto depõem três jogadores: o guarda-redes Rui, o «capitão» Pavão e a «esperança» Oliveira.

«A MASSA ASSOCIATIVA É EXIGENTE»

F.C. do Porto no banco dos réus: primeiro advogado de defesa, o guarda-redes Rui:

«É um problema bastante delicado, que levaria muito tempo, talvez, a ser explicado. Até porque, nós os jogadores, não encontramos expli-

cação para o que se passa com a nossa equipa. Temos vontade de ganhar, esforçamo-nos por isso, mas a verdade é que derrotas imprevisíveis continuam a manchar e a desacreditar o nosso trabalho. O campeonato, para nós, começou praticamente com uma derrota nas Antas, contra o Benfica. A partir daí criamos como que uma espécie de aler-

gia aos jogos disputados no nosso ambiente:

Parece que não temos confiança nas nossas possibilidades. A massa associativa julga-nos como responsáveis da situação: e isso ajuda a explicar os maus resultados que se reflectem na classificação geral.

Rui Fernandes Sousa Teixeira: nado e criado no F.C. do Porto, fugiu — ao escolher o futebol como modalidade desportiva praticada — às tradições da sua terra: Mealhada sempre foi uma fonte de bons ciclistas. Desde os 14 anos, uma dedicação ao serviço do seu único clube: o Futebol Clube do Porto — onde soube esperar pela sua hora. Depois de passar pelos juvenis, foi «internacional» júnior, e aguardou sete anos à sombra de Américo. Depois, uma lesão num joelho, afastou-o dos relvados durante seis meses. Até que reapareceu para se tornar o efectivo do lugar.

«Foram muitas as contrariedades que a nossa equipa atravessou na presente temporada. Mudámos várias vezes de treinador, e isso não ajuda ninguém. Vários métodos, preparações diferentes: e nós a adaptarmo-nos a isso tudo. Cada vez que nos apresentamos nas Antas, parece que nos sentamos num banco de réus: a nossa massa associativa é bastante exigente, e a verdade é que ela não nos tem ajudado muito. Quando mais necessitamos de apoio (moral, que seja), é quando nos tratam pior. Enfim, como temos um bom lote de jogadores, julgo que tudo é uma questão de tempo. O azar não deve estar sempre... por detrás da minha baliza. Em breve retomaremos o caminho perdido e daremos grandes alegrias aos sócios e simpatizantes do clube.»

(Este é Rui, o internacional júnior que chegou a campeão da Europa na categoria, e que já sonhou com a internacionalização «A». Pensa, todavia, que já lá não chega: aos 29 anos é difícil conquistar a confiança de qualquer seleccionador...)

NÚ E DE BRAÇOS ABER-TOS

Capitão «Pavão» é natural de Chaves, tendo



Que falta a esta equipa para competir pelos títulos?

visto a luz do dia, pela primeira vez, em Agosto de 1947. Para o futebol, nasceu no Desportivo de Chaves, onde esteve (como juvenil) durante uma época. Transitou de imediato para o F.C. do Porto, onde foi «internacional» júnior, subindo na época seguinte à primei-

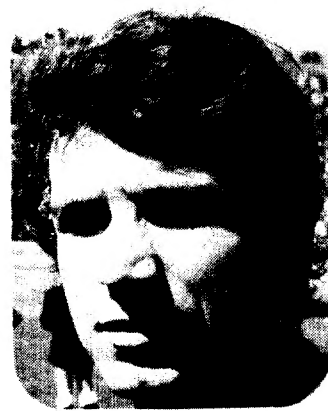
nú e de braços abertos. Daí a razão de ser do nome por que é hoje conhecido).

Fernando Pascoal Neves — de seu nome de baptismo — estudou no liceu, tendo completado o 5.º ano. Depois, surgiu o Futebol Clube do Porto na sua vida, tornou-se

maior esperança da turma azul e branca. Nasceu em Penafiel, a 10 de Junho de 1952, e não chegou a terminar o 5.º ano liceal. Ainda só conheceu uma camisola: a do F.C. do Porto. Mas, como profissional do futebol, está pronto a estudar qualquer proposta. Julga que a profissão de futebolista pode ser rendosa e susceptível de salvaguardar o futuro, desde que se tenha juízo, não fazendo asneiras. É o que tem procurado fazer. Solicitado a comentar a actual posição da sua equipa, falou assim:

«No meu entender, o que mais prejudicou a minha equipa, esta época, foi a constante mutação de treinadores. Com tantas mexidas, tanto no plano de preparação, como no tático, os jogadores ainda não encontraram o seu fio ideal. Além disso, e no que diz respeito, principalmente, aos jogos disputados nas Antas, temos como que uma espécie de acanhamento perante o nosso público: sentimos demasiado a responsabilidade, a obrigação de ganhar. E, assim, se as coisas não nos saem bem logo à primeira, surgem os nervos e consequentemente a «coisa» começa a carregar pior. Mas, esta crise tem de passar, pois um F.C. do Porto em plena forma faz falta ao futebol português.»

Este é Oliveira — António Luís Alves Ribeiro de Oliveira de seu nome completo — um homem que sonha com a camisola das quinas, e que é a grande esperança para um «novo» F.C. do Porto. O tal, que faz falta ao futebol português.



RUI: sete anos à sombra de Américo e agora já quase descrente de chegar à selecção nacional



«Capitão» Pavão: nú e de braços abertos na razão de ser uma alcunha

ra categoria. Sobre o actual momento da sua equipa, advoga deste modo:

«Tem sido, realmente, uma época inconstante. Afecta-nos problemas que afligem, ciclicamente, todas as turmas, mesmo as maiores. Só que, no F.C. do Porto, esta crise já se arrasta há muito tempo. Mudámos diversas vezes de orientador e isso, mesmo psicologicamente, afectou-nos. No entanto, os destinos de um grande clube, como o meu, são dirigidos pelos directores, os únicos que podem, em última análise, responder concretamente a esse pedido de explicação.»

(«Pavão» é alcunha: posta por um familiar muito chegado e que nada tem de depreciativo. Justifica-se na sua infância: quando era miúdo, costumava andar

profissional e abandonou os estudos: quer dizer, ainda se matriculou num colégio, mas não conseguiu ultrapassar o primeiro período.

Fora do futebol, a sua vida é o... futebol. Treinos de manhã e à tarde, e o tempo esgota-se ao serviço do clube. Já foi contactado por outras colectividades (algumas da capital) mas nunca pensou sair do Porto. «Isso é problema que só a direcção pode resolver» — acrescenta).

«Capitão» Pavão, não gosta de falar muito dos insucessos da sua equipa. Confia no futuro. Porque é no futuro que mora a esperança.

SER JOVEM E TER JUÍZO

Oliveira é dos mais jovens na actual equipa das Antas e também a



OLIVEIRA: jovem e com juízo, é um profissional que está disposto a estudar todas as propostas para melhoria do futuro